

Mário António  
*Lírica Completa*



**Professor Doutor Francisco Soares**

Esta *Lírica Completa* do grande poeta angolano **Mário António Fernandes de Oliveira** foi organizada pelo **professor Francisco Soares**, da Universidade de Évora, que preparou a anotação científica.

O professor Francisco Soares é igualmente autor de *A autobiografia crítica de "M. António": uma estética e uma ética da criouliidade angolana*, Évora, Editora Pendor, 1996, 421 p., a qual está considerada uma obra de referência.

Agradecemos ao professor Francisco Soares ter generosamente cedido o seu livro, já digitalizado, para que o pudéssemos pôr à disposição de um vasto público interessado.

É igualmente uma satisfação pessoal prestarmos homenagem a Mário António, um dos poetas de maior relevo (senão o maior) da literatura angolana e também um amigo desde os tempos antigos da Maianga,

**A. Torres**



**O poeta Mário António**

# NÃO ERAM PALAVRAS

Mário António

(Angola)

I

**POEMAS ESCRITOS E PUBLICADOS EM LIVRO ATÉ À ANTOLOGIA  
100 POEMAS (inclusivamente)**

## AVÓ NEGRA <sup>1[1]</sup>

Minha avó negra, de panos escuros  
Da cor do carvão.  
Minha avó negra, de panos escuros  
Que nunca mais deixou.

Andas de luto,  
Toda és tristeza.

Heroína de ideias,  
Rompeste com a velha tradição  
Dos cazumbis, dos quimbandas.

Não xinguilas <sup>2[2]</sup> no óbito.  
Tuas mãos de dedos encarquilhados  
Tuas mãos calosas da enxada  
Tuas mãos que me preparam  
Mimos da nossa terra  
(Quitabas e quifufutilas)  
Tuas mãos, ora tranquilas,  
Desfiam as contas gastas  
De um rosário já velho.

Já não sabes xinguilar, <sup>3[3]</sup>  
Não fazes mais que rezar. <sup>4[4]</sup>

---

<sup>1[1]</sup> Poema publicado primeiro *POEMAS & CANTO MIÚDO* (pp. 8-9, já com data de 1950), posteriormente em *CHINGUFO* (p. 17) e depois nos *100 poemas* (p. 7), outra vez com data de 1950 (é o único desse ano e o primeiro de toda a produção aí apresentada).

<sup>2[2]</sup> "Chinguilas" nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* e em *CHINGUFO*.

<sup>3[3]</sup> "Chinguilar" nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* e em *CHINGUFO*.

Teus olhos perderam o brilho.  
E da tua mocidade  
Só te ficou a saudade  
E um colar de missangas.

Avøzinha, às vezes,  
Ouço vozes  
Que te segredam saudades  
Da tua velha sanzala  
Da cubata onde nasceste  
Das algazarras dos óbitos  
Das tentadoras mentiras do quimbanda  
Dos sonhos do alembamento <sup>5[5]</sup>  
Que supunhas merecer.

E penso que  
Se pudesses  
Talvez revivesses  
As velhas tradições!

## **A HISTÓRIA TRISTE** <sup>6[6]</sup>

O luar cobriu-lhe o rosto negro  
De um manto de magia.  
E eu vi-lhe os olhos tristes, cintilantes  
Como as estrelas no veludo negro do céu.

Apertei em meus braços  
Seu corpo virgem, escaldante.  
E ela fugiu, veloz, aos meus abraços.

Os seus olhos tinham uma expressão parada  
E eu vi que se fixavam no passado  
No passado misterioso e insondável.

Seus olhos perscrutavam um mistério  
E os meus  
Os meus olhos febricitantes  
Mergulharam no mistério dos seus olhos.

E vi

---

<sup>4[4]</sup> Nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* e em *CHINGUFO* este verso e o de cima formam, sozinhos, uma estrofe.

<sup>5[5]</sup> Nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* está grafado "alambamento".

<sup>6[6]</sup> Publicado primeiro em *POEMAS & CANTO MIÚDO* (pp. 7-8), já com data de 1951. Aparece nos *100 poemas* como o primeiro de 1951 (p. 11).

E vi filas de escravos no sertão  
E vi negros chorando no porão do negreiro.

E ouvi  
E ouvi o ruído das correntes  
E os gritos das mães sem filho  
E das amadas sem noivo.

E os meus lábios se abriram <sup>7[7]</sup>  
Temerosos  
Para contar a grande história  
A história triste.

Ela não disse nada.  
Os seus olhos tinham a mesma expressão parada.  
O mesmo gelo na quietude do seu rosto.

Então  
Vi que ela tudo sabia  
E que  
O que eu sabia de ter lido  
Ela tinha gravado em sua carne!

### **À PROCURA DE UM POEMA** <sup>8[8]</sup> *para António Manuel Couto Viana*

À procura de um poema  
Fui-me deixando ir  
Ao pé do mar.  
E molhei os pés na maré  
Inconscientemente  
À procura de um poema.

Era o anoitecer  
Anoitecer feio, cheiroso, sem crepúsculo. <sup>9[9]</sup>

Um cheiro penetrante me envolveu  
Cheiro vivo de morte  
Cheiro de maré vazia

Quando limos e mabangas  
Apodrecem na praia

---

<sup>7[7]</sup> Em *POEMAS & CANTO MIÚDO* este verso está reunido ao seguinte.

<sup>8[8]</sup> Foi o segundo poema de 1951 publicado nos *100 poemas* (p. 13). Nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* aparecera a pp. 9, com essa data. Tome-se em consideração a dedicatória.

<sup>9[9]</sup> "cheiroso e sem crepúsculo" nos *POEMAS & CANTO MIÚDO*.

Sobre a areia.

(Cheiro que me envolveu e penetrou <sup>10[10]</sup>  
Era, decerto, meu poema).

Ah, cheiro dos cavernames dos negreiros  
Cheiro dos porões apodrecidos dos veleiros  
Cheiro dos corpos mortos atirados à água  
(Cheiro dos limos que os envolveram  
— Mortalhas de cor verde)  
E que ficaram boiando  
Na superfície glauca do oceano  
Té que um bando de corvos solitários  
Veio comer-lhes os restos mortuários.

## **FUGA PARA A INFANCIA** <sup>11[11]</sup>

Nas tardes de domingo  
(Cheirava a doce de coco e rebuçado)  
Os meninos brincavam  
Iam passear ao mar  
Até o Morro iam  
Ver a gente.

O menino ficou preso  
Quando cresceu.

E nas tardes do domingo  
Vozes vinham chamá-lo  
Vinham ecos de vozes  
Que lindas vozes o menino ouvia!

Mas o menino estava preso  
E não saía...

Numa tarde de domingo  
Os outros meninos vieram chamar  
O menino preso...  
E foi nessa tarde de domingo  
(Cheirava a doce de coco e rebuçado)  
Que o menino fugiu pra não voltar.

---

<sup>10[10]</sup> "e penetrou" forma um verso isolado nos *POEMAS & CANTO MIÚDO*. Para além disso, o período não está envolvido por parêntesis.

<sup>11[11]</sup> Foi primeiro publicado em *poesias* (p. 4), com data de 21-10-1951. Em *CHINGUFO* é o segundo poema, logo a seguir à "Rua da Maianga". Nos *100 poemas* aparece a pp. 17.

## NÃO QUERO MAIS ESTUDAR <sup>12[12]</sup>

Não quero mais estudar  
Não quero mais ser doutor  
(Ai a voz de minha mãe:  
-Meu filho vai ser doutor...)

Quero andar só pelas ruas  
Passar o dia na praia  
Quero ir aos cajueiros  
Comer cajus sem pagar  
Quero subir aos coqueiros  
Andar num dongo no mar  
(Ai a voz de minha mãe:  
-Meu filho vai ser doutor...)

Quero andar pelos musseques  
A vadiar sem pecar  
Ir à Samba <sup>13[13]</sup> tomar banho  
-Lá se toma todo nu...  
(Ai a voz de minha mãe:  
-Meu filho vai ser doutor...)

Quero amar pelas estradas  
As moças quentes das fábricas  
Meu amor inconsequente:  
Olhar, mangar e mais nada  
(Ai a voz de minha mãe:  
-Meu filho vai ser doutor...)

Ai a voz dos meus sentidos  
Ai a voz dos meus amores  
Ai a voz...

Das ruas da cidade  
Do mar  
A voz...

---

<sup>12[12]</sup> Publicado pela primeira vez em *POEMAS & CANTO MIÚDO* (p. 10, com data de 1951), a seguir em *CHINGUFO* (p. 13) — com o título "EVASÃO" — e depois nos *100 poemas* (p. 14), tendo já por título o primeiro verso e vindo com data, também, de 1951, data confirmada nos *50 poemas* (p. 31).

<sup>13[13]</sup> A palavra não é maiusculada nos *POEMAS & CANTO MIÚDO*, nem em *CHINGUFO*.

## NOITES DE LUAR NO MORRO DA MAIANGA <sup>14[14]</sup>

Noites de luar no Morro da Maianga  
Anda no ar uma canção de roda:  
«Banana podre não tem fortuna  
fru-tá-tá, fru-tá-tá...»  
Moças namorando nos quintais de madeira <sup>15[15]</sup>  
Velhas falando conversas antigas  
Sentadas na esteira  
Homens embebedando-se nas tabernas <sup>16[16]</sup>

E os emigrados das ilhas...  
— Os emigrados das ilhas  
Com o sal do mar nos cabelos <sup>17[17]</sup>  
Os emigrados das ilhas  
Que falam de bruxedos e sereias  
E tocam violão  
E puxam faca nas brigas...

Ó ingenuidade das canções infantis <sup>18[18]</sup>  
Ó namoros de moças sem cuidado  
Ó histórias de velhas  
Ó mistérios dos homens

-Vida! <sup>19[19]</sup>  
Proletários esquecendo-se nas tascas  
Emigrantes que puxam faca nas brigas  
E os sons do violão  
E os cânticos da Missão

Os homens  
Os homens  
As tragédias dos homens! <sup>20[20]</sup>

---

<sup>14[14]</sup> Publicado primeiro nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* (pp. 10-11), depois em *CHINGUFO* (p. 15) sob o título "NOITES DO MORRO". Posteriormente saiu nos *100 poemas* com o título igual ao primeiro verso, e datado de 1951 (p. 16). De forma geral, a pontuação desaparece na passagem de *CHINGUFO* para os *100 poemas*.

<sup>15[15]</sup> Este verso tinha ponto e vírgula no final em *POEMAS & CANTO MIÚDO*, e em *CHINGUFO*.

<sup>16[16]</sup> Este verso e o anterior tinham ponto e vírgula no final em *POEMAS & CANTO MIÚDO*, e em *CHINGUFO*.

<sup>17[17]</sup> Este verso terminava com vírgula nos *POEMAS & CANTO MIÚDO*.

<sup>18[18]</sup> Este verso era introduzido por um travessão em *POEMAS & CANTO MIÚDO*, e em *CHINGUFO*.

<sup>19[19]</sup> Em *CHINGUFO* a palavra não tinha maiúscula nem exclamação.

<sup>20[20]</sup> Em *POEMAS & CANTO MIÚDO*, e em *CHINGUFO*, não havia ponto de exclamação.

## POEMA MARÍTIMO NUMA CIDADE DO SUL <sup>21[21]</sup>

Tua presença

Mar <sup>22[22]</sup>

Esquecida nas ruas poeirentas

Da cidade

Nos armazéns

Nos cais

Na roupa dos estivadores

No cheiro das moças

Em seus cabelos

Olhos

Lábios

Tudo...

Tua presença

Sempre bem viva em mim

Em fragmentos verdes

De recordações verdes como as algas...

Tua presença

Mar

Em meus poemas vividos

E não vividos

Em minhas orações silenciadas

Nas tatuagens gravadas

Nas costas

Dos meus desejos.

Mar

Presença.

Presença continuada

E repetida.

Mar.

Mar.

---

<sup>21[21]</sup> Poema publicado primeiro em *POEMAS & CANTO MIÚDO* (pp. 13-14, com data de 1951), a seguir em *CHINGUFO* (p. 31) e depois nos *100 poemas*, com data de 1951 (p. 18). Na passagem para os *100 poemas* desapareceram as vírgulas.

<sup>22[22]</sup> Todos os versos constituídos apenas pela palavra "Mar" estavam integrados em estrofes antes dos *100 poemas*.



## **POEMA PARA BENGUELA** <sup>23[23]</sup>

Cidade de S. Filipe, cheiro de mar e peixe.  
Praia Morena <sup>24[24]</sup>, gente morena  
Gente sabendo a mar.

Cidade de S. Filipe, essa mulata.  
Mulata, essa cidade?  
Não, cabrita:  
Tem cabelos de cabrita  
E lábios de cabrita.  
A cor?  
A cor é negra.

Cidade de S. Filipe, eu voltarei.  
Vitória é de Benguela: Eu voltarei.  
Vencido, ficarei preso ao teu corpo,  
Cidade de S. Filipe de Benguela!

## **PLANALTO** <sup>25[25]</sup>

Lembrança do planalto <sup>26[26]</sup>:  
Numa vilória perdida  
A voz de um rádio que grita.  
junto à estrada, esquecido,  
A olhar o longe que não vê  
— Na camioneta que vem  
Na camioneta que vai — <sup>27[27]</sup>  
Esse negrinho perdido  
Que nunca viu o Kalunga

— o Mar! <sup>28[28]</sup>

---

<sup>23[23]</sup> Publicado primeiro em *POEMAS & CANTO MIÚDO* (p. 14, já com data de 1951), depois em *CHINGUFO* (p. 62) e posteriormente recolhido nos *100 poemas*, entre os de 1951 (p. 20).

<sup>24[24]</sup> Em *CHINGUFO* é grafada com minúscula esta palavra, ganhando em conotação o que perde em denotação, visto tratar-se de um topónimo.

<sup>25[25]</sup> Publicado primeiro em *POEMAS & CANTO MIÚDO* (p. 17, datado como de 1951), mais tarde em *CHINGUFO* (p. 33) e depois nos *100 poemas* (p. 21), com data de 1951.

<sup>26[26]</sup> Em *POEMAS & CANTO MIÚDO* e em *CHINGUFO* esta palavra era grafada com maiúscula.

<sup>27[27]</sup> Em *CHINGUFO* estes versos aparecem por ordem inversa: “Na camioneta que vai / Na camioneta que vem”

<sup>28[28]</sup> Em *CHINGUFO* este verso não aparecia isolado.

Terra verde de impalas e gazelas  
Das grandes correrias sem sentido <sup>29[29]</sup>  
Ó Sul,  
Deixaste a tua marca em tua gente! <sup>30[30]</sup>

Vasco, filho de branco,  
Quê das tuas histórias de caçadas  
E os teus olhos brilhantes de ardor  
E a tua alma inquieta entre nós outros  
Teus companheiros indiferentes da cidade?

Sul: <sup>31[31]</sup>

Assim me entrego a ti pra que me dê  
O ardor que esta cidade me não deu.  
Dela conserva-me apenas a poesia  
Desse outro infinito que não tens:

Kalunga, o Mar! <sup>32[32]</sup>

**MAR** <sup>33[33]</sup>

Mar

Nosso caminho  
Nossa estrada...

Mar

Nosso confidente  
E companheiro...

Mar

Nossa casa  
E cemitério...

Mar! <sup>34[34]</sup>

---

<sup>29[29]</sup> Nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* este verso e o anterior terminavam por vírgulas.

<sup>30[30]</sup> Em *CHINGUFO*: "deixaste a tua marca em tanta gente!"

<sup>31[31]</sup> Nota 28.

<sup>32[32]</sup> Nota 28.

<sup>33[33]</sup> Poema publicado primeiro em *CHINGUFO* (p. 29) e depois, datado de 1951, nos *100 poemas* (p. 22).

Há no teu fundo  
Esqueletos brancos <sup>35[35]</sup>  
De corpos outrora negros...  
Há esqueletos livres  
De corpos outrora presos... <sup>36[36]</sup>  
(Tu devoraste o ferro das correntes  
E puliste os ossos...)  
Há esqueletos de patrões e escravos,  
Lado a lado!

.....  
E há um grito no Mar, continuamente,  
Grito que nasceu e ficou morto  
Nas mandíbulas cerradas  
E falanges destroçadas <sup>37[37]</sup>  
Dos esqueletos!

## VÍCIO <sup>38[38]</sup>

Vou injectar-me nas veias  
Vinho e fumo  
(As minhas unhas, queimei-as  
Com o fumo;  
Os meus lábios, anestesiei-os  
Com o vinho.)

Não quero vinho nem fumo pela boca  
Como costume...  
(Perdi o olfacto e o gosto...)

Quero a embriaguez total  
Sem a limitação natural  
Dos meus sentidos...  
(Nem olfacto, nem gosto.)

-Injectai, vá!, injectai  
Vinho e fumo  
No meu corpo!

---

<sup>34[34]</sup> Estes primeiros versos, avançados e recuados igualmente, formavam no entanto uma só estrofe em *CHINGUFO*.

<sup>35[35]</sup> Em *CHINGUFO* este verso e o anterior formavam um só.

<sup>36[36]</sup> Este verso terminava com ponto final em *CHINGUFO*.

<sup>37[37]</sup> Verso integralmente substituído. Em *CHINGUFO* o poeta escreveu: "e nos dedos contraídos".

<sup>38[38]</sup> Publicado nos *100 poemas*, entre os escritos durante o ano de 1951 (p. 23).

... ..

Ah,  
remorso triste da pós-embriaguez,  
Porque me acordas, me chamas?  
Porque ordenas que rasgue  
Estes meus versos?

## **NÃO ME BEIJES NOS LÁBIOS** <sup>39[39]</sup>

Não me beijos nos lábios  
Como te ensinaram a fazer  
Mercantilmente...  
Não me abrases lânguidamente  
E sem ardor  
Como satisfazes àqueles  
Que te iniciaram na prostituição.

Lembra-te de que somos, eu e tu,  
Iguais,  
Filhos da mesma terra sonhadora.

Esquece os furúnculos que a maculam  
A ela, à nossa terra,  
E sê pura como ela o foi na primeira hora  
Duma pureza forte e natural,  
Selvagem, sensual,  
Como as vozes que ainda não morreram  
E vêm do fundo dos nossos rios  
Das selvas, das anharas, dos desertos,  
E nos comunicam um pouco  
De sua pureza selvagem, sensual...

Guarda para os outros,  
os que te não vêm senão mercantilmente,  
Teus beijos lânguidos.  
E sê,  
Para mim,  
Pura e selvagem como sempre foste:  
-Não me beijos nos lábios!  
Morde-me antes no peito  
E deixa  
Que o nosso amor

---

<sup>39[39]</sup> Publicado nos *100 poemas* entre os que foram escritos em 1951 (p. 24).

Seja forte e selvagem  
Como somos.

## **POESIA DE AMOR** <sup>40[40]</sup>

Vou fazer um poema com olhos e com flores  
Para oferecer ao meu amor-menina.  
Poema de regresso, romagem de saudade  
Àquele que eu fui no começo da estrada.

Menina:

Toma os versos que te faço,  
Beija-os nas horas de amor,  
Guarda-os na caixa secreta.  
Não os tragas para a rua:  
Vão julgar que não sou eu,  
Vão dizer que não menti...  
...Ou que foi outro,  
um doido enamorado,  
Que os escreveu.

## **HERANÇA ESTÉTICA** <sup>41[41]</sup>

Não,  
Não me trairei jamais  
Jamais. Não cairei nunca  
No exagero do nu,  
Não.

Serei como tu  
Tu, meu irmão,  
Que gostas de camisa de cor  
Camisa sarapintada  
Com variados desenhos,  
Camisa fora das calças  
E óculos vermelhos nos olhos.

---

<sup>40[40]</sup> Foi publicado nos *100 poemas* entre os de 1951 (p. 26).

<sup>41[41]</sup> Publicado em *100 poemas* (p. 27), sendo o penúltimo dos escritos no ano de 1951. O poema inaugura o distanciamento estético explícito face à poética da geração da *Mensagem*.

Não.  
Não mais o exagero do nu.  
Praquê traírmos  
Nossa herança estética  
Eu e tu?

### **SOB O LUAR** <sup>42[42]</sup>

Talvez seja da Lua que não pára  
Ou talvez não.  
Ou das nuvens paradas  
De algodão.  
Ou dos cantos da noite  
Dentro dela.  
Talvez seja por isso,  
Ou talvez não.

Só sei que estou gozando a noite deliciosa  
No aconchego da esteira.  
A esteira,  
a Lua,  
a Noite,  
meu espírito cansado,  
deleite,  
meu poema,  
TUDO.

### **RUA DA MAIANGA** <sup>43[43]</sup>

Rua da Maianga  
Que tem o nome <sup>44[44]</sup>  
De um qualquer missionário  
Mas para nós sòmente  
A Rua da Maianga. <sup>45[45]</sup>

---

<sup>42[42]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 28) como o último escrito em 1951.

<sup>43[43]</sup> Foi publicado primeiro nas *poesias* (p. 6), com data de 5-6-1952. Em *CHINGUFO* aparece como primeiro poema do livro (p. 9); nos *100 poemas* (p. 40) é o nono poema de 1952, data que também leva nos *50 poemas* (p. 23).

<sup>44[44]</sup> Nas *poesias* e em *CHINGUFO* os versos 2 e 3 aparecem juntos (constituindo um só verso), e o verbo trazer é substituído pelo verbo ter.

<sup>45[45]</sup> Só nos *50 poemas* aparece o artigo definido.

Rua da Maianga às duas horas da tarde  
Lembrança das minhas idas para a Escola  
E depois para o Liceu <sup>46[46]</sup>  
Rua da Maianga dos meus surdos rancores  
Que sentiste os meus passos alterados  
E os ardores da minha mocidade  
E a ânsia dos meus choros desabalados!

Rua da Maianga às seis e meia  
Apito do combóio estremecendo os muros  
Rua antiga de pedra incerta  
Que feriu meus pezitos de criança  
E onde depois o alcatrão veio lembrar  
Velocidade aos carros  
E foi luto na minha infância passada!

(Nené foi levado prHospital  
Meus olhos encontraram Nené morto

Meu companheiro de infância de olhos vivos  
Seu corpo morto, numa pedra fria!) <sup>47[47]</sup>

Rua da Maianga a qualquer hora do dia  
As mesmas caras nos muros  
(As caras da minha infância  
Nos muros inapagados!)  
As moças nas janelas fingindo costurar  
a velha gorda faladeira  
E a pequena moeda na mão do menino  
E a goiaba chamando dos cestos  
æ porta das casas!  
(Tão parecido comigo, esse menino!)

Rua da Maianga, a qualquer hora  
O liso do alcatrão e as suas casas  
As eternas moças do muro <sup>48[48]</sup>  
Rua da Maianga me lembrando  
Meu passado inutilmente belo  
Inutilmente cheio de saudade!

---

<sup>46[46]</sup> Só nos *100 poemas* e nos *50 poemas* estão estas palavras grafadas em maiúscula ("Escola" e "Liceu").

<sup>47[47]</sup> Nos *50 poemas* desaparecem as vírgulas.

<sup>48[48]</sup> Nos livros anteriores: "As eternas moças de muro".

## DESEMPREGO <sup>49[49]</sup>

Vulto parado na esquina  
(Olhos no ar, indiferentes)  
De costas para a vitrina  
Cheia de jóias luzentes.

Parado naquela esquina todo o dia:  
E os homens passam  
Os homens que trabalham  
Os homens passam...

Na memória embotada  
(Os dias cada dia mais iguais)  
Os frios apertos de mão  
E os olhos frios  
Detrás das secretárias:  
«Não pode ser. Não pode ser  
Por hoje...»

Na mesma esquina  
De costas prà vitrina reluzente  
A dor única que sente:  
O sorriso mordido  
O obrigado entre os dentes  
E aquela mão  
A sua  
A agradecer...  
Naquela esquina, a mesma...

Não:  
Morrer não é remédio  
Correr de porta em porta também não.  
Apenas isto, talvez, para o seu tédio:  
Acabar de sofrê-lo sem chorar  
De costas para a vitrina  
Naquela esquina  
Onde se cruzam gentes que trabalham...

---

<sup>49[49]</sup> Foi publicado primeiro em *poesias* (p. 8), com data de 6-6-1952. Não aparece em *CHINGUFO*; nos *100 poemas* (p. 36) é o sexto poema desse ano.



## **BEIJO DE MULATA** <sup>50[50]</sup>

Pai:  
Olho o teu rosto fechado  
Nas letras apagadas dessa campa  
A tua  
(No quadro dezasseis  
Do Cemitério Velho)  
E não sei que mistério poderoso  
Me prende os olhos,  
Pai!

A pedra não diz nada senão pedra.  
Os beijos-de-mulata que plantaram  
Sobre o teu corpo  
Continuam florindo da tua substância.  
Não surge sobre a campa  
O sorriso de que dourei tua lembrança,  
Pai!

Não fico mais aqui, porque estás longe  
Tudo quanto estou ouvindo e repetindo  
Vem de dentro de mim  
De um já longínquo mundo.  
Apenas levarei um beijo-de-mulata  
Eterna florescência do teu ser  
Lembrança imperecida da tristeza  
Que marcou o teu rosto sofredor.

## **DRAMA** <sup>51[51]</sup>

O drama é bem maior do que supunha:  
É o drama das raízes arrancadas  
E dos sonhos esquecidos  
Pela força não do tempo!

Ai o menino de olhos muito abertos  
A quem um pai humano segredou  
Paragens impossíveis de alcançar!

---

<sup>50[50]</sup> Publicado primeiro em *poesias* (p. 1), com data de 25-6-1952. Aparece igualmente em *CHINGUFO* (p. 37). Nos *100 poemas* é o primeiro poema do grupo dos datados de 1952. .

<sup>51[51]</sup> Aparece primeiro nas *poesias* (p. 1), com data de 4-7-1952. Em *CHINGUFO* (p. 39) surge, como nas *poesias*, logo a seguir à composição anterior. Nos *100 poemas* é o segundo no grupo do ano de 1952, e é também com essa data que surge nos *50 poemas* (p. 35).

Ai o púbere menino que sonhou  
Por amante a donzela de olhos doces  
De meigas falas leves imprecisas  
Que tinha sempre um carro à porta do colégio!

Ai dele! O pequeno sonhador  
Que poderia morrer inda menino  
Os sonhos na mão intactos e o destino  
Debaixo das longas pálpebras guardado!

Ai dele que abriu os olhos e que viu:  
Seu castelo de poeta; um quarto sem janelas  
A cama sem lençóis e num caixote  
Um monte de papéis cheios de sonhos!

Ai dele, que abriu os olhos e se viu:  
Pobre criança triste, abandonada  
Mendigando na rua protecções!  
Ai dele:  
Antes nunca abrisse os olhos! <sup>52[52]</sup>

## **A SOMBRA BRANCA** <sup>53[53]</sup>

A menina branca nascida na Lua  
Na noite de infância foi-me assombração.  
Menina de branco, toda em branco nua  
De branco pintada na imaginação!

Quando choraste <sup>54[54]</sup>, Rosa, nos meus braços,  
Quando, vencida, me rogaste amor,  
Forçados foram todos os abraços  
Porque a branca entre nós se veio pôr!

Ela, a branca, tolheu o meu desejo  
Da Lua vinda numa noite igual,  
Quando arfante, sem pejo, descobriste  
O tropical maboque do teu seio.

Sim, foi ela, a assombração. Perdoa.

---

<sup>52[52]</sup> Em *poesias* e em *CHINGUFO* estes dois versos aparecem destacados, formando estrofe própria.

<sup>53[53]</sup> Publicado primeiro em *poesias* (p. 2), com data de 18-7-1952. Em *CHINGUFO* aparece antes do "Beijo-de-Mulata". Nos *100 poemas* é o terceiro desse ano.

<sup>54[54]</sup> "Chorastes", nas *poesias*.

Que deixasse o teu desejo insatisfeito  
E odiasse a tua carne boa  
E os teus lábios colados no meu peito!

Foi ela, esse fantasma-luar  
A branca, a inexistente, a sombra  
Que em cio me matou  
E me afastou falhado, sujo, do teu corpo fremente!

Foi ela, a assombração, a branca  
(Perdoa!) o meu fracasso múltiplo, brutal!  
Foi ela... Mas insiste, vem, arranca  
De mim esse fantasma e faz-me ver real!

## **SOLIDARIEDADE** <sup>55[55]</sup>

São para ti, Amigo, os versos desta noite  
Inda que passem mulheres nos nossos olhos  
E as luzes os anúncios as vitrines nos apontem  
Atrás de tudo, um sonho  
(A lotaria, o fumo, o futebol  
E o decote agressivo que passeia  
O anúncio de uns seios invulgares...)

São para ti, Amigo, estes meus versos  
Ao teu sonho que ocultas de banal  
A esse fato esfiado que disfarça  
O teu gosto de vida e juventude.

São para ti, Amigo, estes meus versos  
Quando as luzes vestiam de irreal tua presença  
E entre nós havia o fumo dos cigarros  
E este anseio do tempo e do lugar.

Para ti, meu irmão, meu companheiro  
Que recibes da vida o desperdício  
Deixado nas esquinas nas vitrines  
E que adornas de versos a penumbra  
E de sonhos este desfile de tédios e cansaço!

---

<sup>55[55]</sup> Publicado primeiro em *poesias* (p. 10), com a data de 7-9-1952. Nos *100 poemas* é o quarto poema dos de 1953. .

## TARDE DE SÁBADO <sup>56[56]</sup>

Esta tarde, mar deserto mar parado mar azul  
E os pássaros pousados nas canoas.  
Quem me disse que esta dor é que era vida?  
Quem falou que este mar é que era o meu?

Tarde de sábado. Carregadores parados.  
Carregadores no cais olhando o mar.  
Quem lhes falou na beleza desta tarde  
Quem lhes disse do descanso apetecido?

E do outro lado em mim é tarde  
E luz assim, difusamente. Meu companheiro, ao lado,  
Também tem toda a cor e toda a luz deste momento.  
Meu companheiro, ao lado  
É como a tarde e o mar — simples e calmo. <sup>57[57]</sup>

Quem lhes falou na beleza desta tarde? Tão só  
E a quietação e longe o amor e o sonho.. Tão só  
Tudo descansa em nossas mãos caídas!

Quem nos disse (Quem foi?) o poeta desta tarde  
Em frente ao mar, em frente ao mar?...

## TRISTE <sup>58[58]</sup>

Será peso de vida esta tristeza?  
(Ai quanto amor perdido!  
Ai quanta esperança morta!)  
Será?

O que não sei  
É porque esta distância me enlouquece!  
Casas subindo a encosta,  
Ide subindo:  
Fico sòzinho!

---

<sup>56[56]</sup> Foi primeiro publicado em *poesias* (p. 9), e em *CHINGUFO* (p. 41). Nas *poesias* tinha a data de 18-9-1952; nos *100 poemas* é a sétima composição desse ano. .

<sup>57[57]</sup> A divisão versicular era diferente em *poesias* e em *CHINGUFO*: "e luz assim, difusamente. Meu companheiro, ao lado, também tem / toda a cor e toda a luz deste momento. Meu companheiro, ao lado / é como a tarde e o mar — simples e calmo".

<sup>58[58]</sup> Foi publicado primeiro em *poesias* (p. 5), com data de 30-10-1952, sendo o quinto poema desse ano nos *100 poemas* (p. 35). Em *CHINGUFO* não aparece. .

Um cais deserto.  
Um mar espelho.  
Porque sinto tão perto  
O quadro velho?

Talvez ele seja a imagem desta tarde  
Talvez ele nos aponte este caminho:  
A vida ao abandono  
A vida toda inteira ao abandono  
Vida da minha tristeza  
Vida minha!

### **TRÊS DESEJOS PARA A NOITE** <sup>59[59]</sup>

Noctívagos vagando pelas ruas  
O vosso canto mudo repetimos.  
Noctívagos vagando, quantas luas  
Quantas luas no céu não pressentimos!

Verdianos na rua que passais  
Cara de lua ao céu, cara de lua,  
Verdianos, nas mornas que tocais,  
Cantai nossa saudade bela e nua.

Canoas flutuando sobre as águas,  
Recortes negros dos corpos contra o céu,  
Vinde trazer-me a vossa quietação,  
Dongos sombrios, quietos, como eu.

(Sou-me dongo flutuante <sup>60[60]</sup> em minhas máguas.)

---

<sup>59[59]</sup> Publicado nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* (p. 13 — onde já tem a data de 1952), aparece posteriormente nos *100 poemas* (p. 39), entre os escritos em 1952.

<sup>60[60]</sup> "flutuando" nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* .

## MULATA DA CHUNGA <sup>61[61]</sup>

Mulata que danças  
O samba, perdida  
queres ser o meu par?

-Mulher compra-e-venda  
Dá-se ao que a buscar.

Mulata, os teus olhos  
Não falam pecado  
-Trazem-me tristeza!

-Mesmo no pecado  
Conservo a pureza.

Mulata, que nuvens  
Por sobre o teu rosto!  
Que pena caída...

-Meu rosto não tem  
O mal que tu vês.

Mulata, o teu corpo  
Treme-te ao bailar...  
Não os pés: o corpo!

-Meu corpo é só ritmo  
Por isso é que bailo.

Mulata perdida,  
Queres ser a Amada  
Dos versos de um Poeta?

-Teus versos são poucos  
Para me cantar...

Mulata da vida,  
E aquele chungueiro  
Que te traz perdida?

-É o meu Amor!  
Meu Amor e igual!

Mulata da vida,  
Mulata orgulhosa  
Também tu serás?

---

<sup>61[61]</sup> Poema só publicado em *CHINGUFO* (p. 23).

-Nossos corpos riem  
Na dança do orgulho!

## **QUINZE DE AGOSTO** <sup>62[62]</sup>

Este quinze de Agosto já não tem  
(Não tem o quê, Toneca?)  
Já não tem a beleza do outro tempo  
O movimento, a cor. <sup>63[63]</sup>

Doce quinze de Agosto do outro tempo  
Nós na fila da escola  
A professora de preto  
E a nossa bata engomada...

A emoção! A vida!  
-Joaquina que desmaiou  
Por estar com fome na fila!  
O sacerdote de barbas  
Caído sobre o altar!  
Soldados negros marchando  
Uma corneta a gritar:  
Coma-zapena-zatoto-zamá...

O doutor falando alto  
Ao pé da estátua  
Meu coração pequeno que pulava  
Meus olhos na confusão  
Do povo que debandava...

... ..

Hoje  
Quinze de Agosto já não tem <sup>64[64]</sup>  
Esse sabor.  
Tenho de cor  
As palavras de todos os discursos. <sup>65[65]</sup>

---

<sup>62[62]</sup> Publicado primeiro nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* (pp. 11-12), com data de 1951; a seguir saú em *CHINGUFO* (p. 25), e depois nos *100 poemas* (p. 42), com data de 1952. Foi também seleccionado para os *50 poemas* (p. 25), onde se confirma a data de 1952.

<sup>63[63]</sup> Nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* não havia vírgula.

<sup>64[64]</sup> Nos *POEMAS & CANTO MIÚDO* e em *CHINGUFO* este verso e o anterior formavam um só. No primeiro desses livros havia uma vírgula a seguir a "Hoje".

A chamada dos mortos  
Já não sabe senão  
A coisa morta. <sup>66[66]</sup>  
Meu coração já não pula.  
Eu mesmo já não vou na confusão  
E só compro o jornal para <sup>67[67]</sup> disfarçar...

Doce quinze de Agosto de outro tempo!

## **CANTO DE FARRA** <sup>68[68]</sup>

Quando li Jubiabá  
Me cri António Balduino.  
Meu primo, que nunca o leu,  
Ficou Zeca Camarão.  
Eh, Zeca! <sup>69[69]</sup>

Vamos os dois numa chunga  
Vamos farrar toda a noite  
Vamos levar duas moças  
Para a praia da Rotunda!  
Zeca, me ensina o caminho:  
Sou António Balduino! <sup>70[70]</sup>

E fomos farrar por aí,  
Camarão na minha frente.  
Nem verdiano se mete:  
Na frente Zé Camarão,  
Balduino vai no trás.

Que moça levou meu primo!  
Vai remexendo no Samba  
Que nem a negra Rosenda:  
Eu praqui olhando só!

Que moça que ele levou!

---

<sup>65[65]</sup> Em *POEMAS & CANTO MIÚDO* e *CHINGUFO* este verso termina com vírgula.

<sup>66[66]</sup> Em *POEMAS & CANTO MIÚDO* e *CHINGUFO* este verso e o anterior formavam um só.

<sup>67[67]</sup> Em *POEMAS & CANTO MIÚDO* vem "p'ra", nos *100 poemas* vem "pra".

<sup>68[68]</sup> Publicado primeiro em *CHINGUFO* (p. 21), e depois nos *100 poemas* (p. 46), com data de 1952. O poema faz alusão ao famoso romance de Jorge Amado, embora haja diferenças significativas na caracterização das personagens.

<sup>69[69]</sup> Este verso, em *CHINGUFO*, aparece isolado, formando sozinho uma estrofe.

<sup>70[70]</sup> Em *CHINGUFO* o verso não tem exclamação final.



Cabrita que vira os olhos.  
Meu primo, rei do musseque:  
Eu praqui olhando só! <sup>71[71]</sup>

Meu primo tá segredando:  
Nossa Senhora da Ilha  
Ou que outra feiticeira?  
A moça o acompanhando.

Zé Camarão a levou:  
E eu para aqui a secar  
E eu para aqui a secar.

## **NÓS, RIOS PARALELOS** <sup>72[72]</sup>

E assim nos encontrámos e seguimos  
Indiferentes na tarde sem memória.  
(O que de ti ficou na minha história?)  
Assim nos encontrámos e seguimos.

Havia a quietação nos ventos e nas ondas  
E os dois rios correram paralelos...  
(Em que longínquo sonho eu pude vê-los?)  
Havia a quietação nos ventos e nas ondas.

Na praia, ao desaguar, não se juntaram:  
Foi ilusão buscar um mar comum.  
Na praia, ao desaguar, não se juntaram.

Ave branca no azul, tu bem no viste:  
Seguimos juntos, nunca fomos um.  
Ave branca no azul, tu bem no viste!

## **SEGURANÇA** <sup>73[73]</sup>

Porquê essa paisagem de cruzeiros e de chuva  
Se havia a tua presença  
E o roçar macio do teu seio no meu braço

---

<sup>71[71]</sup> Em *CHINGUFO* esta estrofe não existia.

<sup>72[72]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 48), entre os poemas escritos em 1952.

<sup>73[73]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 49), entre os poemas escritos em 1952

A dar-me segurança?

**DO AMOR REENCONTRADO** <sup>74[74]</sup>

1.

Tu ficaste presente  
Nos meus versos idos  
E encheste  
Todo o tempo da minha juventude.

Acredita, amor:  
Tudo o mais não é na minha história  
Mais que um interregno.

Enchestes de teus ritmos os meus versos  
E deste-lhes a inquietação do teu corpo frágil  
Do teu olhar medroso  
E excessivamente claro.

Mas de tudo isto só me dói  
Aquilo que me não deste e eu queria:  
O segredo da tua alegria secreta, meu amor,  
A tua casta alegria!

2.

Mistério da tua infância perene!  
Ah, meu amor, e as nossas brincadeiras?  
As nossas brincadeiras, meu amor?  
Teu riso cristalino:  
Ah, meu amor, jamais riremos juntos:  
Perdi meu riso,  
Não posso rir em unísono contigo.

Teu corpo, ah:  
Nas linhas do teu corpo adolescente  
Em seu contorno puro  
-O produto do meu sonhar de outrora  
Sobre o teu corpo infantil.  
(Meu corpo que perdi  
Ou preverti.)

Não olhes mais:  
Nada ficou de mim  
No que em mim restou...

---

<sup>74[74]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 50) entre os escritos durante o ano de 1952.

Em ti, ah:

Mistério da tua infância perene!  
Em ti ficou a que eras:  
A mesma das nossas brincadeiras.

## **DO AMOR IMPOSSÍVEL** <sup>75[75]</sup>

1

Vai e sofre:  
Não nos resta senão esta partida  
Para o país de lágrimas e névoas  
Dentro de cada um de nós.

Vai e esquece:  
Nesse outro lado da vida  
Das nossas vidas independentes  
Talvez nos encontremos juntos  
Os dois.

2

Se dizes «Vem», amor,  
Porque não vou?  
Se dizes «Vem»  
E sei que o dizes,  
Porque me fico longe  
A olhar-te, a desejar-te?

Porque não saio de onde estou?  
Porque não vou para onde estás?

Se dizes «Vem»  
(Eu não me engano, amor)  
Porque não vou, meu bem?  
Porque não vou?

Ser orgulhoso à tua frente  
Fazer-me forte à tua frente  
Oprimir-te oprimindo-me  
Inquietar-te tornando-me  
Inquietamente indiferente?

Amor, porque não vou?  
Porque não vou, amor?

---

<sup>75[75]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 52), entre os escritos durante o ano de 1952.

Porque não vou?

3

Talvez não seja de ti que eu goste  
Mas da outra  
Que tão estranhamente contigo se parece.  
A outra a quem me não atrevi a amar  
A outra por quem falhei  
A outra.

Mas este desejar-te e repelir-te  
Temer-te como se a outra fosses e adorar-te  
Este estar aqui e desejar-me a teu lado  
Este paradoxal receio  
Isto  
Que me faz rasgar os planos arquitectados  
E apaga as tintas de todos os quadros-só-tu-e-eu que idealizo,  
Isto  
Como explicar tudo isto  
Se tu não és a outra?

Talvez seja a outra que eu adore.  
Mas tu pareces-te tão estranhamente com ela  
Tens tanto dela, dessa outra, tanto,  
Que talvez sejas a outra  
Aquele a quem me não atrevi a amar  
Aquele por quem falhei  
A outra,  
Tu.

4

Não te possuí  
Nem sei se o quis.  
(Contudo  
A impressão de te ter perdido!)  
Adorei as curvas do teu corpo infantil  
Mas não as quis, não as amei pròpriamente,  
Mas à sua frescura  
-Frescura doce dos frutos que amadurecem.  
Nada mais eu quis.  
(No íntimo,  
A impressão de que talvez te  
[houvesse querido.]

Se os olhares que me deste e recebi  
Ou recebi sem que mos desses  
Eram pra mim,  
Nada mais quisera do que a sua continuação.

Quantas vezes sentiste  
A carícia dos meus olhos no teu corpo  
No teu corpo infantil, no esboço  
Do teu futuro corpo idealizado!  
E quantas vezes cruzaste o meu olhar!

Mas talvez não fossem para mim  
Os olhares que encontrei.  
Talvez fosse o acaso.

Teu olhar-acaso foi-me esperança por vezes.  
Teu olhar-inocência foi-me, por vezes, pedido.  
Teu olhar-menina-púdica foi-me, por vezes, tentação.

Mas afinal  
Talvez não fosse a ti que eu quis.  
Talvez não fosse a ti.  
Talvez nem te adorasse.  
Talvez nem a tua puberdade me encantasse.

Penso que talvez não tivesse sido nada  
Neste momento da partida não-realizada  
Da separação de nós  
Que nunca fomos nós  
Mas eu e tu:  
Tu ela, tu alheia, tu distante,  
E eu...  
Que recolho sem vontade  
Os cacos do meu coração partido.

## **ENFERMARIA** <sup>76[76]</sup>

1

Que tinha esse jardim a ver com a minha enxerga?  
E a tua saia azul  
Com o meu lençol de cor indefenida?

Ai, tecto da enfermaria!  
Duas lâmpadas  
Mais três  
Mais duas lâmpadas  
(A do meio fica acesa toda a noite  
Toda a noite acesa!)  
E este cheiro nauseabundo

---

<sup>76[76]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 56) entre os do ano de 1952.

E o homem que chama  
Lá no fundo  
Pela mãe!  
Ai, tecto da enfermaria!

Como pudeste aparecer ao encontro que não marcámos?  
Como pudeste aparecer  
Se nunca, até agora, me tinhas aparecido?  
(A tua saia estendida sobre a relva  
E a minha mão divagando em teus cabelos...)

Tua presença...  
A insinuar-me vida e liberdade,  
Segredando-me amor e juventude  
Tua presença...  
Bendita!

2

E pensar  
Que além deste tecto está o céu  
E detrás das paredes está o mar  
(O mar sereno e quente  
O mar sereno e azul  
-Tal como o céu!)

E a gente que trabalha  
E a canção dessa gente  
(Praias amarelas, praias amarelas  
E as nódoas das redes sobre as praias!)

Tão perto do mar!  
Tão perto do céu!  
Mais perto  
Do que se andasse lá fora!...

Lembrança de negrinhos brincando sobre a areia...

Afinal, estou lá sem saber:  
Negrinho, na minha infância perdida!

## **AUSÊNCIA** <sup>77[77]</sup>

Hoje acordei chorando, intimamente,  
A tua ausência.

---

<sup>77[77]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 58) como o antepenúltimo dos escritos ao longo do ano de 1952.

Tenho-a nos braços, sinto-a tremer,  
Chorosa, a tua ausência.  
E são dela o moreno quente do teu rosto  
O soluço que me estrangula  
E uns olhos magoados de Desejo.

Ela é a moça esguia que tu és  
Mas custa tanto tê-la nos meus braços!  
Teus cabelos longos sinto-os nela  
Caídos no meu peito em onda branda  
(Carícia soluçante na minha dor...)

Fica longe, sensual adolescente.  
Deixa-me o sabor amargo dos teus lábios  
Quando distantes, presentes.  
Deixa, todas as manhãs, ao Poeta  
O consolo dulcíssimo da tua Ausência  
Tua Ausência real, cujos cabelos  
Enxugarão as lágrimas inúteis  
E trarão o perfume das auroras  
E a frescura da tua mocidade...

Hoje acordei chorando, intimamente,  
A tua Ausência.

## **O ABANDONADO** <sup>78[78]</sup>

Há um amargo de sangue em minha boca  
-Ferido pássaro morto em pleno voo.  
E é quando o Sol, lá fora, inda se acende  
Sobre os telhados...  
E é quando a vida pára em todo o bairro...

Minha angústia interior  
Traz a boca e a garganta e os pulmões  
Esfacelados.  
Além deste tormento inda maior:  
A tua boca ausente  
A tua boca longe dos meus beijos.

---

<sup>78[78]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 59), sendo o penúltimo dos escritos em 1952.

## NOITE <sup>79[79]</sup>

Porque sempre uma rua  
E luzes penduradas?  
O frio doce e húmido  
As poças de água quieta  
A alma junto à pele  
E a pele toda molhada?

(Vida que se não perde:  
A noite dentro em nós.)

Porque sempre esta rua  
E estas luzes no céu?  
Términus de todo o amor,  
O mar grande de mim!

Noite da Lua morta  
Sobre as árvores e as casas.  
Noite do vento agreste  
Beijando-nos na cara!

Noite:  
Face encoberta  
Do afago que faltou.  
Cabelos nas lágrimas enxutas.  
Toalha húmida  
Pousada na cara:  
Doce consolação  
A todo o amor falhado!

## A MORTE INEXPLICAVEL <sup>80[80]</sup>

Morreste: E ainda ontem te beijava!  
Morreste: E ainda ontem me sorrias!  
Minha pobre velhota de olhos doces,  
Não aceito a tua morte inadiável.

Contudo, outros morreram antes de ti  
Outros se foram.

---

<sup>79[79]</sup> Publicado nos *100 poemas* como o último escrito em 1952 (p. 60).

<sup>80[80]</sup> Foi primeiro publicado nas *poesias* (p. 4), sob o título "Poema Precipitado", com data de 18-1-1953. Em *CHINGUFO* (p. 19), ainda possui esse título. Nos *100 poemas* aparece a pp. 65, sendo o segundo poema desse ano.



Mas tu ficavas para explicar  
Todo o mistério!

Tuas vozes cheias de certeza!  
Tuas lágrimas sábias!  
Tuas canções de explicar,  
Quando meu pai morreu,  
Todo o mistério!

E quando morreu o amigo  
Em plena juventude!

Agora que te vais, sinto o vazio.  
A morte, a morte só  
A morte inexplicável  
A tua morte.

Tudo porque te foste tu,  
Minha velhota negra de olhos sábios!

## **CHUVA** <sup>81[81]</sup>

Outrora  
Quando chuva vinha  
Era a alegria que chegava  
Para as árvores  
O capim  
E para a gente.

Era a hora do banho sob a chuva  
Meninos sem chuveiro  
A água regateada na cacimba  
Muitas horas de pé esperando a vez.

Era a alegria de todos, essa chuva:  
Porque então fiz o primeiro poema triste?

Hoje ela veio  
Veio sem o encanto de outras eras  
E ergueu na minha frente o tempo ido.  
Porque estou triste?  
Porque estou só?

---

<sup>81[81]</sup> Publicado primeiro em *poesias* (p. 3), sob o título "A tristeza da chuva", e com data de 24-4-1953.  
Não aparece em *CHINGUFO*. Nos *100 poemas* é o quarto poema de 1952. .

A canção é sempre a mesma  
Mesmos os fantasmas, meu amor:  
Inútil o teu sol ante os meus olhos  
Inútil teu calor <sup>82[82]</sup> nas minhas mãos.  
Essa chuva é minha amante  
Velho fantasma meu:  
Inútil, meu amor, tua presença.

## **FÉRIAS NO MAR** <sup>83[83]</sup>

1

O azul mar único do mar.  
O cinzento céu único do céu.

Eu agora eu único  
Carícia vaga das águas!

Mar-moça! Beça-ngana!

Teus dedos

Infinitamente múltiplos

Os teus cabelos líquidos

De ondina? <sup>84[84]</sup>

-Carícia de tua presença

No meu corpo!

2

Esta manhã sem Sol: <sup>85[85]</sup> vida!

Esta espera de chuva: vida!

Chuva sobre o mar: vida!

Ó pescador solitário olhando o céu e o mar

Dongo na praia indeciso

Receio das redes escondidas no capim

Pescador:

Tua mulher terá peixe

Para vender no mercado?

Carícia longa das águas!

---

<sup>82[82]</sup> "mas" nos *100 poemas*, com certeza que por gralha.

<sup>83[83]</sup> Foi publicado nas *poesias* (p. 7) com o título "Poema da manhã cinzenta na beira do mar", o mesmo título que tem em *CHINGUFO* (p. 47).

<sup>84[84]</sup> Este verso e os três anteriores foram cortados; nas *poesias* e em *CHINGUFO* aparecem resumidos a dois: "Teus dedos, infinitamente múltiplos,/ou teus cabelos líquidos de ondina?". Note-se que, no início do segundo verso, o [ou] desaparece, para dar lugar a [os], dando menos força à interrogativa.

<sup>85[85]</sup> Nas *poesias* e em *CHINGUFO* a palavra [Sol] não levava maiúscula.

Espera triste da chuva!  
Espera-arrepio na promessa cinzenta do céu!

Este dia de férias!...

Pescador,  
Teus filhos têm fome?  
Olha o mar, pescador!: <sup>86[86]</sup>  
Teu velho cemitério  
Tua igreja sem deuses nem preceitos: ampla!  
Olha o mar, olha o mar!

Ouve-lhe a canção repetida em choro nos teus óbitos  
(teus mortos cheiram a mar)  
Ou quando vens do mar  
Ou quando vais  
E que fica calada  
Nos olhos dos que ficam dos que partem  
E que fica presente  
Maritimamente presente  
Nos teus sonhos nos teus sonhos  
E nos meus, pescador... (E nos meus!)

Pescador, já estou sentindo  
O teu mistério do mar!

### **LINHA QUATRO** <sup>87[87]</sup>

No largo da Mutamba às seis e meia  
Carros pra cima carros pra baixo  
Gente descendo gente subindo  
Esperarei.

De olhar perdido naquela esquina  
Onde ao cair da noite a manhã nasce  
Quando tu surges  
Esperarei.

Irei prà bicha da linha quatro  
Atrás de ti. (Nem o teu nome!)  
Atrás de ti, sem te falar  
Só a querer-te.

---

<sup>86[86]</sup> Este verso não levava sinal de exclamação.

<sup>87[87]</sup> Foi publicado em *poesias* (p. 10), com a data de 8-12-1953. Saíu também em *CHINGUFO* (p. 50). Nos *100 poemas* é a terceira composição de 1953, data que lhe é atribuída nos *50 poemas* (p. 33).

(Gente operária na nossa frente  
Rosto cansado. Gente operária  
Braços caídos sonhos nos olhos. <sup>88[88]</sup>

Na linha quatro eles se encontram  
Zito e Domingas. Todos os dias  
Na linha quatro eles se encontram.

No maximbombo da linha quatro  
Se sentam juntos. As mãos nas mãos  
Transmitem sonhos que se não dizem.)

No maximbombo da linha quatro  
Conto meus sonhos sem te falar.  
Guardo palavras teço silêncios <sup>89[89]</sup>  
Que mais nos unem.

Guardo fracassos que não conheces  
Zito também. Olhos de cinza  
Como Domingas  
O que me ofereces!

No maximbombo da linha quatro  
Sigo a teu lado: Também na vida!  
Também na vida subo a calçada  
Também na vida!

Não levo sonhos: A vida é esta!  
Não levo sonhos. Tu a meu lado  
Sigo contigo: Pra quê falar-te?  
Pra quê sonhar?

No maximbombo da linha quatro  
Não vamos sós. Tu e Domingas.  
Gente que sofre gente que vive  
Não vamos sós.

Não vamos sós. Nem eu nem Zito.  
Também na vida. Gente que vive  
Sonhos calados sonhos contidos <sup>90[90]</sup>  
Não vamos sós.

Também na vida! Também na vida!

---

<sup>88[88]</sup> Nos *100 poemas* estes versos estão separados por uma vírgula ao meio.

<sup>89[89]</sup> V. nota anterior.

<sup>90[90]</sup> Em *CHINGUFO* este verso tem uma vírgula no meio.

## CHUVA SOBRE A INFÂNCIA <sup>91[91]</sup>

Esta chuva de agora  
Sobre o quintal da infância  
Esta saudade!  
(Esta chuva é a mesma  
Eu é que sou outro.)

Outro: <sup>92[92]</sup>

Sem o antigo tremor  
À flor da pele  
E a vontade de ir  
(Os amigos chamavam)  
Receber na cara os pingos que caíam.

Debaixo da chuva: <sup>93[93]</sup>

Ah, se mamã visse! <sup>94[94]</sup>  
«Menino, tem cuidado com os pulmões!»  
(Proibição da infância).

E as raparigas que iam acarretar água  
Os seios em bico  
Os seios a verem-se  
Sob o vestido molhado sobre a pele.

E também tu, menina do vizinho  
Tu que eu olhava  
Por detrás dos vidros da janela <sup>95[95]</sup>  
Embaciados.

Aí estais vós  
Reais, presentes:  
Eu é que sou outro.

---

<sup>91[91]</sup> Publicado primeiro em *CHINGUFO* (p. 27) e depois nos *100 poemas* (p. 64), entre os datados de 1953, data confirmada nos *50 poemas* (p. 36).

<sup>92[92]</sup> Em *CHINGUFO* e nos *100 poemas* este verso estava ligado aos seguintes formando só uma estrofe.

<sup>93[93]</sup> V. nota anterior.

<sup>94[94]</sup> Em *CHINGUFO* e nos *100 poemas*: «viesses».

<sup>95[95]</sup> Em *CHINGUFO* este verso e o anterior formavam um só.

## O AMOR E O FUTURO <sup>96[96]</sup>

1 <sup>97[97]</sup>

Calar

Esta linguagem velha que não entendes  
(Tu és naturalmente de amanhã  
Como a árvore florida)  
E falar-te na linguagem do futuro <sup>98[98]</sup>  
Engrinaldada de flores.

Calar

Esta saudade velha  
E a nostalgia herdada  
De brancos marinheiros <sup>99[99]</sup>  
E de escravos negros  
De noite sonhando Lua  
Nos porões antigos dos negreiros.

Calar

Todo este choro antigo  
Hoje disfarçado em slow, bolero, blue <sup>100[100]</sup>  
(Teu sentimento  
e esta pressão dorida que não mente:  
Teus seios contra o meu peito  
A tua mão na minha  
O calor das tuas coxas  
E os teus olhos ardentes...)

Calar tudo isso

(Tu és naturalmente do futuro  
Como a árvore florida)

---

<sup>96[96]</sup> Publicado primeiro em *poesias* (ver nota seguinte) e datado, genericamente (ver nota (107)), de 1953, ano de composição que também lhe é atribuído nos *100 poemas*. Em *CHINGUFO* aparece a seguir ao poema anterior ("Linha Quatro").

<sup>97[97]</sup> Este poema é apresentado nas *poesias* (p. 12) com o título do conjunto, mas isolado. Nas páginas seguintes (13 e 14) aparece uma sequência de quatro composições, numeradas, e reunidas sob o título "Outros poemas do Amor e do Futuro". Em *CHINGUFO* também surgem separados (o primeiro e os outros), tendo a sequência (p. 43) o mesmo nome e surgindo antes de "O Amor e o Futuro" (p. 53), com outras duas composições pelo meio ("Poema da manhã cinzenta na beira do mar" e "Linha quatro").

<sup>98[98]</sup> Nas *poesias* e em *CHINGUFO* o verso inclui a palavra "nova", redundante, mas que reforçava a antítese com a linguagem "velha" referida no 2º verso: "E falar-te na linguagem nova do futuro".

<sup>99[99]</sup> Nas *poesias* e em *CHINGUFO* este verso está junto com o de cima: "E a nostalgia herdada de brancos marinheiros".

<sup>100[100]</sup> Nas *poesias* e em *CHINGUFO*: " (...) bolero e blue".

E ensaiar o canto novo  
Da esperança a realizar  
Cantar-te  
Arvore florida  
Espera de fruto  
Ante-manhã

Nascer do Sol em minha vida.

2<sup>101[101]</sup>

Desta janela o mar  
E a árvore florida, nua.  
Desta janela o céu  
Sem uma nuvem, pleno.  
(E mapas e cifras  
Na minha mesa  
São a realidade imediata) <sup>102[102]</sup>.

Da ponta da caneta  
Não saem números, não  
Embora os veja escritos  
Desenhados.  
(Há para além do que nasce  
A imagem do que se espera...)

Há o encontro das seis  
O teu andar inquieto  
O teu olhar furtivo para a esquina  
«Vieste?»  
E este seguir calado à tua beira  
Sentir tua vertigem  
Poço tranquilo onde apetece olhar!

3<sup>103[103]</sup>

Tu ficarás nesta breve poesia  
Como a flor no canteiro  
Como o sol <sup>104[104]</sup> sobre o mar  
(Feita de terra e Sol

---

<sup>101[101]</sup> Em *poesias*, este é o primeiro dos "Outros poemas do Amor e do Futuro" e vem com data de 1953 (p. 13). Em *CHINGUFO* (p. 43) o poema aparece como nas *poesias*. Nos *100 poemas* é o segundo da sequência (o primeiro, como vimos, é o que nas colectâneas anteriores aparece com o nome de "O amor e o futuro").

<sup>102[102]</sup> Os versos colocados entre parêntesis, nas *poesias* e em *CHINGUFO*, reduzem-se a dois e formam uma estrofe isolada: "(E mapas e cifras na minha mesa/são a realidade imediata)".

<sup>103[103]</sup> Nas *poesias* (p. 13) aparece como o segundo poema da sequência "Outros poemas do amor e do futuro" e vem datado de 1953. Em *CHINGUFO* (p. 44) aparece como nas *poesias*. Nos *100 poemas* é o terceiro da sequência (p.71).

<sup>104[104]</sup> Nos livros anteriores esta palavra é maiusculada.

De mar e pétala).

E eis que te julgo a terra  
Esta paisagem rude e desigual  
Que termina na praia onde ficámos  
(Toda a mesma revolta desolada)

E eis que te creio a esperança  
Homens vergados, músculos tensos  
Homens sorrindo, filhos nascendo  
(A gravidez futura desta luta)

E eis que o futuro surge da tua juventude  
e eis a manhã que rompe  
Da aurora do teu corpo.

4<sup>105[105]</sup>

Os sonhos trago intactos  
Apesar  
Da incerteza certa do amanhã.

Os lábios trago húmidos  
Apesar  
Desta secura que não espera chuva.

Os olhos trago abertos  
Apesar  
Deste horizonte de paredes limitantes.

Em mim uma canção  
Nos lábios, no cérebro, nos músculos  
Uma canção em mim

Apesar  
Deste silêncio amargo  
Deste peso de cadáveres sobre nós.

Apesar das mortes e silêncios.

5<sup>106[106]</sup>

Estranhas a secura dos meus gestos  
E os lábios contraídos  
Nestes longos silêncios que te ofereço.

---

<sup>105[105]</sup> Este poema não foi seleccionado para os *100 poemas*. Nas *poesias* aparece a pp. 14, com data de 1953, e em *CHINGUFO* é também o terceiro da sequência (p. 45).

<sup>106[106]</sup> Nas *poesias* aparece datado de 1954 (p. 14), embora nos *100 poemas* não haja distinção de datas no seio da sequência. Como o anterior não surge nessa antologia, este tem aí o número quatro. Em *CHINGUFO* (p. 45) surge como nas *poesias*.



Estranhas a dureza dos meus olhos  
E o modo brusco  
Como desperto ao som dos teus carinhos.

Estranhas-me a teu lado sem te ouvir  
E que me cale  
as palavras de amor em que me envolves.

Estranhas o oceano de tristeza  
Em que se afunda  
A promessa dos gestos que não faço.

Estranhas que a nudez do amor em fogo  
Não se apresente  
À tona de mim mesmo como outrora.

Estranhas, meu amor, o facto antigo:  
Nossos batuques  
Nunca foram mais que pausa em nossa vida.

## **RETORNO** <sup>107[107]</sup>

Volto a pensar na paz não permitida  
Na solidão da flor na sua haste  
Na frieza nas nuvens pressentida <sup>108[108]</sup>  
Nesta certeza de que não passaste...

Tu não passaste, amor, na minha vida  
Como no céu a ave. Tu ficaste  
Como a chuva que a terra põe florida:  
São flores e folhas, marcas que deixaste <sup>109[109]</sup>.

Volto a sentir-te, amor, como te quis:  
Humana companheira destes dias  
Inteira desde a flor té a raiz.

Serena guardadora de alegrias  
Neste mundo incolor de horas vazias  
Misérias consentidas e olhos vis.

---

<sup>107[107]</sup> Publicado nas *poesias* (p. 15) com a data de 1954, data que mantém nos *100 poemas* (p. 75), sendo o primeiro desse ano. Não foi escolhido para figurar em *CHINGUFO. Nos 50 poemas* (p. 43) também surge com a data de 1954.

<sup>108[108]</sup> Nas *poesias* e nos *100 poemas*: "Na frieza das núvens pressentida".

<sup>109[109]</sup> Nas *poesias* este verso não tem vírgula.

## AMOR DE FUNCIONÁRIO <sup>110[110]</sup>

Conformar-me? Com este amor sem luz  
Único amor possível!  
Tu em casa, eu lá fora  
Ou nós dois trabalhando  
E vivermos no anexo  
Da casa do burguês!  
Antes a terra, amor!  
A terra por colchão e por lençol  
E o nosso fogo aceso para lar!

— Mas isso é falso, amor! —  
Os teus olhos sorriem a dizer.  
— Deixa de sonhos, poeta!  
O mundo é esse que aí temos!

E tens razão, querida:  
Amor de funcionário  
Não tem mais que a largura do BO.

## DOIS MOMENTOS <sup>111[111]</sup>

1

Há gente no caminho onde seguimos  
Havemos de pôr sonho em tudo isto?  
Entre o que vemos tudo é já-visto  
É velha fé cansada o que sentimos.

2

Embora o encontro seja fugidio  
Deserto o maximbombo a esta hora  
E só te mostre o acaso ao meu olhar vadio  
Quero fazer do instante a vida em fora

---

<sup>110[110]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 76) como o segundo dos poemas escritos em 1954.

<sup>111[111]</sup> Publicado primeiro em *amor* (p. 13), com data de "-X-1954", aparece nos *100 poemas* como o único de 1955 (p. 81). Não aparece em *CHINGUFO*.

## NÃO INVOQUEI O SONHO PARA AMAR-TE <sup>112[112]</sup>

Não invoquei o sonho para amar-te.  
Não te mudei o nome nem a face  
Nem permiti que nada transformasse  
Minha imagem de ti em forma de arte.

Não te menti em nada. Para dar-te  
A imagem do que eras (Um enlace  
Perfeito e harmonioso é o que dá-se  
Entre quem és e o esforço de cantar-te)

Só deixei que os meus olhos te mostrassem  
Como o fundo de um poço ou como chama  
Onde secretas imagens perpassassem

As estrelas e as flores, o fogo e a lama  
Todo o mudo pudor <sup>113[113]</sup> que nunca há sem  
Os olhos destruídos de quem ama.

## A CONSTRUÇÃO DO AMOR <sup>114[114]</sup>

1

Ficará como a seta ou como o raio  
Aconteceu como um vulcão  
De súbito.  
De súbito irrompeu em lava ardente  
Silêncios  
Maremotos <sup>115[115]</sup>  
Solidificações.

A imagem que procuro  
Foi só breve momento instante breve

---

<sup>112[112]</sup> Publicado primeiro em *amor* (p. 7), sob o título "soneto", e com data de "-III-1956"; o título ainda se mantém em *CHINGUFO* (p. 65). Nos *100 poemas* é que passa a corresponder ao primeiro verso, sendo o último dos três poemas datados de 1954 (p. 77).

<sup>113[113]</sup> Nos *100 poemas* aparece "mundo pudor", pensamos que por gralha.

<sup>114[114]</sup> Publicado primeiro em *amor* (p. 7), com data de 15-IX-1956, data que se confirma nos *100 poemas* (p. 85), onde é o primeiro desse ano. Nos *50 poemas* aparece também com data desse ano (p. 44). Em *CHINGUFO* (p. 66) surge como em *amor*.

<sup>115[115]</sup> Começa a levar um ponto final a partir dos *100 poemas*. Mas já não há ponto final nos *50 poemas*, a seguir a "Maremotos". O mesmo sucede no último verso da segunda estrofe.

Irrepetível criação.  
Fósseis os versos  
A memória não garante o sinal das queimaduras.

2

Acaricio a lembrança insustentável.  
Modelo-a pouco a pouco na carícia  
Criadora dos dedos necessários. <sup>116[116]</sup>  
Passa a lava o vulcão o tacto destruído  
Recrio-a pétala e seda <sup>117[117]</sup> flor e pluma  
A memória desperta ao doce afago <sup>118[118]</sup>

3

Vem para mim com o seu nocturno véu  
Intacteável rochosa solene eternizada  
Nada consente ao gesto do Poeta  
Ei-la que voa despetalada e exangue  
-Viens, colombe, pousa sobre os meus dedos-galhos  
-Viens, colombe, arrulha para os pombos que em mim guardo  
-Viens, colombe, aduba com as tuas fezes este chão de poesia

Que sobre ele cresça a massambala  
E sobre ela cantem os pardais  
Na primavera construída.  
-Viens, colombe. <sup>119[119]</sup>

4

Não construí sobre a memória traiçoeira  
Em cada músculo e <sup>120[120]</sup> peso duma flor:  
Que ela venha e arranque  
Cor por cor  
E passe a sua mão cicatrizante.

Um cheiro de resina vem e envolve  
Tudo o que é sonho e tudo quanto é vida.

O seu odor profundo me liberta.

---

<sup>116[116]</sup> V. nota anterior.

<sup>117[117]</sup> Em *amor* há aqui um espaço vazio, substituído em *CHINGUFO* por uma vírgula.

<sup>118[118]</sup> Nos *100 poemas* e em *CHINGUFO* o verso terminava com exclamação.

<sup>119[119]</sup> Só começa a levar o ponto final a partir dos *100 poemas*.

<sup>120[120]</sup> Em *amor* e *CHINGUFO*, em vez de "músculo e peso" aparece "músculo o peso".

## SOB AS ACÁCIAS FLORIDAS <sup>121[121]</sup>

1

Com Novembro a chiar nestas cigarras  
As acácias sangrando suas flores  
E um Sol afirmativo num céu alto

Espero a tua carta e a minha vida

Uma pausa do tempo em minhas mãos  
Preenchida  
Pela contagem das horas  
Nas cigarras e pétalas caídas.

2

A rua corre larga e sossegada  
É a hora de tu vires!  
Tu vens (eu sei) na moldura vesperal  
Com esta luz do passado nas paredes  
E este céu de altocúmulos de dezembro <sup>122[122]</sup>.

Com os estames d'acácia  
Jogo a vida nas sortes infantis  
«Antera cai? Não cai? Ela virá? Não vem <sup>123[123]</sup> ?»  
e a cada sorte recuso a evidência  
«Ela virá. Não vem?»  
É a hora de chegares.

3

Os aros dos meus óculos te emolduram  
Ó Vénus de cabelos desfrisados!  
Enquanto as minhas mãos, cegas, procuram  
O cofre dos teus seios apertados.

Construímos assim a primavera  
-A negada primavera dos amores:  
Pega uma flor d'acácia para a pores  
No meu cabelo indómito de fera.

Repara e vê a doce realidade:

---

<sup>121[121]</sup> Poema publicado primeiro em *amor* (p. 15), com datas que remetem, elas todas, para o final do ano de 1956: 25-XI (para o primeiro poema da série); 13-XII (para o segundo); 14-XII (o terceiro) e 15-XII (o quarto). Nos *100 poemas* (p. 87) é o segundo dos dois poemas desse ano. Aparece também em *CHINGUFO* (p. 69). No *Jornal De Angola* de 30 de Abril de 1961 (p. 3) saíra também uma versão do poema, mas sem a divisão numérica.

<sup>122[122]</sup> Palavra maiúsculada no *Jornal De Angola*.

<sup>123[123]</sup> No *Jornal De Angola*: "Não virá"

Os nossos jogos simples e ingénuos!  
Esta soalheira vespertina hoje é-nos  
Bela imagem da nossa felicidade.

4

Cigarreio sem Sol neste dezembro.  
E um céu da cor da angústia que me dá  
A tua ausência em carne e em pensamento.

Magoa-me o teu rosto que não lembro  
E o teu vestido branco tafetá  
Que voava batido pelo vento.

Se esta vida tão clara e simples fosse  
Como a imagem fixada desse instante  
Nenhum mal me faria esta chuva precoce.

Chuva, mãe <sup>124[124]</sup> dos poetas, minha amante,  
Lava às acácias o sanguíneo canto,  
Cala a voz das cigarras e o meu pranto!

### **O HENDA I XALA** <sup>125[125]</sup>

A loucura tocou as nossas mãos.  
Súbitas luzes passam nos teus olhos.  
O excessivo poder nos aproxima:  
Riqueza dos segredos revelados!

Não importa a incerteza e o impossível:  
Deles e nós, conscientes, nos sorrimos.  
Para além do momento, nós sabemos:  
O amor ficará — O HENDA I XALA.

---

<sup>124[124]</sup> Nos *100 poemas* a palavra [mão] surge na vez da de mãe, provavelmente por gralha.

<sup>125[125]</sup> Publicado primeiro em *amor* (p. 23), com a data de 26-I-1957, e depois nos *100 poemas* (p. 91), como o primeiro desse ano. Não aparece em *CHINGUFO*.

## COMO TE REENCONTRO <sup>126[126]</sup>

1

Quando nos encontramos  
Era já muita a dor em nossos rostos  
Os olhos duma dureza imóvel  
E os gestos determinados.

-Onde ficara a alegria, meu amor?  
-Onde a ingénua mobilidade  
Dos olhares e gestos espontâneos?

Havia apenas uma riqueza oculta:  
Escondida, vinha connosco a mágoa  
De duas criancinhas maltratadas.

2

Quanto tempo levámos para nos encontrarmos!  
Na tarde clara tento perscrutar  
Todo o longo caminho que andámos separados,  
Todos os ventos norte e sul e leste e oeste  
Que traçaram caminhos no teu facies  
Todos os gritos loucos que feriram  
A carne sensitiva do teu peito  
Todas as marés altas que afogaram  
Soluços que nasciam da tua alma

E não encontro resposta. E me entristeço.

3

Componho a tua vida dos elementos  
Que ainda trazem sorrisos aos teus lábios...  
Comemos maçãs-da-India e maçarocas  
Conversamos com o vento e a maresia  
Combinamos passeios com micondos  
E bananas sakala em tua saca.

No poço fundo da infância te reencontro!

## DIZEM-TE BELA <sup>127[127]</sup>

Dizem-te bela, sim. De uma beleza

---

<sup>126[126]</sup> Publicado primeiro em *amor* (p. 19), com a data de 5-VI-1957. Nos *100 poemas* (p. 92) é a segunda das duas composições desse ano. Não aparece em *CHINGUFO*.

<sup>127[127]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 97), sendo o primeiro do ano de 1958.

Que lhes faz febre e lhes excita os nervos.  
Teu corpo é como uma fogueira acesa  
Por mil archotes que suportam servos.

Ignota chama, flor ambígua, és a  
Paranóica obsessão de novos Neros.  
Que abandonem seus pincéis, de vez! A-  
gora lancem telas a arder! Os

teus defensores, os filhos teus, chegaram.  
Trazem vozes de fogo e de ternura  
Serenas como as chamas que atearam  
Em seu olhar um brilho que perdura.

### **PARA LUANDA** <sup>128[128]</sup>

Do sítio onde os turistas te contemplam  
Paragem obrigatória de automóveis  
Lírico embuste para amores reais  
Onde palavras se fabricam para  
Própria ilusão e ilusão alheia  
De onde é apenas cor o Sol e o mar a  
Língua sensual que beija a areia  
De onde se julga ver dongos imóveis  
Carregados de deuses imorais  
Onde a figura estranha de mulher  
Gaivota e núvem, lírica flauta ao vento  
Disse à minha atenção silenciosa  
«Se pudesse levar algo comigo  
Roubaria daqui estes poentes»

Sinto a tristeza de um amor rompido  
As máscaras coladas sobre os rostos  
Que de ti fazem mãe estranha e só  
De mim, filho de quem esqueceste o choro.

---

<sup>128[128]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 98) como o segundo escrito em 1958.



1

Cai, chuva de <sup>130[130]</sup>caju, na terra seca:  
Levanta o odor telúrico, a serena  
Derramada expressão de saciedade,  
Destrói a muda súplica das plantas,  
Fas bailar suas folhas aceradas  
Outra vez remetidas à origem:  
Frémite, gozo, macieza e espanto.

Os troncos ressequidos, as palavras  
Contigo reencontram novos ritmos.

2

No interior da casa, no interior de nós,  
Há brilhos novos, há contornos puros:  
Nas cortinas, nas jarras, «oh, que giras!»  
Folhas mais folhas tuas mãos puseram.

Assim todas arestas se desfazem:  
No jardim interior, frémitos verdes  
Musicam nossos gestos, reenquadram  
Em natureza <sup>131[131]</sup>, nossas vidas secas.

3

Pede-me, filha, coisas impossíveis:  
Só coisas impossíveis te sei dar  
Possíveis impossíveis como o mar  
De repente improvisado no alguidar.  
Queres, minha filha, que aprisione as núvens?  
Que nelas faça, como em potros bravos,  
Meninos e meninas cavalgar?  
Só coisas impossíveis te sei dar.

4

Com quatro letras escrever: AMOR.  
E a roda de dois tons — escuro, escuro —  
Roda que roda em frente, sobre o muro.  
Com quatro letras, escrever: AMOR.

---

<sup>129[129]</sup> Publicado primeiro em *CHINGUFO*, com o título "SETEMBRO" e os poemas separados por numeração romana (p. 72). Nos *100 poemas* aparece como o terceiro escrito em 1958.

<sup>130[130]</sup> Em *CHINGUFO*: "do caju".

<sup>131[131]</sup> Em *CHINGUFO* esta palavra é maiusculada na primeira letra.

## **ALÉM DA VIDA** <sup>132[132]</sup>

Caídos, <sup>133[133]</sup> ficaremos — Onde a beleza? — <sup>134[134]</sup> mortos,  
Sorridos para o espanto das estrelas.  
A calma, o sonho, a paz, enfim libertos  
Da poalha dourada das palavras.

No mundo do silêncio, último gesto,  
Poderemos apenas levantar  
Como uma flor despida a derradeira angústia  
De havermos perdido e desprezado <sup>135[135]</sup>.

## **LEVE ALEGRIA** <sup>136[136]</sup>

Verdes batidos de vento de que distingo as  
minúcias. Folhas de mandioqueira de que os ten-  
ros rebentos túrgidos me aparecem aumentados.  
A sensação agradável da gravidade diminuída:  
até a boca fala com um sentido do gratuito  
que me dá uma íntima, leve alegria. <sup>137[137]</sup>

## **DESENCANTO** <sup>138[138]</sup>

Todo o meu drama é este:  
Deixa calar, amigo, tuas palavras justas.  
Abandona, brisa, teu consolo.  
Luzes da Cidade, que tanta vez olhei,  
Calai vossos segredos.

Hoje andei por estas ruas e não foram

---

<sup>132[132]</sup> Foi publicado primeiro em *CHINGUFO* (p. 75) e depois nos *100 poemas* (p. 101), sendo aí o quarto de 1958. Foi seleccionado para os *50 poemas* (p. 39) onde lhe é atribuída a mesma data.

<sup>133[133]</sup> Os *100 poemas* e *CHINGUFO* não apresentam vírgula nesta posição.

<sup>134[134]</sup> Em *CHINGUFO* esta interrogação vem entre parêntesis e não entre barras.

<sup>135[135]</sup> Em *CHINGUFO* e nos *100 poemas* este verso é mais ambíguo: "De havermo-la perdido e desprezado".

<sup>136[136]</sup> Publicado nos *100 poemas* como o quinto de 1958.

<sup>137[137]</sup> Nos *100 poemas* é o único sem maiúsculas no início de todos os versos.

<sup>138[138]</sup> Aparece nos *100 poemas* como o sexto de 1958.

Negações o que encontrei à volta:  
Tudo me quis ser ombro onde afogar a dor.

Mas o meu barco só tem um porto, um abrigo  
E esse fechado:  
Não Molharei —Oh, nunca mais!— de lágrimas  
teu seio. <sup>139[139]</sup>

### **O ROCHEDO E A AVE** <sup>140[140]</sup>

«Ficará como um rochedo abandonado.»  
E, dessa imagem, só metade é real.  
Esquivado dos homens e das aves  
Inatingido de vozes e de gritos  
Duro rochedo e solidão apenas,  
Contudo guarda na prisão do peito  
Uma ave contráctil, dolorida,

Mas cuja voz ninguém de fora ouve.  
Mas cuja voz ninguém de fora ouve.

### **PEDOLOGIA AFRICANA** <sup>141[141]</sup>

*A soil which has taken thousands of years  
to form may be lost in a single night.*  
«Africa» — L. Dudley Stamp

1

E tudo é vida neste chão sagrado. <sup>142[142]</sup>  
Respeita as leis que a vida nos impôs!  
Esta terra é dos homens e das ervas,  
Dos bichos e das árvores, esta terra! <sup>143[143]</sup>

---

<sup>139[139]</sup> Este é o único verso sem maiúscula no início. Como o anterior é o mais alongado da folha, pode não constituir um verso mas apenas a continuação do que o antecede.

<sup>140[140]</sup> Aparece nos *100 poemas* como o sétimo de 1958, data que lhe é atribuída ainda nos *50 poemas* (p. 40).

<sup>141[141]</sup> Publicado primeiro em *CHINGUFO* (p. 76) e depois nos *100 poemas* (p. 105), sendo aí a oitava das composições datadas de 1958.

<sup>142[142]</sup> Em *CHINGUFO* este verso terminava por uma vírgula.

<sup>143[143]</sup> Em *CHINGUFO* a estrofe está ligada à seguinte, perfazendo, portanto, oito versos.

A mancheia de solos <sup>144[144]</sup> que milénios  
Arrancaram à dura carapaça  
Violenta de África, é maior  
Que tua vida e engenho, homem pequeno!

Desesperadas raízes a protegem  
E retém o orvalho, para dar-lhe,  
A rede de ervas que o amor compôs.

Só tens lugar na vida se a respeitas:  
Abre a clareira, faz a tua lavra,  
Mas não ofendas vidas como a tua!

2

Onde chegou  
Teu bruto furor cego  
Encostas se desnudaram  
Depois delas os cimos e os vales.

Onde rompestes  
A lei do amor fecundo  
Te aperta a laterite  
Em seu terrível cerco.

Onde ofendeste  
A húmida floresta  
Há hoje apenas árvores desgarradas  
Desalentados rebanhos sequiosos  
Por onde pasta  
Teu derradeiro gado.

Os antigos te dirão que é o aviso  
Da cólera dos deuses.  
Entende que ofendeste a Natureza  
Filho rebelde e ingrato!

3

A antiga Lei pregava a humildade  
O respeito da terra maternal.  
Por isso era um rito o seu cultivo  
Respeitavas na terra a tua vida!

4

Devias dar o exemplo e nem o segues!  
Quantos vivem da terra a enriquecem. <sup>145[145]</sup>  
Tiram-lhe vida, dão-lhe vida nova.

---

<sup>144[144]</sup> Em *CHINGUFO* no plural: "As mancheias de solos".

<sup>145[145]</sup> Em *CHINGUFO* o verso terminava por um ponto de exclamação.

A térmita dos solos desolados  
Que em gerações constrói, de terra e vida,  
Babilónicas torres colossais,

Essa térmita ínfima <sup>146[146]</sup> suplanta  
Tua cegueira que te cava a morte:  
Uma só <sup>147[147]</sup> termiteira fertiliza  
Um campo necessário ao teu sustento.

5

Beija este <sup>148[148]</sup> solo de África:  
«Perdão,  
Mãe, perdão, <sup>149[149]</sup> pelo egoísmo louco  
Esta cegueira e luta e ambição  
Por todo o muito que <sup>150[150]</sup> supunha pouco.

Perdão, pelas feridas que num oco  
Desespero vibrei com a minha mão  
Pensando que cedesses à dor ou que o  
Teu gesto fosse calma aceitação.

Beijo o teu solo, Mãe amada e terna,  
Estranha e bruta quanto a ofensa dói.  
Deixa que eu cale a voz para que soe,

Vinda de ti, tua lição eterna:  
«Comigo <sup>151[151]</sup> em paz, a paz seja contigo.  
Se me ofendes, cerca-te o perigo».

---

<sup>146[146]</sup> Em *CHINGUFO* "íntima", talvez por gralha.

<sup>147[147]</sup> Em *CHINGUFO* o verso inverte a posição das duas primeiras palavras, tornando-se mais frouxo e prosaico: "Só uma termiteira fertiliza".

<sup>148[148]</sup> Nos *100 poemas* aparece "estes solo", por gralha.

<sup>149[149]</sup> Em *CHINGUFO* a pausa é mais acentuada e intensa: "Mãe, perdão!".

<sup>150[150]</sup> Em *CHINGUFO* "que eu supunha pouco".

<sup>151[151]</sup> Em *CHINGUFO* o verso não é introduzido por aspas.

## DONAS DO OUTRO TEMPO <sup>152[152]</sup>

Donas do outro tempo  
Vejo-as neste retrato amarelado:  
Como estranhas flores desabrochadas <sup>153[153]</sup>  
Negras, no ar, soltas, as quindumbas.  
Panos garridos nobremente postos  
E a posição hierática dos corpos.  
São três sobre as esteiras assentadas  
Numa longínqua tarde de festejo.  
(Tinha ancorado barco lá no rio?  
Havia bom negócio com o gentio?  
Celebrava-se a santa milagrosa  
Tosca, tornada cúmplice de pragas  
Carregada de ofertas, da capela?)  
a seu lado, sentados em cadeiras,  
Três homens de chapéu, colete e laço <sup>154[154]</sup>.  
Botinas altas, botas de cheviote.

Donas do tempo antigo, que perguntas  
Poderia fazer aos vossos olhos  
Abertos para o obturador da fotográfica?  
Senhoras de moleques e discípulas  
Promotoras de negócios e quitandas  
Rendilheiras de jinjiquita e lavarindo  
Donas que percebíeis a unidade  
íntima, obscura, do mistério e do desígnio  
Atentas ao acaso que é a vida  
(Há sopros maus no vento <sup>155[155]</sup> ! Gritos maus  
No rio, na noite, no arvoredor!)  
E que, porque sabíeis que a vida <sup>156[156]</sup> é larga e vária  
E vários e largos os caminhos possíveis  
A nova fé <sup>157[157]</sup> vos destes, confiantes,

O que ficou de vós, donas do outro tempo?  
Como encontrar em vossas filhas de hoje

---

<sup>152[152]</sup> Publicado primeiro em *CHINGUFO* (p. 63) e depois nos *100 poemas*, sendo aí o primeiro dos datados de 1959 (p. 108), data que coincide com a que lhe é atribuída nos *50 poemas* (p. 41).

No corpo dos *100 poemas* não há folha separadora entre os de 1958 e os de 1959. Em *CHINGUFO* tinha um título diferente: "SOBRE UMA VELHA FOTOGRAFIA".

<sup>153[153]</sup> Nos *100 poemas* este verso não foi publicado.

<sup>154[154]</sup> Em *CHINGUFO* a pausa era marcada por uma vírgula.

<sup>155[155]</sup> Em *CHINGUFO*: "nos ventos".

<sup>156[156]</sup> Em *100 poemas*: "vida", sem artigo definido.

<sup>157[157]</sup> Em *CHINGUFO*: "à nova fé".

A vossa intrepidez, a vossa sabedoria?  
Os tempos são bem outros e mudados.  
A tarde da fotografia, irrepetível.  
Água do rio Cuanza não pára de correr  
Sempre outra e renovada.  
E dessa fotografia talvez hoje só exista <sup>158[158]</sup>  
Na vilória onde as casas são baixas e fechadas  
E têm corpo, pesam, as sombras e o calor  
A sombra <sup>159[159]</sup> farfalhante da mulemba  
Que vos deu sombra e fresco nesse domingo antigo.

**SAFÚ** <sup>160[160]</sup>

*(O Safú) posto sotto brace è odoroso, aromatico e delicatissimi)  
Cavazzi (Séc. XVII).*

Crepúsculo violeta, odor de mato  
Depois de longa chuva e trovoadas,  
Gostos que sobem da infância amada,  
Tudo isso me trazes nesse prato.

Paisagens diluídas, puro olfacto  
Desperto na manhã ensolarada,  
A sombra das mangueiras, concentrada.  
Tudo isso me trazes nesse prato.

Bocarras de erosão, terno regato  
Perdido na paisagem transtornada,  
Corpo de fruta nunca sazoadas,  
Tudo isso me trazes nesse prato.

(E sobre as brasas, a abrir-se em flor,  
Em carne, em trópico, em quentura e em gozo,  
**Delicado, aromático, odoroso,** <sup>161[161]</sup>  
É a imagem do amor, do nosso amor.)

---

<sup>158[158]</sup> Em *CHINGUFO*, cremos que por gralha, aparece "existia" em vez de "exista".

<sup>159[159]</sup> Em *CHINGUFO* "a copa" em vez de "A sombra".

<sup>160[160]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 110), com data de 1959.

<sup>161[161]</sup> Veja-se a familiaridade entre esta estrutura e a de glosa, marcada explicitamente pelo negrito sobre o verso, que vem logo nos *100 poemas*. Trata-se de uma estrutura comum na prática poética da segunda metade do século XIX no país, tal como a epígrafe, que desde logo nos remete para textos do passado referidos a coisas angolanas.

## RETRATO <sup>162[162]</sup>

Olho e vejo através dos óculos  
A escura face com óculos  
Desse teu retrato antigo:  
Fato de brim, engomado <sup>163[163]</sup>  
Gravata preta apertada  
Só te falta o capacete  
De cortiça, todo branco  
Para seres o mesmo ser  
Prolongado pela vida  
Que o Seminário marcou.

Face tocada do rito  
Da revelação vivida  
(Face dos padres que foram  
Flores escuras da Igreja)  
Olhar aberto ao mistério  
Certo que as chaves do mundo  
Sempre às mãos nos vêm dar  
Era no tempo em que a vida  
Se entretinha e prometia  
Nas longas conversas cheias  
(Sem verdes) de impossibilidades.

Lembro alguns dos teus amigos  
(Fato de brim, capacete)  
Os longos passeios dados <sup>164[164]</sup>  
Pelos domingos à tarde <sup>165[165]</sup>  
Conversa larga e pausada  
Repouso nos sítios ermos  
Prolongáveis pela vida  
Os tempos do Seminário  
Com suas marchas ordeiras  
Suas falas sussurradas.

Alguns amigos mudaram  
(Mal se vê fato de brim  
Ninguém usa capacete)  
Tu permaneces o mesmo:  
Quando a morte te levou  
Havia o mesmo rito <sup>166[166]</sup>

---

<sup>162[162]</sup> Poema publicado primeiro em *CHINGUFO* (p. 59) e depois nos *100 poemas* (p. 111), com data de 1959, data que se confirma nos *50 poemas* (p. 27).

<sup>163[163]</sup> Em *CHINGUFO* este poema não tinha vírgula.

<sup>164[164]</sup> Em *CHINGUFO*: "dos longos passeios dados".

<sup>165[165]</sup> Em *CHINGUFO* o verso terminava com vírgula.



Na tua face parada.  
E assim tu ficaste, Pai:  
Com teu sorriso incompleto  
Na certeza entressonhada.

Olho e vejo através dos óculos  
A escura face com óculos  
Desse teu retrato antigo:  
Sou eu que me vejo ao espelho.  
Teu sorriso anda comigo  
Na ânsia de completar-se.  
Comigo o teu acanhamento  
Teu sonho e vida e solidão  
E, prolongada na minha,  
A tua poesia.

## **DEUSES** 167[167]

Olhos buscando em vão uma esperança  
Um sorriso, uma flor, uma palavra  
Olhos sem cor pra dar à acromia  
Das muralhas erguidas em redor

Um peso sobre os peitos já cansados  
Indolores, desfeitos, não sentindo  
Que há uma porta aberta para a morte  
E há mil fechadas portas para a vida

Risos, sapatos velhos, meias rotas  
Flores de loucura, cabelos desfrisados  
Corpos lavados de um suor aceite

Ó heroísmo dos contidos gritos  
Presenças sereníssimas e imóveis  
Deuses caídos na planície do Hoje.

---

<sup>166[166]</sup> Em *CHINGUFO*: "ricto" em vez de rito.

<sup>167[167]</sup> Este soneto saiu primeiro em *CHINGUFO*, onde se intitulava "DESENCANTO" (p. 74). Nos *100 poemas* aparece como o 4º de 1959 (p. 113).

Andaram juntos  
Pelas artérias  
Negras e sérias  
Rindo de tudo.  
E lembravam  
Caminhos tortos  
Dos tempos mortos  
Da sua infância.

Numa cidade  
Tão percorrida  
Pelos dois jovens  
Oh quem diria  
Que descobrissem  
Novos lugares?

Nos velhos parques  
Velhos políciais  
Os perturbavam.  
Nas avenidas  
Olhos estranhos  
Os empurravam.  
Eles procuravam  
Novos lugares.

Entre quissassas  
No leito seco  
Do antigo rio  
Verificaram  
-Oh maravilha!  
Que tinham mãos.  
E inventaram  
Horas estranhas  
Nem dia ou noite.  
Seriam estrelas?  
Luz do poente?  
Belos coriscos?

Reencontraram  
Sabores estranhos  
De antigos frutos  
Já desprezados...

E descobriram  
Novos pecados.

Um belo dia  
-Oh, por acaso!-  
Verificaram  
Que tinham sexos.  
Logo notaram  
Que os complexos  
Que os tolhiam  
Se destruíam.

Ondas de carne  
Morena e cálida  
Com luas mortas  
E brejos tristes  
Se ofereciam  
Ao anjo louco  
De proibida  
E muda boca.

Às noites negras  
Com cogumelos  
Alaranjados  
Lançando luz  
Se sucederam  
Noites mais alma:  
Fuba caindo  
Tão docemente  
Duma peneira.

... ..

### **SIMPLES POEMA DE AMOR** <sup>169</sup>[169]

O marfim das tuas coxas o mesmo é dos teus dentes  
Cavalgas louca de uma fome que não mentes

Grandes quedas suicidas provocas <sup>170</sup>[170] sobre os abismos  
A sub-pele do teu corpo percorrida de sismos

Colocas duas estrelas no fundo negro do espaço  
E assustada me apertas, mordes-me o peito e o braço

---

<sup>169</sup>[169] Publicado pela primeira vez nos *100 poemas* (p. 117), como o sexto do ano de 1959, data confirmada nos *50 poemas* (p. 46).

<sup>170</sup>[170] Nos *100 poemas*: "provocadas".

E gritas como ferida, como alcançada em voo  
De um dardo veloz e denso, de um poste que se elevou

E cais como uma flor despetalando-se, ave que ainda ofega  
E bate as asas de amor, desesperada e cega

E lança no meu rosto o ódio que lhe resta  
Oh, vencida, apesar de tudo, nesta festa!

### **ACALANTO PARA O AMIGO** <sup>171[171]</sup>

Por quem tu foste, chora, meu rapaz. <sup>172[172]</sup>  
Esta chuva de agora, quantos seres idos traz?

Mais pensamento que existência foi  
Tua vida de infante, pobre herói.

Maravilha interior mas temerosa <sup>173[173]</sup>  
Do mundo hostil, a idade cor-de-rosa.

Como sabiam teu futuro pleno  
Olhares que te enganaram em pequeno?

Freios de inibição no sonho, enquanto  
Segredavam sereias no teu pranto.

Porque a escolheste tão distante, a Amada?  
Para ser, tão sòmente, desejada? <sup>174[174]</sup>

Rapaz, jogaste à cabra-cega com  
A vida e os seus dois lados: mau e bom.

Deste-te à negação como se fora  
Capaz de transmudar a noite em aurora.

Sonhaste a vida em alto sustenido?  
Só o rumor tocou o teu ouvido... <sup>175[175]</sup>

---

<sup>171[171]</sup> Publicado primeiro em *CHINGUFO* (p. 57) e depois nos *100 poemas* (p. 118), com data de 1959 (é o sétimo desse ano).

<sup>172[172]</sup> Em *CHINGUFO* a ordem sintáctica está invertida: "Chora por quem tu foste, meu rapaz."

<sup>173[173]</sup> Em *CHINGUFO* há uma vírgula a seguir a "interior".

<sup>174[174]</sup> Em *CHINGUFO*: "Para ser tão-sòmente a desejada?"

<sup>175[175]</sup> Em *CHINGUFO* este verso terminava com ponto final.

Definitivo creste o tardo achamento?  
Um sonho só... e foi-se o bom momento.

Chora, rapaz, o desacordo havido.  
Chora, rapaz, baixinho e esquecido.

## **POETA, ALIMENTEI-ME DE CONCEITOS** <sup>176[176]</sup>

Poeta, alimentei-me de conceitos  
Até tu vires, pousares dedos leves  
(Mas tão graves, pesados, como feitos  
Dos fios invisíveis que nos prendem  
À Terra-Mãe!) no corpo dolorido  
Querendo levitar.

As tuas armas  
Foram armas de deuses: Verbo, Aceno.  
A flor surgiu das tuas mãos abertas  
Desenho e cor que juntos se completam.  
A vida foi a dor que se escondeu  
Na carne e sangue vivos do teu flanco.  
O amor o que de mais a vida deu  
Para seres incompletos, limitados.  
Futuro um hoje puro e simples, denso,  
Cheio de ser e amar a negação.

Tornaste assim real o que era apenas  
Ideia e sonho. E, como os deuses, foi  
Inciente de teus dons, de teus milagres,  
Que reparaste, atónita, no orgulho  
Do pobre feito rico por teu gesto.

## **OUTUBRO** <sup>177[177]</sup>

Como se de cacimbo, uma manhã que freme.  
Mas já não é cacimbo, é um Outubro feito  
De verdejar, coar de luz, cantos de pássaros.  
Não alcanço uma lembrança que descesse

---

<sup>176[176]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 119) como o oitavo desse ano.

<sup>177[177]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 120), sendo o nono de 1959, ano de composição que também lhe é atribuído nos *50 poemas* (p. 38).

Alada e leve, musical, e se deixasse,  
Dócil, conforme, encarcerar em mim.  
Nem flor. Nem sopro. Nem um corpo. Ou voz.  
Nada que torne  
Já passado, vivido, já transposto  
Este peso sem tempo, sem devir  
Que me prende ao <sup>178[178]</sup> seu ritmo: Hora presente  
Gesto petrificado, imóvel rio, Ser.

### **ENCHE-SE A TARDE DE ALMA DOLORIDA** <sup>179[179]</sup>

Enche-se a tarde de alma dolorida.  
Deixa de ser o mundo — é apenas mar.  
Não o mar vivo de águas e de limos,  
De belos peixes ágeis, fugidios,  
Não o mar morto dos corpos putrefactos  
Onde é ainda vida um calor morno  
— Mas mar nubloso, aéreo e conforme  
Em que se esbatem, frios, os destinos.  
Memória é pura dor neste oceano  
Onde o presente abraça os seres e os une  
E o vir à tona é puro acto de morte.  
As núvens — deixa — cubram o teu rosto  
Arestas de alma adocem, te dissolvam  
Neste mar teu, só teu: o dia de hoje.

### **DESPREVENIDA, OUVISTE?** <sup>180[180]</sup>

Desprevenida, ouviste? Assim te espero.  
Não me tragas perguntas no olhar  
Se antes, se depois, se nunca mais  
E quanto pesa ou não. Nem esse ar  
De quem sabe perder. Descontraída  
Te quero e te reclamo, como se de arte  
Falasses (como gostas) não da vida.  
Sabes que neste jogo eu tudo aceito:  
Tuas palavras e teus lábios têm  
Seguro porto franco no meu peito.

---

<sup>178[178]</sup> "Que me prenda a seu ritmo" — nos *100 poemas*.

<sup>179[179]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 121) como sendo o décimo de 1959.

<sup>180[180]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 122) como o 11º de 1959.

E para sempre. Agora ouve e regista:  
No amor, o que se ganha (eis o conceito)  
É tudo perder-se, meu amor.

### **TRAZ UMA NOTA NOVA AO MEU CANTO** <sup>181[181]</sup>

Tras uma nota nova ao meu canto  
Que ele é pra ti, Rainha do Quebranto,  
Mulher inda incompleta de olhos ávidos  
Em renúncia esbatidos e impávidos  
Perante a abertura pequeníssima  
Que dá prá vida plena. E sorri se ma-  
teriais, agressivos planos ferem  
A ânsia que te agita toda ou querem  
Impedir a tua morte desejada.  
Vem para mim mecânica e alada,  
Flor, pétalas, lâminas cortantes,  
Une num tempo só depois e antes  
Num tempo atravessado do furor  
Que de ti faz a Espada e o Amor  
Do que em mim espera, trémulo, cativo  
Daquilo por que morres e eu vivo.

### **OLHOS QUE A DESNUDAM TODA** <sup>182[182]</sup>

Olhos que a desnudam toda. E a alma  
Errante, algures, na tarde calma. Será  
Desleixo ou o abandono que há, disperso,  
Ondeante, no quieto universo de onde  
O seu corpo emerge e a alma se esconde?

Sòmente,  
Os esquecidos olhos, bem de frente, a olhar-me  
Talvez sem me notar, sem reparar, me trazem  
À tona a esquecida problemática. E fazem erguer  
Incómodos sentidos.

Porque do sonho ledó não desperta a bela  
E olha a paisagem pela janela aberta

---

<sup>181[181]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 123) como o 12º de 1959.

<sup>182[182]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 124) como o 13º de 1959

E deixa  
Em mim morrer, afogado e sem queixa, o pensamento?

### **NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM** <sup>183[183]</sup>

Não te esqueças de mim. E, se esqueceres  
O que de mim em ti fez acordar  
Adejos de alma à luz crepuscular  
Que a si mesmos devolve todos seres;

Se para ti olhares e tiveres  
A lisura da pedra tumular  
Onde os olhos deixaram, pra ficar,  
Marcas de estatuária; e não puderes

Inda sentindo-as, referir a mim  
Doces pressões, esquivas ressonâncias,  
Lentos desabrochares de alma sem fim;

Ao menos guarda no teu peito, amor,  
O que eles foram, tais sentires e ânsias,  
Que a mim basta saber-me o seu autor.

### **O HERÓI** <sup>184[184]</sup>

Como nós à passagem dos que chegaram às metas  
trionfais que lhes propusemos, as crianças  
perfilam-se nos muros, nas janelas, nos passeios,  
para saudar o Herói. Este é grande, pesado, me-  
cânico, seguro, sem sopro de poesia: o oposto  
preciso dos que o ovacionam. Os pequenos braços  
levantam-se, agitados, e das bocas, em mil tons  
coloridos, vem a saudação: — «Maximbombo, pri-  
mir'andar!» E a cena repete-se, nova, inédita,  
a cada passagem a que o horário obriga o  
monstro.

---

<sup>183[183]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 125) como o 14º de 1959.

<sup>184[184]</sup> Publicado nos *100 poemas*, a pp. 126, como o 15º de 1959.



## **CARTA PRIMEIRA** <sup>185[185]</sup>

Falar é intraduzir o encanto prévio.  
Só o ver-te me basta e adivinhar  
Cascatas de ternura em teu olhar <sup>186[186]</sup>  
Alegrias discretas, o ar leve e o  
Vasto, humano céu que tu constelas.

O alguém me basta, pois. Esta não-posse  
Contemplação apenas sugerida  
Ignorado desígnio!  
(As estrelas,  
Distantes, nos pertencem. Mas se fosse  
Possível agarrá-las... Quanta vida  
Vazia de sentido!)

Continua  
Distante. Dá-me a tua água <sup>187[187]</sup>, virgem  
De intenção, virgem de tudo. Nua,  
Sem que o pressintas; bela, tal na origem  
As coisas nunca olhadas.

E aceitemos <sup>188[188]</sup>:  
Da relação amor <sup>189[189]</sup> nada sabemos

## **COMPOSIÇÃO LINEAR COM MANCHA AZUL** <sup>190[190]</sup>

Constituo teus símbolos: O azul  
(O lenço que emoldura o teu sorriso)  
E qualquer coisa simples: O conciso  
Recorte do vestido, o vento Sul  
Que traça sugestões de céu e mar  
Em curvas que te moldam.

---

<sup>185[185]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 127), como o primeiro de 1960, data confirmada nos *50 poemas* (p. 47). Que é, pelo menos, de 1960 confirma-o a sua publicação no *JORNAL DE ANGOLA* de 15 de Julho desse ano (nº 81, p. 4).

<sup>186[186]</sup> No *Jornal De Angola* o verso terminava com vírgula. O mesmo para o 1º verso da estrofe seguinte.

<sup>187[187]</sup> No *Jornal De Angola* esta vírgula não existia.

<sup>188[188]</sup> "E acordemos" — no *Jornal De Angola*.

<sup>189[189]</sup> No *Jornal De Angola* e nos *100 poemas* a palavra "amor" vem grafada em negrito.

<sup>190[190]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 128) como o segundo escrito em 1960. Republicado nos *50 poemas* (p. 48) com a mesma indicação de data.

Uma cor  
E mais nada. Uma cor, e a fechar  
O universal abraço, a geometria  
Pura. A linha curva, longa, certa  
Em que se exprime uma ânsia maior.  
A que define a noite como o dia.  
A que povoa a imensidão deserta.  
Uma linha, uma cor. Na concisão  
Dos símbolos, o amor.

### **DESATO O NÓ DA ALMA** <sup>191[191]</sup>

Desato o nó da alma, abro as comportas;  
Cerco-te, casa desprevenida na planície,  
águas revoltas, bravas, que se amansam  
Em carícia e segredo à tua volta.

Minhas palavras cingem-te a cintura,  
Tecem colares em torno do teu colo,  
São música aos ouvidos e calor  
Onde o sangue te corre em sobressalto.

Onde o sangue te leva, transmudadas  
Em física presença, as tresloucadas  
Palavras, sempre as mesmas: Oh Rainha,

Oh sempre, Oh louca, Oh fonte, Oh ave  
Oh tudo o que é tranquilo e onde se acabe <sup>192[192]</sup>  
Em gesto puro, em rito, a fúria minha.

### **PERDULÁRIOS** <sup>193[193]</sup>

Tudo desperdiçamos: a Alma e a Voz,  
Dedos e Corpo. O que é em nós  
E o que de nós se estende  
A quem amamos.

Cada Voz tem um'Alma onde cumprir-se.

---

<sup>191[191]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 129) como o terceiro de 1960.

<sup>192[192]</sup> No livro está escrito "acebe", por gralha.

<sup>193[193]</sup> Poema publicado nos *100 poemas* como o quarto do ano de 1960 (p. 130).

Cada Dedo, um pedaço de epiderme que o chama

Nossas Vozes pregámo-las nas árvores  
Deixámo-las nas atmosferas limitadas  
De salas e autocarros.  
Nossas mãos (inda pior) iludem-se  
Como e com peças infernais, mecanizadas.

Pobres, tão pobres, <sup>194[194]</sup>  
Que perdulários somos!

## **VOLTAREMOS A SENTIR TODA A MISÉRIA** <sup>195[195]</sup>

Voltaremos a sentir toda a miséria  
Incapazes, com medo, de atingi-la.  
(Olhas de lado, aérea,  
Para a rua tranquila.)

Olhamos, cobiçosos <sup>196[196]</sup>, uma flor transparente,  
A flor do nosso sonho, protegida de lama.  
(Teu ar indiferente...  
Ou eu ou tu: Quem ama?)

Um amor torrencial. Em vagas. Catadupas.  
Um desejo suicida de amar num turbilhão.  
(A mentira de que usas:  
Imóvel tua mão.)

Impossível perder-te. Inda que para tanto  
Salte por sobre o abismo, com os olhos vendados.  
(Não te soluce o pranto  
Sob os olhos vidrados.)

## **DE DESENCONTRO E ESPERA O AMOR SE TECE** <sup>197[197]</sup>

De desencontro e espera o amor se tece.  
Desviados de si, gestos se perdem,  
Buscam palavras seu destino ausente.

---

<sup>194[194]</sup> No texto está —por gralha— "popres".

<sup>195[195]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 131) como o quinto de 1960.

<sup>196[196]</sup> No texto está escrito "cubiçosos", certamente que por gralha.

<sup>197[197]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 132) como o sexto de 1960.

A quem estarás dizendo? Que moleza... <sup>198[198]</sup>  
Impossível estar... Tanto calor... <sup>199[199]</sup>— outras palavras  
Onde escorre o impossível rio aprisionado  
Que traria canções ao meu ouvido.  
De uma frescura  
Pura  
Como a que adivinho em tua boca  
— Permanente sorriso ou desafio.

Por mim eu vou dizendo: Que chatice!  
E quem ganhou? E então? <sup>200[200]</sup>  
Oh sentimentos,  
Príncipes encantados, perdidos bens,  
Que sem um Gesto ou o milagre incerto  
Vos mostrais rudes, brutos e vulgares!

## **ATÉ SE REVOLTAREM OS ESCRAVOS** <sup>201[201]</sup>

Até se revoltarem os escravos.  
Até se rebentarem as comportas.  
Até sismos divinos, rancos cavos  
Da terra inquieta sob as pedras mortas  
Sacudirem a nossa quietação.  
Até que luas doidas sobre o mar  
Sejam sinal da Alucinação.  
Até se extinguir a gentileza  
Que mais nos liberta, nos corrompe.  
Até sermos capazes de amar,  
Até sermos capazes de morrer.

## **CARTA DO AFOGADO** <sup>202[202]</sup>

Recebe o corpo meu tal como morto se oferece  
Às tuas mãos — as únicas que sem nojo podem limpá-lo

---

<sup>198[198]</sup> No texto estas duas palavras são grafadas em negrito

<sup>199[199]</sup> V. nota anterior.

<sup>200[200]</sup> V. nota anterior.

<sup>201[201]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 133) como o sétimo de 1960.

<sup>202[202]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 134) como o oitavo de 1960. Republicado nos *50 poemas* (p. 19) com a mesma indicação de data.

Da salsugem que o mar nele deixou —  
Para que ainda o modele  
Em beleza e sossego, o teu amor.  
(Nunca aceitaste o ser com que saí  
Do escuro do teu ventre? Pobre mulher,  
Mas tão rica de mim!)  
Passa as mãos pelas linhas do meu rosto  
Que elas te dêem, enfim, mais do que silêncio  
— A resposta que sempre ofereci  
Ao teu amor solícito.

Saí do teu ventre para nos ignorarmos.

Sabes tu, soubeste alguma vez,  
Como me descobri? A ti estranhas foram  
As coisas que no mundo me prenderam  
A mim próprio devolvendo-me. Nunca te disse  
Quanto de Sol e areia e mar e barro e rocha e verde  
Me arrancaram de mim.

Nada soubeste  
De como me erigi em flébil colmo  
Permeável ao vento, receptivo a tremores  
Que olhos e gestos, almas e homens precipitam.

Nada te disse — Oh, nada! — que mostrasse  
Em inquietação e espanto  
Os segredos um dia revelados  
À inquirição medrosa destas mãos  
Sobre o corpo que, morto, te ofereço.  
Nada contei — Oh, nada! — do que deu  
Ao rosto meu sorrisos que tu viste  
Tristezas surpreendidas por teus olhos velando-me.

Ela, a menina, ofereceu-me qualquer  
coisa que guardei entre os meus livros  
de estudo; fez que a esperasse — a  
manhã era alegre, um casarão com cla-  
rabóias de vidros coloridos — para me  
dar sómente dois grandes olhos, moedas  
sedutoras; um dia, ela puxou-me para  
a surpresa impotente da carne que se  
oferece, indesejada.)

Tu não sabias?  
Cada um me deu o imprestável  
Que de si tinha. Os meus amigos  
— Não aqueles que me esperavam  
Para o gratuito de sermos, de sentirmos  
Bem mais que nós, que cada um de nós

O fumo dos cigarros — os meus amigos  
Esses de mim levaram, como livros roubados,  
Os sonhos vivos, puros. Não descobriste  
Meu sorriso confiante te anunciando um homem?

De cada vez que dava (me roubavam) me descobria  
Um homem. Tu não sabias?  
Por demais hermético me tornei  
Para que tu o soubesses. Não deixarias tu que me roubassem  
Que fosse um roubo apenas quantos ruídos  
De dactilografia <sup>203[203]</sup> tiraram o teu sono  
E os versos que só leste, mais tarde, nos jornais.  
Nada soubeste das minhas glórias passageiras:  
Chovia, saí, não perguntaste para onde ia  
— Soubeste quanto ganhei em ser o único  
Que não faltou ao encontro? Nada soubeste.

Vagamente, porém, fui-te dizendo, para envaidecer-te,  
Das *grosses têtes* que me folhearam, julgando ler-me,  
Como a um *Paris-Match* <sup>204[204]</sup> ou coisa igual.  
Ao menos aí tive uma cadeira confortável  
Mulheres — as deles — adoráveis ao meu lado,  
O quebra-luz — e por copos de uísque me troquei.

Sabias? Minha moeda foi sempre e apenas eu  
E a necessidade — se sabes!... — nos obriga.  
É tarde, porém. As letras estão vencidas,  
Não há remédio. Não tive tempo algum  
De viciá-las. Levam de mim  
Cérebro e músculos e mãos e pés  
Nervos, tremores. Levam de mim  
Delicadezas (Ó meu Rimbaud!:

*Oisive jeunesse*  
*À tout asservie*  
*Par délicatesse*  
*J'ai perdu ma vie)* <sup>205[205]</sup>

Para as lançarem, mal-gastas, na primeira esquina.  
Sabias, mãe?

E agora, que já o sabes, não ergues tu a mão  
Das linhas que não te pertenceram, do meu rosto?  
És como a terra — nunca reclamas nada. Os regressos  
Apenas os aguardas com o teu corpo que do hábito  
Ganhou as formas da espera. Hoje  
Um morto veio dar à praia e harmoniosas

---

<sup>203[203]</sup> "Dactilografia" nos *100 poemas*.

<sup>204[204]</sup> Nos *100 poemas* estas palavras vêm em negrito.

<sup>205[205]</sup> V. nota anterior.

Foram as linhas com que a areia o recebeu:  
Como as de um colo.  
Dedos de vento e amor — música eólia —  
Percorreram-lhe os pelos, a carnagem, cicatrizes  
(Tantas vezes inciso o corpo outrora!)  
Estremecer fizeram, como vivas, suas pálpebras.  
E era quase o milagre. Era quase o milagre:  
Erguer-se puro e vivo, com as linhas  
Modeladas pelos teus dedos, o teu filho querido.  
Não o queiras, porém. Tu não o queiras:  
Só assim, corpo morto, será teu.

## **FILHOS QUE SOMOS TODOS DE UM SÓ PAI** <sup>206[206]</sup>

Filhos que somos todos de um só Pai  
Por Ele queria prender-vos, amarrar-vos,  
Se filho me sentisse desse Pai.  
Se irmão fosse de vós, se vos amasse,  
Filhos sem Pai perdidos como eu.  
A ele voltamos, último recurso  
Da nossa angústia toda:  
Velho dominador que nos atasse  
Mais que ao Amor, à Lei de ferro e fogo  
Do Seu Poder Divino.

Primeiro era mostrar-nos o Seu peso  
Não da dispersão em que perdemos  
Dele e de nós o curso solidário.  
Era marcar em nossa alma e corpo  
O ferro em fogo e sangue da Sua posse.  
De nós fazer as bestas do Seu rebanho  
Pelo cajado de relâmpagos guiadas  
De Sua mão em cólera.

Fazer, depois, de nós  
Os filhos que Lhe não fomos,  
Os irmãos que nos devemos,  
Desaprendido por nós o roubo que fizemos  
Dos atributos Seus: Perdido o ódio  
Pelo qual vivemos, as armas Suas  
Que de Si tiramos para Lhe dar combate:  
Ferindo-nos, alterando a Ordem Sua  
Sabedores que o divino a nós acede  
Apenas por alterá-la: Acto de amor ao Pai.

Porque o Criar e o Matar em Sua Ordem são  
Actos de criação — o Acto apenas.  
Pois, dos Livros é, — Não foi para Sodoma  
E Gomorra — as cidades dos filhos  
Que lançaram seu desafio ao Pai —  
Enviado o fogo e o enxofre do Seu total Amor?

Belo é o punhal e o sangue, a arma e a morte  
Belo é o parar do Sol, o abrir do Mar  
Belo é o incêndio e o pasmo de atear-lo  
— Actos do Pai que os filhos aprenderam.  
Actos do Pai que os filhos fazem  
Do tamanho da sua imperfeição  
Requerendo com eles  
O Acto maior do Pai  
O Acto imenso do Pai  
O Acto perfeito

Por que todos esperam para ter-se  
Reconhecendo-se uns nos outros, todos  
Filhos do mesmo Pai.

### **ODE** 207[207]

Um frio de metal cobre o espaço.  
Cinzento e liso o céu em que me espelho  
O desconforto traz-me do seu aço  
Traz-me a lembrança de um poema velho.

Alto e de guerra o canto da cigarra  
É espessura de gumes afiados  
Onde em leque de cigarros se desgarrar  
A alma desfeita pelos ventos acerados.

Forma de umbigo e ventre, carne quente  
Onde o apelo do teu ser esquecido?  
Busco através do frio, friamente,  
Como um feto o calor apetecido,

Meu ótimo biológico: teu afago.  
Amibianamente, teu tropismo  
Guia meus braços num instinto vago  
Que disfarço com versos e lirismo.



Tem-me, amiba, em teu mosto  
— Como era? — anaeròbiamente transformando-a  
Em vinho puro e brando  
De teu gosto e meu gosto.

E dirás que o poeta é pessimista! Pode,  
De um início cinzento,  
Tirar, como um fermento,  
Quase sanguínea ode!

### **ACALANTO PARA A AMIGA** <sup>208[208]</sup>

Escuta, minha amiga: Falaste-me do anjo  
Que negou ao teu sono o dossel do seu manto?  
(Olha-o de asas abertas  
Para a tua amargura.)

Disseste-me dos olhos cujos raios trespassam  
Tua carne ansiosa de carícia e torpor?  
(Inda que mortos, dedos  
Pra moldar a beleza.)

Falaste-me da fraude do destino incumprido  
Só de ti ignorado, que o anjo escondia?  
(Olhos de espanto — vê-os! —  
Em seu rosto de névoa.)

### **AGORA O À-VONTADE, O DESENCANTO** <sup>209[209]</sup>

Agora o à-vontade, o desencanto.  
Agora, finalmente, a natural  
Conversa, sem perigo. No entanto,  
Doem-se as almas, sós, contra o banal.

Agora já me falas sem o manto  
Da inquietude — <sup>210[210]</sup> calma; e, como tal,

---

<sup>208[208]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 141) como o terceiro de 1961.

<sup>209[209]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 142) como o quarto de 1961. Tinha saído antes no *JORNAL DE ANGOLA* (28-02-1961, p.8).

<sup>210[210]</sup> No *Jornal De Angola* não havia travessão.

Me explanas, sem lugar para o pranto  
Ou o sobressalto, a tua vida igual.

Agora coexistem, delicados,  
Num mundo feito — criámos — pra dois,  
Várias pessoas mais: e ele, e ela.

Agora estamos, vê, mais sossegados <sup>211[211]</sup>,  
E mais mortos, mais eles, sendo, pois,  
Morte esta vida e nós a merecê-la.

### **NÃO MAIS VEREI TEU ROSTO** <sup>212[212]</sup>

Não mais verei teu rosto reflectido  
Nos vidros sujos deste maximbombo.  
Não mais encontrarão o apetecido  
Olhar teu os meus olhos que choram. Pombo

Cujo voo suicida fere e rasa  
Meu volume de angústia, o meu sentir  
Resvala, solto de si, inútil asa,  
Contra a prisão em vidro do partir.

Não mais te sentarás mesmo a meu lado  
No lugar que — por acaso — encontras vago.  
Não mais eu olharei com um afago  
As tuas mãos de dedos finos. (Fado

Estranho este nosso: Mãos iguais,  
Mãos para se entregarem em segredos,  
Tanto tempo ignoradas e leais:  
Alianças erradas nos seus dedos.)

Não mais encontrarei no teu sorriso  
A Implícita promessa murmurada:  
«Até logo», — «Até logo». Para nada  
Florir do nosso sonho — mudo e liso.

Não mais eu olharei sem um ciúme  
Tuas falas serenas, o teu estar  
Em frouxidão ao lado dele. Perfume  
Que antevia me pudesses dar!

---

<sup>211[211]</sup> No *Jornal De Angola* o verso não terminava com vírgula.

<sup>212[212]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 143) como o quinto de 1961.

Não mais serei feliz só da surpresa  
Das formas que eu amei do teu cabelo,  
Erguido ou caído sobre a nuca. — Beleza  
Que eu bebi! O quadro belo!

(Este poema feito hei-de deixá-lo  
Dentro dos maximbombos. Só eles sabem  
Como perdemos nosso amor. Embalo  
E sonhos idos — que sem dor se acabem!)

### **PRIMEIRO MOTIVO DE CONVERSA** <sup>213</sup>[<sup>213</sup>]

Olhas e passas. Nada toca o teu  
Compreender das coisas que à volta  
Fazem seu curso estranho sob um céu  
Dum azul cuja calma me revolta.

E falas no que dói: «Teus ideais,  
Se todos os tivessem...» E estremece  
Ao saber que me pensas, aos sinais  
Da tua inquirição, o que em mim é se-

creto viver de musgo. Onde, solar,  
Só o infuso meio em que, medida,  
Se cumpre, entre seus términos, num ar  
Contido em estufa, em segurança a vida.

Mas cercam-me as palavras tuas. Delas,  
Fluido escorre um gesso que me fica  
Ao rosto preso e se solidifica  
Na figura imutável por que anelas.

Meticulosa e certa como a aranha,  
Paciente, incansável, vais tecendo  
A iniludível teia, a luz estranha  
A que sem forças, meu amor, me rendo.

---

<sup>213</sup>[<sup>213</sup>] Publicado nos *100 poemas* (p. 143) como o sexto de 1961.

## SEGUNDO MOTIVO DE CONVERSA <sup>214[214]</sup>

Que não quero, não falo, não pergunto...  
Ainda, só ainda... Até quando? Junto  
De todos eles — vós sois eles — impossível  
É estar. Risível

O ar canhestro que ainda posso opor:  
Meio-sorriso, meia-fala, meia-mão  
Estendida às suas mãos abertas; meia-dor  
— Só-meia — de consentir sabendo  
Ser uma arma também, mas não tendo  
Uma coragem inteira para opor.

Ainda gosto das tuas frases... Como dizes?  
«Eles são estúpidos, estúpidos, absolutamente  
«Estúpidos» (do absoluto das tuas convicções.)

de si mesmo, o assunto cai: Felizes  
Os teus olhos! Nada os toca: Sereno,  
Altivo, calmo, ainda me vez tal pensas.  
E afinal aprecio que assim seja: espelho  
Delicado devolvendo ao velho, o jovem  
Rosto amado. Só isso.

Não te importam  
Quantos sepultos seres no cemitério há  
Deste corpo mortal? De quantas mortes  
Não te apercebeste apenas  
Porque tas não dei a conhecer?

«São estúpidos, eles». Sabes quantos  
Eles vou ficando, quantos eles já nasceram  
Do que morrendo foi — ó meu amor! —  
Sem que tu visses: Alma, espírito-alma,  
O quer que não morre senão vertendo  
Sob outras formas seu mordido alento?

Ficou meu corpo pra guardá-los sob  
Um meio-interesse, um meio-riso snob.

---

<sup>214[214]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 146) como o sétimo de 1961.

## **O TOCADOR DE DICANZA** <sup>215[215]</sup>

*Para o Euclides*

Será monótono o ritmo da dicanza?  
Toca, ó tocador, tua música estranha!  
Burdon a o teu bordão bordões ecoando  
Ora em estrídulo grito, ora em afago brando.

Corres do teu bordão as notas baixas  
Como baixando a voz, a mão se baixa  
Sobre o corpo dormindo: «Hoje  
Que dormes no quintal, a minha mão procura  
O teu corpo que sempre a ela foge!»

E são luas nocturnos, tocador,  
Os brancos que reluzem em tua face.  
Vozes de vento e espírito, as que sobem  
Do fundo mar do oco da dicanza.

Já ergues em falsete a tua voz:  
«Não saias, meu filho! Tu não saias!»  
E o tom constela a negra, presentida  
Desgraça já chorada.

E — «Galinhas de tua mãe,  
Quem as roubou?» — já vibras, tocador,  
E o teu bordão se queixa,  
Em urros de leão e balidos de seixa.

Caem teus braços feridos, tocador,  
Por que perdida bala? Como lebre na toca  
O instrumento se cala.  
E já nos chega o sono, lento, lento...

## **SETEMBRO** <sup>216[216]</sup>

É de Setembro a fria madrugada  
Em que o teu corpo habita. É cinzenta,  
A crispar-se, de nervosa, a ante-alvorada

---

<sup>215[215]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 148) como o sétimo de 1961. Republicado nos *50 poemas* (p. 29) com a mesma indicação de data.

<sup>216[216]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 149) como o oitavo de 1961.

Em que te moves, ave friorenta.

É de Setembro a ânsia de raízes  
De teus dedos buscando um rio escuro.  
Em Setembro, secos os matizes  
Da paisagem, só resta anseio puro.

Setembro, terra seca e cores claras  
-O amarelo que receia os verdes  
Explodidos nos longes das anharas-  
É o espírito-brisa em que te perdes.

É de Setembro o olhar onde lucilam  
Com as estrelas, pontas de fogueiras.  
E a abóboda azul onde desfilam  
As, do teu sonho, aves prisioneiras.

## **NÓS** 217[217]

Haverias de vir... Já vejo  
A tua perna erguida, o teu sapato  
E aquilo que de ti menos gosto:  
Nodosidades desfazendo o todo  
De harmonia que do teu rosto estendo  
A todo o corpo.  
Nós. Nós. Nós.  
Tantos, que julgo encontrar onde suponho  
Te bate o coração, um nó de vasos,  
Artérias, tecidos musculares.  
Um nós de angústias para desatar...

Tens os meus dedos, anti-nós, meus dedos...  
Chegas. Ergues a perna: um nó. Pra desfazê-lo,  
Macios, palpam meus dedos os nós dos dedos teus...

## **DESPEDIDA** 218[218]

«Despede-te de mim  
Mais demoradamente».

---

<sup>217[217]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 150) como o nono de 1961.

<sup>218[218]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 151) como o décimo de 1961.

E à frouxa luz, assim  
Como se fosse, em frente  
Ao meu, o teu tombado  
Rosto, harpa de pranto,  
Dás-me no olhar magoado,  
Quanto restou do encanto!

A mim, as flores que vão  
Perdidas na torrente!:  
Uma só flor, que não  
O rio permanente!  
Nas redes do minuto  
Impossível prender-te:  
«Táxi! Táxi!» — escuto.  
E começo a perder-te.

No entanto, tão capaz  
Estava de ternura!  
Olhas. O adeus me traz  
Uma tristeza escura.  
Não há uma promessa  
Em tua mão erguida:  
Que se acabe depressa  
A nossa despedida!

Junto à tabacaria:  
«Um maço de cigarros.»  
Meu último disfarce.  
Anúncios. Luzes. Carros.  
Tua face a moldar-se  
Em espirais de fumo.  
Dissolve-se na noite  
O inencontrado rumo.

## **ONDE UMA VEZ TOCASTE** <sup>219</sup>[219]

Onde uma vez tocaste  
Nessa árvore  
Na fonte onde bebeste  
Nessa areia macia  
Na estalactite húmida da gruta  
Onde os teus olhos jogaram cabra-cega  
Com os olhos da luz

---

<sup>219</sup>[219] Publicado nos *100 poemas* (p. 153) como o décimo primeiro dos de 1961.

O aço afiado cantou a violência  
E a música da pólvora ecoou contra os insectos.

(No entanto,  
A recurvada linha do teu corpo  
Era a música da trepadeira sobre o tronco  
Em que os teus cabelos, radículas, tocavam.  
Falavas com doçura destes tempos  
E a tua voz era a possível nota de harmonia.)

## **SOBRE QUADROS DE EDUARDO PIRES JÚNIOR** <sup>220[220]</sup>

1

Sobe do fundo a rosa sob o verde.  
Simples rosa em verde, pouco fundo, mar.  
Nela se prende o fluxo. O mais se espraia.  
Em verde e verde e mar só mar enquanto  
Nada de estranho o tinge. O mais é esparso:  
Novelo imponderável onde conter  
O voo das gaivotas. Pena. Espuma.  
Coro das águas deixando o mar vazio.  
como oferta, a rosa em carne e sangue.

2

São cores do tempo buscando eternidade;  
Ocre, branco, vermelho. A Água e o Sol  
Com o tempo correram sobre o muro.  
Um negro rio denso, só ele continua  
A sustentar a vida.

Venham líquines, cinzas, pra manter  
Na eternidade, o nosso transitório!

3

Uma fronteira: a morte, a vida. A cor  
Que a si própria se mata, arrefecendo.  
Um Sol de luz nevada e, à sua volta,  
O informe, indefinido, verde dos começos.  
Fim ou princípio? A morte,  
Em barcos, corpos negros, insiste.  
Dongos flutuando no oceano de algas:  
É vida ou morte? Um Sol para princípio.

4



Realezas perdidas! Oh velhice  
Das grandes capitais onde não fui!  
Inscrições sobre túmulos, hieróglifos,  
Vitrais coando poentes violeta!  
É a cidade virada para dentro

Salões, vícios, cetins,  
O efêmero afinal cristalizado:  
Um velho frasco de perfume (antes, veneno)  
Que ninguém abre. A vida que persiste  
Detrás das portas das grandes capitais!

### **E EIS QUE EU POSSO DIZER** <sup>221[221]</sup>

E eis que eu posso dizer: «Vivemos muito.  
Não há chuva sem ti. Dia de Sol sem ti.  
Estás em cada sopro de brisa em minha face.  
Porque brisa tu eras, como eras Sol e Chuva.

Vivemos Paz e Guerra. Não há baile sem ti.  
Nem alegria solta, música, cerveja.  
Não há violência de que me não doam teus nervos.  
Porque eras alegria desprendida, como eras graça e medo.

Porque eras tudo e em tudo te moveste, hoje  
Em tudo se move o que tu foste: Sorriso,  
Mágoa, mar húmido, luar e medo e morte.

Porque eras tudo... mais vazio está  
— Quadro de ausências — o mundo em que ecoa  
Única fonte viva, meu soluço, chamando-te, chamando-te.

### **VIAGEM À TERRA NATAL** <sup>222[222]</sup>

1

A terra é antiga — seu relevo o diz:  
O tempo passou com seu afago  
Sobre a lomba dos montes.

Altars de rocha a deuses já vencidos,

---

<sup>221[221]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 156) como o primeiro dos de 1962.

<sup>222[222]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 157) como o segundo dos de 1962.

Da cor de velhas pratas, surgem  
Os socos colunares.

Só nos côncavos vales o sinal  
Não ficou do tempo e idade:  
Verdenegrura original,  
Intimidade  
Onde, fecundo, espera  
O limo inicial.  
Abertura de vida  
Em rocha dura.  
Perene verde!

2

A exacta realidade  
Sobre o postal da infância:  
Pobre, longa saudade!  
Enganosa distância!

Fios de telefone  
De um suave zunido.  
Dorme, menino insone,  
Sobre o tempo perdido.

Procura o nome antigo.  
Palata a fruta doce.  
Não ficastes contigo:  
Quem tu foste, acabou-se.

3

Na ausência do Homem, a incontida  
Presença da Cultura  
Concorrente à Natura.  
A Mão andou aqui  
Plantando, semeando,  
Removendo o terreno,  
Tirando e entregando.  
Simple momento  
Em círculo fechado:  
Não distante da terra,  
Não diferente.  
Orgão apenas  
De uma mesma função:  
Continuar.

## RENQUE DE COPAS VERDES <sup>223</sup>[223]

Renque de copas verdes sob as quais  
Se desloca o teu corpo. Te golpeia  
E fere a luz e assim te obriga mais  
A cerrar as pupilas. Sobre a teia  
De sombra-e-luz, no chão, bailam irrealis  
Teus inquietos sentidos. Uma areia  
Vibra no ar teus hálitos e sais,  
Numa réstea que, súbito, a incendeia.  
E tudo isto vem da tua ausência.  
Até a exacta, viva, consciência  
Do tempo que sofreste e era o castigo  
Maior da tua dúvida. Momento  
Acre de violência e dor. Lamento  
Surdo. Loucura de ficar contigo.

## ANTI-HERÓICA <sup>224</sup>[224]

Não como herói te canto, pois não faltam  
Os que te erguem bandeiras desfraldadas  
Tu como herói — guias, eles, no entanto  
Da tua condição  
Entre esta escuridão  
E a noite que te atrai.

És, para eles, o Mercado de Revolta,  
O Filho que incendeia a casa de seu pai.  
É teu retrato  
O de um garoto ingênuo de olhos maus.

Tens neles teus cantores  
Que não em mim  
Em quem batem como eco,  
Teus gritos desde a História.

Pois,  
De nós os dois  
É só de mim que falo  
Malfaçõ des mulatresses  
Olhos brancos de inêxito  
Desespero

---

<sup>223</sup>[223] Publicado nos *100 poemas* (p. 159) como o terceiro dos de 1962.

<sup>224</sup>[224] Publicado nos *100 poemas* (p. 160) como o quarto dos de 1962.

Olhar doce cambulando nos portos  
Onde continuam  
Rios de sangue e esperma  
A produzir-me.

É só de mim que falo  
Frustra Apolo dos hospícios  
Prisioneiro gigante conformado  
Gênio sombrio de escura submissão.

E também  
De minhas versões-bem  
Na roda  
Onde sempre de fora  
Permaneço:  
Bem-falante, Educado, Bem-vestido  
Que nunca fui  
Apenas  
Porque houve  
Sempre  
Uma voz doce, aflautada  
Que o dissesse.

Eis como me canto  
Malfaçonado deus, protótipo futuro  
Recusado  
Por quantos  
Apenas por existirem  
Me promovem.

### **CASA MORTUÁRIA** <sup>225[225]</sup>

Paredes amarelas entre as árvores...  
Onde se apagam homens silenciosos,  
Uma mulher se ergue.  
Abre os braços em cruz,  
Cai-lhe a coberta negra.  
Uns passos dá — levita!  
Lança um gemido — canta!

Sua voz modulando  
Sintoniza o Além.  
-E eis que tudo se toca  
O dividido se une:

---

<sup>225[225]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 162) como o quinto dos de 1962.

O que fica ao que foi,  
O que vive ao já morto.

... ..

-Um dia, do meu ser dividido  
Reclamareis a unidade  
Conclamando os espíritos sobre mim,  
Velhas mulheres negras do meu sangue!

### **MANHÃ** <sup>226[226]</sup>

É Julho ainda. Nasce  
Da terra a manhã; sobe  
Como maré, afoga-nos  
A todos. Súbitamente  
A unidade toma-nos  
De imersos. Confinantes  
Os corpos desta luz, olhamo-nos:  
E são olhos que nos olham;  
A mão erguida uma outra mão  
Levanta. A palavra parece-nos  
A mais. Só nos espanta  
Não ver as bolhas de ar  
Que, dos nossos pulmões,  
Ganham o céu.

### **REGISTO** <sup>227[227]</sup>

Mentes apenas no que pode  
Servir a tua fome de traição.  
Desculpa de teres sido noutra encontro  
O rosto-espelho que te seduziu.

Um alvo incerto. Embora  
Apenas a mentira permaneça e nela  
Te olhem, claros, da Verdade os olhos  
Velando por ti, como no berço.

---

<sup>226[226]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 163) como o sexto dos de 1962.

<sup>227[227]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 163) como o sétimo dos de 1962.

## **UM MUNDO** <sup>228[228]</sup>

Além da fita preta  
Onde se quebra  
O colorido cubista da Cidade  
Monocromático informalista  
Medra  
Um Mundo  
Onde os homens não são  
Formigas ruidosas  
Mas deuses lentos, dignos;  
Onde as mulheres desenham  
A clave musical  
Com ancas e latas de água;  
Onde os gestos parados dos garotos  
Um momento fixados  
Reclamam a Poesia  
De uma tarde só deles

Com sol doirado, poeira, papagaios  
E sem temor algum  
e sem nenhuma fome.

## **NOITE DE NATAL** <sup>229[229]</sup>

Era noite de rixas a noite de Natal,  
No Morro desamparado ante a vinda do Homem:  
As mesmas bebedeiras e o batuque  
De um Sábado maior.

Na cubata de adobe,  
Sob o imbondeiro tutelar,  
Sem a ficção da chaminé  
Para o Menino entrar,  
Era aí que esperávamos  
Em esteiras sob o céu,  
A Hora sem brinquedo algum...

E o tempo apenas se contava

---

<sup>228[228]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 163) como o oitavo dos de 1962.

<sup>229[229]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 163) como o nono dos de 1962.

Pelo pulsar  
De pequeninos corações ansiosos,  
Té o Sinal  
Que era  
Irrompendo na Noite  
O canto dos alunos  
Da Escola Missionária  
Atravessando o Morro...

(-«Canários da Maianga» de Mestre Coelho,  
Meninos sofridos de vozes límpidas,  
Quantos silêncios vos esperaríam?..)

Dormíamos então  
Sob a impressão  
De uma chuva de estrelas  
-Presente de Natal.

### **AO SOL** <sup>230[230]</sup>

Ainda te busca, ó Sol, o decaído  
Inerme deus quase esquecido  
Do retorno ao lugar de onde chega  
À sua face o teu fulgor  
Que cega.

Ainda toca o teu calor  
Os de não ver os olhos que foram  
Sede de luz — e ora demoram  
Contra o teu brilho a sua aberta  
Espera.

Como teus raios a projectam, vera  
Face lunar, ampla, deserta  
Guarda o interior de si, natura fera  
Que mal sente tocar-lhe essa  
Luz presa.

Tomba ao poente, Sol. Cai, pressa  
De olvido. Ilusão  
De um final inda beleza.  
Um largo mar te espera, inútil, mera  
Ficção.

---

<sup>230[230]</sup> Publicado nos *100 poemas* (p. 163) como o décimo dos de 1962.

**POEMAS ESCRITOS E PUBLICADOS EM LIVRO ENTRE OS  
100 POEMAS E ATÉ À ANTOLOGIA 50 POEMAS  
(inclusivamente)**

**POEMAS DE ERA, TEMPO DE POESIA**

**ERA, TEMPO DE POESIA** <sup>231[231]</sup>

Era, tempo de Poesia, o riso interrompido  
Antes de ser a gargalhada aberta.  
Era o intumescer dos vasos numa flor  
Antes que, num espreguiçar, desabrochasse.  
Era a cólera explodida contra o crânio  
Antes de a mão se erguer, a boca abrir.  
Era o sabor na língua demorado  
Antes de o fruto ser apenas alimento.  
Era a palavra, antes de ouvida, inviolada:  
Marés de sangue e lua desejada.

**TEMPO I** <sup>232[232]</sup>

Era, na tarde calma,  
Uma mulher apenas  
-Um corpo, uma alma  
E coisas mais pequenas:  
Lápis pintando a Noite  
À volta dos seus olhos,  
A mise dos cabelos,  
E um sorriso que sabe  
Disfarçando  
Incontidos anelos.

Era, em gestos ledos  
E em atitudes lassas  
-Prendendo os dedos  
Cruzando as pernas-

---

<sup>231[231]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 5. Republicado nos *50 poemas* (p. 49).

<sup>232[232]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 7.



Reincarnação de Graças  
Mais subtis e modernas.

Era, para além de todos os requintes,  
Apenas a Mulher:  
Os olhos gastos e cansados  
Não obstante sequiosos e pedintes  
De viver.

## **TEMPO II** <sup>233[233]</sup>

Era uma cabeça em pedra,  
Essencial. O volume de um crânio  
Sem mais nada, além  
Da linha de firmeza  
Vertical. Cabeça despojada  
De efémero e circunstância.

(Apenas  
Um cinzel cuidadoso fez surgir  
Como preciso enfeite,  
Os delicados lóbulos  
Nasais.  
E abriu, perfeitos,  
Dois orifícios, nos pavilhões  
Auriculares.)

## **TEMPO III** <sup>234[234]</sup>

Era pela doçura molhada do olhar  
Que me lançavas, ó Desconhecida.  
Pela graça ondulante do andar  
Com que — via — cruzavas a avenida.

Era do apelo mudo a flutuar  
Dos teus gestos banais: a medida  
Compostura do teu modo de estar,  
Entre interessada e constrangida.

Era da transparência do teu rosto  
— Filigrana de nervuras delicadas —  
Onde se lia o amor e o desgosto.

---

<sup>233[233]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 9. Republicado nos *50 poemas* (p. 51).

<sup>234[234]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 11.

Era também de ver — ó meu enleio! —  
Espraiarem-se em ti as destroçadas  
Ondas do mar do meu anseio.

#### **TEMPO IV** <sup>235[235]</sup>

Era, contra a insegura lebre  
A fauce hiante.

Era, contra a vida tranquila  
O ciclópico alude  
A descer devagar.

Era, despreocupado,  
O tecer do amor  
Ante os fusis com ódio  
Dos olhares.

Era, contra o espanto  
De lanternas minuciosas,  
Num recorte de luz em fundo escuro,  
O sagrado ofertório:  
Dois seios, duas mãos.

Era, a realizar-se,  
A Poesia  
Contra o Mundo.

#### **TEMPO V** <sup>236[236]</sup>

Era a tua pele areia  
Que sob os dedos sentia?

E esse zumbir de colmeia  
No sangue desta luz crua  
— De ti, ou do meio-dia?

Era a tua coxa nua  
Arco solar, curva elíptica?

---

<sup>235[235]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 13.

<sup>236[236]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 15.

E este meu seguir de Lua  
O rasto da tua eclíptica  
— Amor, ou astronomia?

### **TEMPO VI** <sup>237[237]</sup>

Era o excesso de tudo:  
Húmus, flores. E a nuvem  
Percorrendo um veludo  
Macio de penugem.

Era o verde recortado  
Sobre o cinzento da rocha,  
E, sob os cosmos, o afago  
Da terra que desabrocha.

(E era do azul que vinha  
Esse excesso de mim,  
Na planura explodida  
Em flores e capim?)

### **TEMPO VII** <sup>238[238]</sup>

Era  
Como se, de repente,  
A sua mão caísse  
E flutuasse um adeus  
Indefinidamente;

Como se, por instantes,  
Da sua voz restasse  
Apenas um afago  
Ou um óleo divino que sarasse  
Rasgões por ela feitos  
Na minh'alma;

Como se rolassem sóis  
Rubros e lentos  
Nos escuros abismos  
De mim mesmo:  
Os seus olhos fitando-me

---

<sup>237[237]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 17.

<sup>238[238]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 19.

Por momentos;

Como se, arrefecida,  
A música parasse  
E uma verdade gelada  
Respondesse  
Aos olhos curiosos:  
Um corpo nu  
Feito de simples vida:  
Pudores  
Nervuras vegetais  
Hálitos-brisas...

E o espaço à volta ecoando:  
«Não a terás jamais.»

### **TEMPO VIII** <sup>239[239]</sup>

Era, tangente à minha a sua alma,  
Puro enfado  
Que, escorrendo, moldava  
Os nossos corpos  
Em paredes frias.

Era um crescer de musgos  
Nos sentidos  
Tocando-se sem mágoa.

E, no chão, amassados,  
Era o seu riso abortado,  
O sorriso pensado,  
Um corpo e uma alma educados...

Sua forma de amar  
Era o enfado.

### **TEMPO IX** <sup>240[240]</sup>

Era um brando formigueiro  
Uma perturbação cariciosa  
Um súbito rumor de pensamento

---

<sup>239[239]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 21. Republicado nos *50 poemas* (p. 54).

<sup>240[240]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 23.

(Sol posto:  
Morre uma rosa!)

-Seu cabelo atirado pelo vento  
No meu rosto.

### **TEMPO X** <sup>241[241]</sup>

Era de erguer a mão  
Como um lagarto em muro  
Buscando Sol. E não  
Sobre musgo, mas puro  
Tecido. Deslizar  
Por sobre a ondulação  
Do dorso. Assinalar,  
Em passando, o cordão  
Que prende as aves que hão-  
-de — sonhas — libertar  
Os teus dedos. Parar  
Nas espáduas expostas  
A breve exploração:  
Um muro, as suas costas;  
Um réptil, tua mão.

### **TEMPO XI** <sup>242[242]</sup>

Era o sítio  
Onde a queda do Dia  
Mais pesada  
Se sentia:  
A rua como um poço  
Em cujo fundo  
Se espelhava, sanguíneo,  
O pôr do Sol.

Era onde,  
O nosso olhar caía  
Chamado pela imagem de nós mesmos  
— Suicidas projectados  
Face ao espelho  
Do Destino.

---

<sup>241[241]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 25.

<sup>242[242]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 27. Republicado nos *50 poemas* (p. 55).

Era aí  
Que o espanto nos tomava  
De sermos ainda vivos  
— Como os outros,  
Circulando.

Era aí  
Que, súbito, sabíamos  
O que esqueceremos até quando  
Nós e a verdade formos um.

### **COLECÇÃO DE INSECTOS** <sup>243[243]</sup>

Afastam-se as patas.  
Levantam-se as asas.  
E fixam-se na posição  
Com uma goma transparente  
Polimerizada.

(Que outra coisa  
De nós, homens, fazem  
Nestes bureaux  
Acondicionados?)

### **A ESPERA** <sup>244[244]</sup>

Inflexível  
Demorado  
Relógio...

O aviso  
Foram-me  
Casas  
Carros  
Árvores  
E ondas...

Esperava  
O toque sobre o ombro  
A cara

---

<sup>243[243]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 29.

<sup>244[244]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 31.

Imediatamente conhecida  
Uns passos carregados  
De premonição.

E, esperando,  
Percorria a Cidade  
De autocarro  
Via filmes e filmes  
Crianças em baloiços  
(Baloçava o teu corpo  
Filha  
Baloçava o teu corpo!)

Via passar mulheres  
Acenava aos amigos  
(Nenhum deles sabia  
Que eu estava esperando!)  
Dormia e acordava  
Acordava e dormia  
E tanto...

Que esqueci  
E foi surpresa  
O que  
Naturalmente  
Um dia  
Aconteceu.

### **ESVENTRADA CIDADE** <sup>245[245]</sup>

Esta paisagem-rostos  
Esventrada cidade  
Claro-escuro nocturno  
Dorida claridade  
Os olhos escavados  
Por buldozers de dor,

Que dedos a erodiram?  
Que anjos bombardearam  
A superfície calma  
Sob a qual se escondia?  
Que voz dela nos chama  
A soluçar abismos?

Bate-a, como aço o dia.

E traz mortes, terrores  
Um eco devolvido  
Um protesto, uma prece  
SOS... SOS...  
Oh Amada! Oh Cidade!

### **ARIMO QUIMBARE** <sup>246[246]</sup>

Ó bíblica figura  
— Homem atrás do arado!  
Ó trilos na espessura!  
Ó vozes para o gado!

Ó terra revolvida!  
Ó mansidão celeste!  
Ó criador da Vida! <sup>247[247]</sup>  
Tanto que me não deste!

### **CHUVA** <sup>248[248]</sup>

Portadora de escombros!  
De que tempo as ruínas  
Que fazes desabar  
Sobre os meus ombros?

(Velhas paredes de adobe  
Teus dedos batem na chapa...  
Quem nos forneceu a capa  
— Não pró frio — da coragem?)

Sobre o receio de amantes  
Um muro de água desceu:  
E um isolamento morno  
Logo ali aconteceu.

E àquele lugar sombrio

---

<sup>246[246]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 35. Republicado nos *50 poemas* (p. 57).

<sup>247[247]</sup> Em *ERA, TEMPO DE POESIA*, o verso terminava com dois pontos.

<sup>248[248]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 37.



Única a vencer seus muros  
Chegaste com o consolo  
De teus finos dedos puros...)

Portadora de escombros!  
De que tempo as ruínas  
Que fazes desabar  
Sobre os meus ombros?

### **EXERCÍCIO E DERROTA** <sup>249[249]</sup>

Sobreponível — penso —  
É o teu rosto  
Ao imenso  
Espaço.

Inumerável — digo —  
E como em frente ao mar  
Não consigo  
Contar-te.

Inalcançável — noto —  
Como o que de ti circula  
No mais ignoto  
Do meu sangue.

### **OS DOMINGOS DELES** <sup>250[250]</sup>

E há esta brisa doce  
A afagar-lhes os rostos!  
E chuvinha precoce  
Em todos os agostos!

E há um Sol delicado  
A queimar-lhes as peles!  
E um mar sossegado  
Espraiando-se neles!

---

<sup>249[249]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 39.

<sup>250[250]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 41. Republicado nos *50 poemas* (p. 63).

E há tanto mais: O Ar!  
Mulheres! Pitéus!  
Carinho familiar...  
— Mas isto é justo, Céus?

### **VENTO SOBRE O CAPIM** <sup>251[251]</sup>

Há uma obstinação na boca dela  
— Não a de tocar a fonte  
Da sua sede,  
Mas fugir de conhecê-la;

Há uma troça tímida no seu olhar  
— Que, no entanto, implora  
Amar  
Num insistente apelo;

Há no seu corpo as linhas da negaça  
— Esquiva mulher com a graça  
De um capinzal  
Vergado ao vento...

(Sabendo que, por fugir-lhe,  
Esse vento é o seu Destino!).

### **TURISMO I** <sup>252[252]</sup>

Jovens muílas dançam  
Batem que batem palmas.  
Em breves cantos lançam  
Até nós, suas almas.

Vibram ingênuamente  
Missangas nos pés delas.  
Para trás, para frente:  
São todas ágeis, belas.

---

<sup>251[251]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 43.

<sup>252[252]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 45.

Brilham nas suas tranças  
Ataches de latão.  
Belas, negras esperanças  
Quem vai dizer que não?

Jovens muílas dançam  
Estendendo as palmas.  
Nelas, turistas lançam  
Tostões às suas almas.

## **TURISMO II** <sup>253[253]</sup>

Coloridos mirangolos  
Correm pelas janelas  
Do autocarro:  
Ó miragens de infâncias  
Tão distantes da minha!

«Parem! Parem!»  
(Era ao eterno dia  
De um passeio no campo  
Que a voz se dirigia).

Mas o carro parou.  
Saíu o motorista.  
E ouvi, como um turista:  
«É a fruta local. Com ela,  
Faz-se esplêndida compota.»

Peguei nos mirangolos a tremer.

## **NO ENTANTO, EU SEI** <sup>254[254]</sup>

E, no entanto, eu sei  
Que formigam volúpias  
Nos teus seios

---

<sup>253[253]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 47.

<sup>254[254]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 49. Republicado nos *50 poemas* (p. 50).

Ao sentirem-se cobiçados;

Que à superfície da tua pele  
Aquecida pelo Sol do meu olhar  
Rebentam bolhas de desejos  
Ininterruptamente;

Que no mais secreto de ti  
Alastram unguentos segregados  
À revelia da tua recusa  
Ao amor.

E, por tudo isto, eu sei  
Que quando aprenderes a verdade  
Do teu corpo  
Tu cumprirás a Lei.

### **CONSELHO** <sup>255[255]</sup>

Não contem  
Com amanhã:  
Ontem  
Foi esperança vã...  
Seguro  
Só o hoje escuro  
Onde fermentam  
Forças que nos tentam:  
Um mosto  
No gosto  
Do apetite  
Essencial.  
Com ou sem limite  
A natural  
Forma de vencer:  
Sobreviver.

**AUTOFAGIA** <sup>256[256]</sup>

Caídas  
Pendidas  
Mãos de afago  
(Vago o lugar de um corpo,  
Por quem chamam?)

Roídas  
Autófagas  
Ânsias de terno  
(Inferno e vácuo  
Onde morrer tranquilo)

Veladas  
Corridas  
Cortinas d'alma  
(Calma figura aérea,  
Inatingida, vaga)  
Chamam  
Tranquila  
Vagamente  
Por um sonho.

**POEMINHA** <sup>257[257]</sup>

Resta no teu cabelo  
Um átomo da brisa  
Que o tocou um dia.  
O que há de mais belo  
Nas paisagens que viste  
Ficou no teu olhar...  
(Teu rosto, meu anelo!)  
...Há nesse olhar também  
— Não mo dizes, mas sei —  
A sombra da minh'alma  
Projectando-se ausente...  
Para quê escondê-lo?

---

<sup>256[256]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 53.

<sup>257[257]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 55.

## **CANAIS** <sup>258[258]</sup>

Esqueci o meu mundo  
De água canalizada  
Onde em canais também  
O amor circula.

À lonjura infinita,  
O olhar, iniciado, pula;  
Corre a água, incontida,  
Espelhando distâncias.

E a poesia disto  
Não é pecado ser  
Por mim aprisionada  
Em canais de palavras?

## **MUIÍ, O LADRÃO** <sup>259[259]</sup>

*(para o conjunto músico-teatral Ngongo)*

- 
- Muíi tem olhos largos
- Que rodeiam, rodeiam,
- Braços que se confundem
- Com os braços da treva.

- 
- Nos ouvidos de Muíi
- Batem todos os ventos.
- (O vento e a escuridão
- — Os amigos de Muíi.)

- 
- Os pés de Muíi tocam
- Tocando mal, o chão.
- (Muíi é dançarino
- Têm asas seus pés).

- 
- Muíi salta, perscruta
- Dança de pés e mãos

---

<sup>258[258]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 57.

<sup>259[259]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 59.

- Solta os olhos à volta
- Baila em vestes de Noite.
- 
- Muí só não contou
- Com o canto do galo...
- — Perdão pra ele, irmãos!
- É largá-lo! É largá-lo!

## **BRANCOS** <sup>260[260]</sup>

Branco  
Enor-  
me-  
mente  
Branco  
Da cor  
Do dia  
Do Juízo

Esses olhos crescendo  
Em noite escura

Até se conterem  
No seu fundo  
O Mundo.

## **SAPIÊNCIA** <sup>261[261]</sup>

É esse voo a nada  
O que te cansa.  
A viagem ideada  
Para a esperança  
No entanto, frustrada.  
É essa queda mansa  
De um sol — impossível  
De deter. Procurarás  
Motivos: Acharás  
O mistério preferível.

---

<sup>260[260]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 61.

<sup>261[261]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 63.

Não restarão vestígios  
Desse buscar de linhas  
Para rostos de deuses.  
(Caminhos longos, frígidos  
— Tuas mãos, como as minhas,  
Vão ao sabor dos meses...)  
Terminarás por teres  
Apenas a consciência  
De, por fim, te saberes  
Em pura sapiência.

## **OS FABRICANTES DE PALAVRAS** <sup>262[262]</sup>

Tinham óculos, casacos, firmes gestos:  
Fabricavam palavras.  
Em seu jogar, eram gentis, honestos:  
Fabricavam palavras.  
Fingiam sonhos altos ao falar:  
Fabricavam palavras.  
Cúpido ardia um brilho em seu olhar:  
Fabricavam palavras.  
Propunham, eloquentes, seus perfis:  
Fabricavam palavras.  
Seus dedos se estendiam, preensis:  
Fabricavam palavras.  
Em ária transformavam o alheio pranto:  
Fabricavam palavras.  
Mas um tremor os percorria enquanto  
Fabricavam palavras.

## **CIDADE CATÓDICA** <sup>263[263]</sup>

Cidade electrizada  
Atmosfera catódica  
Ostentando relâmpagos  
Na mão.

---

<sup>262[262]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 65.

<sup>263[263]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 67.



Por que fios, canais  
Se comunica  
A tensão  
Que electrocuta  
Teus espasmos?

Um mercúrio rolante  
Descontínuo  
Almas reptando  
Com sua carga às costas  
De injustiça

São glóbulos  
De sangue  
Percorrendo o teu corpo  
Electrizando-o  
Ó cidade que foste  
Cemitério florido

São tuas as gotas  
Desse sangue  
Avolumando-se  
Avolumando-se  
Sob a força do Raio.

## **REGRESSO DO CACIMBO** <sup>264[264]</sup>

Voltas, Cacimbo, e me encontras  
Onde sempre te esperei:  
Da secretária  
Vendo a folhagem calma;  
Ao pé das montras  
Comparando o mostruário  
Ao vestuário  
Elegante  
Da passante.

Aqui e ali  
Estou eu:  
Espero ver fogueiras  
Ateadas no Morro  
E minúsculas luzes  
Acendidas

— Feérie da infância!

As mãos trago nos bolsos  
Nesta espera já longa  
— Cacimbo transfigura  
Gente em alma —  
De que em qualquer rua  
Escura  
Me surja  
O alumbramento  
Desejado desde que,  
Cacimbo,  
Aguardo o teu regresso  
E, vegetal,  
Estremeço  
Ao pressentir-te.

### **A MORTE DE UMA AVE** <sup>265[265]</sup>

Beijou o solo ardente,  
Um visgo percorreu  
Sua face, o pescoço.  
Depois, penosamente,  
Sob o peso cedeu  
O belo corpo moço.

Uma perfuração...  
Era a moínha leve  
Que ele sentia ainda?  
Ou era a sensação  
Última, firme, breve  
De uma existência finda?

Ele amava os gunguastros  
— Pobre, rústica ave —  
Como as flores e os astros.  
Um dia em que, ferida,  
Caíu — nódoa de vida  
Em seu pêlo suave —

E a nossos pés, arfava  
Um gunguastro atingido  
Pela pedra da funda

Que na mão me oscilava,  
Vi-o ser percorrido  
De turbacão profunda,

Os seus dedos palparem  
O débil corpo morto,  
Os seus lábios soprarem  
O bico já sem esperança,  
Manchar-se a sua blusa  
De uma nódoa de sangue.

E, sobretudo, vi  
Lágrimas incontidas  
Prestes a se entornarem  
De uns olhos transparentes  
Vazios, impotentes  
— Os seus, naquela hora.

(E como os dele, então,  
Ante o seu corpo, estão  
Chorando os meus, agora...)

### **A VISITA** <sup>266[266]</sup>

Senta-se à tua frente  
(Mal te protege o tampo  
Da secretária)  
O homem que traz consigo  
Todas as fomes.  
Talvez o tomes  
Por um mendigo  
(Há tantos!).  
«Que quererá?»  
Evitas olhar o branco  
Dos seus olhos  
De vidente.  
Perguntas:  
«Que quer você  
De mim?»  
Mas ele cala-se.  
Seu hálito te perturba  
A calma digestão.  
Acendes um cigarro:  
«Fuma?» — Ele não

Ouviu sequer:  
Olha-te, apenas.  
«É louco, o homem?»  
Um frémito percorre  
O caminho  
Que uma gota de suor  
Em tuas costas faz  
Do colarinho  
No cinto.  
Ensaias: «Seja franco!»  
E apenas te responde o branco  
Dos seus olhos de profeta.  
O pânico te toma:  
«Se me agride?  
Me mata?  
Me estrangula?»  
Sentes algo vibrar  
No esfomeado:  
«Ele vai ceder?»  
Pensas: «Talvez aceite  
Um copo de leite.»  
Ele, calado, permanece.  
«Fale!» — insistes.  
Olha-te o esfomeado  
E, súbito, aparece,  
Em seu olhar, um brilho  
De vitória.  
Sorri e agradece.  
Sai da tua frente.  
«Finalmente» — pensas — «Finalmente!»  
Mas sentes-te logrado.

### **MEU CHAMADO** <sup>267</sup>[<sup>267</sup>]

É haletante, — tante, meu chamado.  
É agitar de mão  
De quem se afoga  
À imensidão  
Do céu imperturbado.  
  
(À minha angústia, joga  
Teu gesto constelado  
De distância!)

Buscam teu corpo — radar  
Ansioso de voltar  
Com carícias registadas  
Em seus raios! —  
As vozes silabadas  
Dos sentidos.

(Ai os  
Sinos que badalam  
Comovidos  
E, comovidos, falam  
Repetindo em cinco ecos  
O teu nome.<sup>268[268]</sup>)

Saciam minha fome  
Os ecos devolvidos, secos.  
Me enche o peito haletante  
Um ar rico em sonidos.  
Secura perturbante!  
Pontilhada frescura!

### **POST SCRIPTUM** <sup>269[269]</sup>

Não entrastes no meu canto e bem o merecíeis  
Por haverdes penetrado em minhas veias como saca-rolhas  
Por terdes mordiscado meu coração como pequenos ratos  
Nada esqueço da vida e aqui vo-lo agradeço  
Também vós exististes, também vós existis  
Vosso sorriso foi — não o mostrei — pedra no rosto  
Homens pequenos, finos, penetrantes  
Como agulhas, bisturis  
Como o vento possantes, como o Sol do meio-dia  
Escravo fui da vossa oculta magia  
Por isso perdão vos peço de só agora abrir  
Para vós a minha poesia  
E nela pôr um brilho de lentes civilizadas  
Bem dado nó de gravata  
A mansidão da fala controlada  
Em honra a vós, vós  
A quem ofereço este poema!

---

<sup>268[268]</sup> Em *ERA, TEMPO DE POESIA*, o verso termina com ponto de exclamação.

<sup>269[269]</sup> Publicado em *ERA, TEMPO DE POESIA*, p. 77.

## POEMA-LIVRO NOSSA SENHORA DA VITÓRIA

### NOSSA SENHORA DA VITÓRIA

Massangano, 15 de Agosto de 1968 <sup>270</sup>[<sup>270</sup>]

"Massa, ngana!" — Massangano.  
Este nome surgido por engano  
Da oferta de pão ao forasteiro  
(Era o teu pão, Mulher, oferecido  
Ao homem, rio acima, em busca de ouro)  
Assinalou encontros, teimosia, fé  
Homens perseguidos por um Sol demente  
Por espinheiros, bichos, larvas, pedras  
Répteis, paúis, viscosidades, febres  
Apegados ao chão, dissolvendo-se  
Em nateiros nas margens do Cuanza  
Homens fugidos de outros — alvos, louros —  
Juradores de outra fé — perjuros, pois.  
Homens com suas armas, escravos, livros:  
Livres querendo ser, escravos, só  
Desse querer: Seus últimos gestos  
São ainda a busca, arranhando seus dedos  
Este chão, impacientes da mina não achada  
Certos de que um minuto mais, um século mais,  
Não servirá a terra só de leito a mortos:  
Riscando veios sobre os seus próprios passos  
Levantarão seus ossos os vindouros.

Foi essa febre a razão do engano:  
Não reparaste, Mulher, no fulgor estranho  
Do olhar estrangeiro pesquisando  
Enquanto, parando de pilar,  
Farinha branca em tua mão estendeste  
Dizendo: "Massa, ngana."?

A oferta do Pão  
Numa outra mesa  
Tornou os escavados montes  
Em altares. Atrás do forasteiro  
Outros vieram, perlados de suores

---

<sup>270</sup>[<sup>270</sup>] Luanda: s/d. Está escrito à mão no verso da contra-capa do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa (R 12910 V): *Imprensa Nacional de Angola*.

Exaustos dos caminhos. Todos  
Ardendo em febres, febres várias.  
Sabias tu, Mulher, que há febre  
E febre, suor e suor, olhar  
E olhar. Distinguieste o incêndio  
Do metal do incêndio d'alma.  
Tua figura grácil, na oferta  
Ao forasteiro, do teu pão,  
Grácil seria a receber um outro Pão  
Cujo mistério logo se te abriu:  
Pão cuja Flor crescida noutra terra  
Com outros ermos, outro rio  
À terra que habitavas se estendeu  
E tu A conheceste e recebeste.  
E a essa Flor ouviste dar un nome:  
"Maria". Maria, como tu, mulher.  
Como tu, estendo o Fruto, como tu  
Oferta. O filho que gerou morto  
Por ti, antes de O conheceres. Mas já  
Adivinhado, presentido no teu  
Poder de dar, na tua mão estendida  
Ao forasteiro: "Massa, ngana!"

Pedra a pedra sobre a terra  
Se erguia um altar. Cada gesto  
Cada mover de corpos enfebrecidos  
-Cultuavam-nA. Cada corpo  
Caindo um tanto levantava  
Paredes de Sua casa. Cada laje  
Onde mão febril riscava  
As letras de "Aqui jaz" ajudava  
A cobrir o chão. Ó missa  
Transparente: missa em acto! O altar  
Erguendo-se do sacrifício, não este  
Sobre o altar. Missa de homens suando  
Dores de Gólgota, ofertórios  
Totais. Lugar de morte, lugar  
De Esperança, lugar onde vão  
Corpos feridos, quando as almas vencem  
Lugar onde em cada dia se renova  
O mistério dos homens ressurrectos  
Lugar onde, por isso, Ela ficava bem  
Em trono de Rainha: Nossa  
Senhora da Vitória de Massangano.

E vendo-A, tu, Mulher, disseste:  
"Santa Madia, nzambi ionene."

Espírito de mãe, espírito maior  
-Adivinhaste. Espírito dessa Flor  
    Cujo fruto é Pão  
Para todas fomes: Pão em oferta  
Com um gesto simples: "Massa, ngana",  
Por ela, Maria, como tu, mãe.

## **POEMAS PUBLICADOS EM ROSTO DE EUROPA**

### **ROSTO DE EUROPA** <sup>271[271]</sup>

Eis que te descubro o Rosto:  
Carta geográfica de Civilização  
Com as súbitas marcas colocadas  
Em lugar certo e explícito.

Há uma linha pura — a essencial  
Limpidez deste céu alto. Rubores  
De frutos explodidos, ausências  
De além-mar. Leves tremores  
    À volta de crateras.

Ó geografia  
Do Rosto, música inscrita  
Em pauta. Um Rosto só:  
Sorri, desfolha-se. Ausenta-se.  
Propõe enigmas. Desafia  
Metafísicas, destino. E continua  
    O Rosto.

Nele bate o Sol,  
Rebenta o viço. Nele, a dor  
Torturada do nascer. Um  
Quase alegre abandono. Ou  
Quase alegre recusa...

Eis que te aprendo,  
    Europa,  
Eis que te aprendo!



## LIÇÃO <sup>272</sup>[<sup>272</sup>]

Vejo o teu rosto, teu perfil  
De saudade, o olhar  
Perdido por tons mil  
De rio e terra  
-Esta cidade, no estio.

Onde o mistério, se olhas  
Com teus olhos africanos  
Pra ti apenas? Se molhas  
As penas dos teus arcanos  
Na tua própria saudade?  
E regressas a que fundo  
Senão esse que jazia  
Dentro de ti? E em que mundo  
Queres se transforme este dia?

A brisa dá-nos na face.  
É nosso ou não é nosso  
O frenesi, o alvoroço  
De uma primeira lição?  
Se já gaivotas não são  
Belas imagens apenas  
Mas asas num céu concreto  
E nas coisas mais pequenas  
Aprendemos o secreto  
Dicionário do Verão!...

## PARA DEPOIS <sup>273</sup>[<sup>273</sup>]

Outrora, vias coqueiros e escrevias: «Pinhos.»  
Hoje, sob os pinhais, um vento corre  
De África sobre o teu pensamento.

Outrora, cresciam vinhas no teu sonho  
Sem que as houvesse visto  
-Pura fermentação no teu sangue  
Misto.

---

<sup>272</sup>[<sup>272</sup>] Publicado em *rosto de europa* (p. 9).

<sup>273</sup>[<sup>273</sup>] Publicado em *rosto de europa* (p. 11). Republicado nos *50 poemas* (p. 69).

Entre coqueiros, rias  
Sob pinhais de amor.  
Sangravam araucárias  
Choupos da tua dor.

Porque convocas paisagens  
Para as sobrepores  
À que hoje te é dada?

-Adia  
Para depois  
A harmonia.

### **VIAGEM** <sup>274[274]</sup>

Aspira esta frescura  
Da aragem:  
Também vieste em barco  
De viagem.

Miras, distante,  
O branco casario.  
Um mar-rio  
Afoga-te em lonjura.

Vem receber o bodo  
Aos deslocados.  
Uma voz te saúda:  
Não é familiar?

Acolhe-te a manhã:  
Na bicha, um indigente.  
A face estende  
Pra receberes o Sol.

## **ESTUDO** <sup>275[275]</sup>

Claridade isolada  
Sobriedade cumprida  
Esgotada a bica  
Do café, da vida.

Pré-figura da luz  
Projectada sobre  
Um livro, a mão  
Pendente do lábio  
A solução.

Mancha oval de luz  
Sobre o tampo escuro.  
Um rosto-geratriz,  
O feixe criador  
Sobre que nasces:  
Europa, Europa!

## **UNIVERSITÁRIA** <sup>276[276]</sup>

Na medida, na medida em que  
As palavras vão saindo, húmidas de sangue;  
Na medida em que escorrem  
Uma linfa antiquíssima; em que  
Se vêem, súbitamente secas, expostas  
Aos olhares... Em que medida,  
Em que medida são ainda suas?

Vê-as demais, vê-as opressa, na medida  
Em que uma intimidade secreta se revela  
E os seus dedos se estendem a cobri-la.

Em que medida, em que... Cerram-se  
Os olhos. As palavras. Seus dedos querem  
Vesti-las. De que. Em que. Palavras  
Intranquilas. Em certa medida. Em.

---

<sup>275[275]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 15).

<sup>276[276]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 17). Republicado nos *50 poemas* (p. 75).

## OFERTA <sup>277</sup>[277]

Beleza de linhas puras  
Desenhadas a pena:  
Nos seios lentos, graves  
Se solta a curva  
De ancas, ainda tronco  
Ainda ramos, ainda  
Folhas — e frutescência já  
Abandonada a fomes  
Fomes mansas.

Ó dádiva longínqua  
Sacrificada oferta  
Indiferente

Europa! Europa!

## INVERNAL <sup>278</sup>[278]

1

Desce a temperatura. Está nublado  
O Céu. Inverno começado, com  
A chuva contínua. Mas é bom  
Este mover parado, interior  
Neblina intemporal, que sei de cor:  
Resto-me inteiro em meus cacimbos idos  
E a doce cobardia inda me invade  
De frustrados desígnios: doloridos  
Apelos do metropolitano, tão certo  
Em seu destino figurado em rails!  
Vem-me de longe o medo à manhã nevoenta.

2

Marcam o acento à vida, a dura  
Engenharia, o doce ferro, o vidro. Bom  
Este interior: fumo, café e mosca,  
Embaciado o ar. Chaga-me o som

---

<sup>277</sup>[277] Publicado em *rosto de europa* (p. 19).

<sup>278</sup>[278] Publicado em *rosto de europa* (p. 21). Republicado nos *50 poemas* (p. 71).

Do eléctrico lento, na luz fosca.  
Há um comboio e rails. Há uma ponte  
E um salto, só ideia. Tu povoas  
A paisagem, omnipresente teia  
Arrepio no corpo prisioneiro.  
E não há rio que apague a chama  
Lenta, firme, cigarro após cigarro.  
Te reclamo, porém, ideia, imagem  
Te conclamo, sonho, à margem  
Da incomodidade situada.  
Teia de luz coada, teia de frio  
Inverno pontuando o Rosto.  
Protesto apenas contra essa Rosa ausente,  
Escusa. Inverno algum a prenderá  
Na difusa cadeia de seus dedos.  
Por isso, aqui eu a construo  
Com os artefactos —alma?— que possuo.

3

Cruzo as estações do trem do amor  
Mecânico ladrão da vida:  
Meço a cada silvo a distância a que interfere  
O Sonho — elipsóide longo em que escorregam  
Nossos corpos (ou a lembrança deles?)-  
E a cada estação reconstituo o roubo:  
Uma breve despedida para um longo fracasso.

**BODO** <sup>279[279]</sup>

Toca essa luz, a gente  
De que luz?  
Toca esse ar, a gente  
De que ar?

Viva! Manhã de Europa  
Primavera de Sol  
Arte natural  
Oferecida!

Viva! Pauta de luz  
Nota carnal  
De música  
-Bodo solar aos pobres!

**DIA** 280[280]

Digo  
«Bom dia»  
Ao Dia  
Com o teu nome.

**MANHÃ-EUROPA** 281[281]

Chegaste como opróbrio  
Bofetada interrompendo a brisa  
Inseguro é oferecer-te a face

E eis que regressas  
Regressas e me encontras descuidado  
Não recuso a face à carícia da brisa

Manhã-Europa! Europa!

Corta-se o ar em planos nítidos  
Atmosfera que existe antes dos corpos  
Individual, física.

Apelo a nada a que responde  
Antes de mim  
O sangue em minhas veias

Europa!

Correrei as tuas praias  
Espremendo, inteiro, o coração  
Esprendo-me, inteiro coração  
Não ficará mais do que o ruído  
— Eu sei — dos camiões-cisternas  
Nas madrugadas

Europa!

Indecifrável cio o que te exige

---

<sup>280[280]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 26). Republicado nos *50 poemas* (p. 67).

<sup>281[281]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 27). Republicado nos *50 poemas* (p. 64).

Incólume, púdica  
Je ne piétinerai pas ton corps à chair blanche <sup>282[282]</sup>  
Orgástica manhã

Europa!

Como após a trovoada, num outro continente  
Rebentam vãos transparentes dos buracos da terra  
Ó miséria sem face  
Insectos cujas asas pontilham de ouro puro  
A pauta matinal

Europa!

Saíram dos buracos escuros da terra húmida  
Ce ne sera pas moi qui dévoilerai ton mystère  
Tu vois  
Eterno disponível à oferta inconcreta

Je n'ai pas subi l'hypertrophie glandulaire  
Des Conquérants  
A carapinha curta, a barba feita

Europa!

Sei que o fruto é melhor visto na árvore  
Um recorte na luz

Europa!

Não foi este o ar que encheste  
Da rigorosa geometria da ordem  
Nada ficou nele do estilhaço do grito  
Atmosfera intacta

Europa!

Urbana mas submissa ao império do Sol

Manhã! Manhã-Europa!

O casario na encosta sem idade  
Cada dia é manhã  
Os séculos se reduzem à manhã  
Não se mede a idade pelas pedras

Europa!

---

<sup>282[282]</sup> Em *rosto de europa* o verso vinha escrito em itálico, tal como todos os outros em francês.

Matutino é o sangue que te percorre.

### **AQUI, ANTES DE MIM, CHEGARAM** <sup>283[283]</sup>

Aqui, antes de mim, chegaram  
Com uma trouxa na mão.  
Aqui, seus cabelos esticaram  
À secura do ar frio.

Aqui, ganharam brilho  
De surpresa os olhos seus,  
Aceitando que outros olhos  
Neles olhassem os céus.

Aqui leves mãos brancas  
Pousaram, doces, nas suas.  
Ondas claras, curvas ancas;  
Luas escuras, as mãos.

Aqui, lançando o grito, esperaram  
Ouvi-lo repercutido.  
Temerosos do silêncio, o repetiram:  
Respondeu-lhes uma voz-corpo  
-Corpo absoluto.

### **NINGUÉM SE RI COMO NÓS** <sup>284[284]</sup>

Ninguém se ri como nós  
Nos ríamos:  
Riso largo na noite  
Crioula espuma de desforra e espanto!

Adoptámos a Cerveja  
Cafrealizámo-la  
Como aqueles que os nossos corpos negam  
Mas o espírito desenterra  
Preferiram leite ou milho apenas  
Depois de fermentados.

---

<sup>283[283]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 32).

<sup>284[284]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 34).



Tardes interminas  
De gargalhada e álcool  
Tardes eternas...

Não sabias, Amigo  
Que de onde partíamos  
O caminho não seria  
Sempre  
Para a derrota do álcool  
Ou do sono?

Não sabias, Amigo,  
Que nem todos os sábados  
Os marcaria —sentes?—  
O espicaçar do cheiro  
De mulheres suadas  
Nas pituitárias anestesiadas  
Que depois abriríamos ao vento  
Ao longo das estradas?

Não sabias, Amigo  
-Nem eu, por bem!-  
Aonde viveríamos  
Ilhados e esquecidos?  
Não sabias —nem eu!-  
Não sabias —pois não?—  
Que a livre digestão  
-Costas com costas  
Ao cálido torpor  
Do álcool e jindungo  
Num pôr-de-Sol  
Total-  
Nos seria roubada, Amigo,  
Nos seria trocada  
Por café a horas certas  
Um sorriso a horas certas  
«Obrigado! Obrigado!»  
A horas certas?...

**NATAL** 285[285]

Seus olhos mulatos  
Se apertam ao frio.

Fere-lhe as pupilas  
O esplendor da neve.

Torres góticas, agulhas;  
Agulhas, altos pinheiros.  
-Mas é possível o quadro  
Deste seu natal?

(Não fôra a quentura arqueada dos teus braços,  
Mãe!  
Não fôra a curva lenta, morena, dos teus braços,  
Pai!)

Nossa Senhora  
São José  
Refugiados  
No país da neve.

### **MÚSICA CONCRETA** <sup>286[286]</sup>

Passam mulheres ágeis, pneumáticas:  
Um frémito, um bulício as ofusca  
Neste bruaá de coisas práticas.

Na urbe nova, o pensamento busca  
Apreender a nota que lhe falta  
Dessa música mecânica, concreta!

Trespasados de estio e maré alta  
São milhares de crescentes na secreta  
Abóboda de sonhos ginocêntricos.

E ao ritmo do andar de saias práticas  
Alargam-se em círculos excêntricos  
Soltando-se das ancas pneumáticas

**LISBOA, DEITADA, DO OUTRO LADO DO RIO** <sup>287[287]</sup>  
**À memória de Branca Cruz, a quem estes poemas foram lidos pela primeira vez.**

1

Ei-la, Maja Desnuda, <sup>288[288]</sup>

Retocada

Pelo pincel do Sol

Que cobre de ouro

Sua anca em repouso!

Eis o milagre no inverno:

O Rio

Que lambe, terno,

O seu flanco vencido

Pelo cio.

Eis despedido o frio

Ante o festim do amor:

Maja oferecida, inquieta,

Ao trémulo pintor!

2

Agora sei

Por que razão aqui

Partiram as lanças

Os bárbaros

Que se embebedaram de sangue

Através da Europa!

Agora sei

Porque pararam aqui

Exércitos de ravage

Súbito enlouquecidos

Num batuque pagão

Urrando ao Sol!

Agora sei

Porque cristãos e agarenos

Inventaram aqui

O mais lento dos ritmos de guerra

Entremeado de raptos de donzelas

E princesas moiras...

-Essencial a ti é o vôo nupcial

Burdonar de asas

---

<sup>287[287]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 41). Republicado nos *50 poemas* (p. 76).

<sup>288[288]</sup> Em *rosto de europa* não havia a primeira vírgula.

Sucção das águas entre terras firmes  
O canto sensual  
Da tua anca  
Maja Desnuda!

**MONUMENTO A D. JOSÉ, LISBOA** <sup>289[289]</sup>

Opulento pedestal  
Luxuriante de vida  
Tropical  
Sobre que pousas  
-Rei europeu  
Ou marajá hindú?

«...da Arábia, da Pérsia, da Índia...»  
Ausente da pureza deste céu  
Rei europeu  
Apetecendo palanque e especiaria  
Que país foi o teu?

Esta nesga de Europa  
Com vinhedos  
Ou sonhadas florestas  
Onde enviavas a morrer  
Fidalgos-cavaleiros  
Criados de teus paços?

Teus cavalos ligeiros  
Ou pesados elefantes  
Tropicais?...  
-Tuas glórias distantes  
Nunca vistas  
Sonhadas  
Marajá desterrado!

## **PARQUE EDUARDO VII** <sup>290[290]</sup>

Canto a tarde  
De criadas e magalas  
No Parque Eduardo VII  
-Caleidoscópio de fardas  
Amendoins, tremoços  
Carapinhas ruivas...

Um oitocentos falso — repuxos  
Lagos, cisnes —  
Espanta-se à invasão  
Inesperada.

Modernas estátuas gregas  
São apenas  
Sugestão para o amor  
À americana.

## **TABULETAS SONORAS** <sup>291[291]</sup>

Toca um mesmo acordeão  
À saída do metrô  
Nas esquinas das ruas  
Onde jornais se empilham.

De homens de óculos escuros  
Vozes rasgam o ar  
Saturado de um fumo de castanhas  
E exibem, nua, impúdica eficácia.

Tabuletas sonoras  
Acordeões disfônicos  
-Se os não apaga a música concreta  
Dos transportes!...

---

<sup>290[290]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 46).

<sup>291[291]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 48).

## **O ESCOLHIDO** 292[292]

Nas partes pudendas do seu corpo  
Eis descoberta a sua humanidade.  
Para que sacrifício ou que acessão  
Do divino sobre si — ente escolhido?

Ele está desarmado. Espera o rito.  
Em vez de signos de fogo, luz de raio  
Foram análises, culturas em cobaio  
O dedo apontado a si — o escolhido.

Eis que chegam quimbandas:  
Mascarados possessos de que deuses?  
Virgens silenciosas, luzes brandas  
Rodeiam seu pavor de escolhido.

Aquele, o nganga maior — lê-se nos olhos,  
No bisturí que avança e Ele não vê  
Mas sabe: Seu sangue jorrará  
Ungindo seu destino de escolhido.

E nas partes pudendas do seu corpo  
Um dia, orgulhoso, Ele verá  
A cicatriz quelóide como emblema  
-Tatuagem no seu corpo de escolhido!

## **ALBUFEIRA** 293[293]

Eles  
Que nunca foram escravos  
A não ser de uma ordem  
De ventos e de sóis

Mil anos amontoaram esses cubos  
-Não os cubos de Kéops  
Não os de Nova Iorque-  
Arrumados por uma ordem

---

<sup>292[292]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 50).

<sup>293[293]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 52).

Que ninguém estudou  
Mas os olhos certificam.

Essas ruas íntimas...  
Essas salas na rua...  
O caracolear  
Pela acrópole calcárea...

Ó conjunto cubista  
Não precisas que te dêem justificação  
Nem que a ramo de figueira  
Se meça a relação  
Entre os teus pés-direitos  
E o que distas da Lua

Ou entre a largura em passos  
Desta rua  
E o ritmo sossegado  
Com que nela me bate  
O coração.

## **ÉVORA** <sup>294[294]</sup>

Céu violeta, firmes estrelas.

Exsuda cal o tronco  
sobre a terra rossa.

Um vinho doce lava  
o sarro de borrego  
Em nossa boca.

Évora ao longe. Olivos!  
Paredes brancas de luar.

## **MOLDURA** <sup>295[295]</sup>

E é —certo!-  
Uma moldura  
Para ela  
O espaço povoado  
De arquitectura  
Árabe e deserto  
Magoado!

## **PRAIA DE DONA ANA, NOITE** <sup>296[296]</sup> **para Tito Iglésias**

Sobre os joelhos negros das arribas  
Repousa o céu o rosto magoado;  
Um rosto de além-mar  
Com, por cima, o silêncio constelado.

A que mitologia prenderemos  
Esse corpo de mármore atravessando  
A fimbria entre um silêncio  
E outro silêncio  
-Intromissão festiva  
Entre os joelhos da Mãe  
E o rosto vasto do Filho?

## **NÃO ERAM PALAVRAS, NÃO** <sup>297[297]</sup>

Não eram palavras, não  
As enganosas palavras que, como lodo, afogaram  
O rapaz de quinze anos.  
Eram manhãs gloriosas  
Foram manhãs perdidas  
As em que o Sol de cacimbo acariciou o seu  
Desconhecido sonho.  
(Cobria de palavras

---

<sup>295[295]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 55).

<sup>296[296]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 56).

<sup>297[297]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 57).



A manhã presente, cobria de palavras  
A glória oferecida, cobria de palavras  
Seu secreto querer.)

Eram manhãs  
Que o Corpo povoava. O Corpo e o Sol:  
Entre eles, eram a Terra, o Ar —  
Cuidadosos de não turbarem seus  
Contornos definidos.  
(Que não viessem brumas  
A cobrir o Sol! Que não surgissem nuvens  
A apagar o Rosto! Quietas  
Jazessem flores, pedras, muros — cenário  
Para o Corpo Absoluto!)

Eram manhãs tão claras que seu curso  
tomou o sonho adolescente. E enquanto  
O arrastava, as Palavras surgiram  
Com seu débil socorro.  
(Como de flores cobriu o Sol com elas.  
As palavras cresceram, prenderam seu mover-se,  
Cobriram, como bruma, o Corpo Absoluto,  
Até que tentando despertar também palavras  
Lhe amordaçarem o grito de socorro!)

### **SEI NÃO SE REPETIRÁ** <sup>298[298]</sup>

Sei não se repetirá  
Esse dar de uma flor  
Abrindo-se temerosa  
Nem o céu que chegava  
Em chuvisco até nós.

Sei nunca antes houve  
Entre dois seres  
Essa dor comprimida  
-Felicidade.

Sei nunca antes voou  
Um bando de gaivotas  
No instante preciso  
De se abrirem teus olhos.

Já publicado apenas

Amarrotando-nos a alma  
De uma velhice de código usado  
Desde o alvor  
Foi, de súbito, ver  
Os limites os mesmos:  
Nas pontas dos meus dedos  
Terminava minh'alma;  
Não há duas palavras  
Para dizer: «Amor».

### **ERA SÓ ISTO** <sup>299[299]</sup>

Soltam-se pombas das veias libertadas.  
Era só isto, não mais, o que tinha para dar  
Ainda que o julgasse mais e mais:  
O que me pediram e o que só quis dar.  
Afinal, era esse o meu pedaço na cadeia  
-O mesmo que bateu nas minhas têmporas  
E afogou meu coração. Era só essa a vida  
Que era minha: Pude dispor dela  
-Vede!— apenas porque quis.

### **CHORO** <sup>300[300]</sup>

Choro contra esse muro  
Interior de mim  
O ante-braço encostado  
Ao terceiro arco das costelas  
Coração em vez de cérebro golfando  
Lágrimas aos olhos.

E ergue-se a voz do fundo da memória  
Insensata evidência — o Nome.

Choro do fundo dessa noite vermelha  
Como do fundo da vida:  
Não me recuses tu, ó vida  
A juventude inteira!

---

<sup>299[299]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 61).

<sup>300[300]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 62). Republicado nos *50 poemas* (p. 73).

## **ADEUS** 301[301]

Há beleza no simples entregar  
De palavras, uma a uma, isentas  
De entendimento?  
Pronunciadas  
Na pura liberdade do instante  
Desatentas de mensagem ou  
Comunicado?  
Porém,  
Outras há que vivem, independentes  
E certas, reconstruindo, não a Ideia  
Mas o Ser:  
Flor, verniz, sangue,  
Coágulo-amor, luva, inverno,  
Joelho, rio, grito, mão, saia...  
-Possível?— Impossível o inventário  
De manhã: Adeus.

## **BRAILLE** 302[302]

Esse braille subtil  
Fecho meus olhos  
Para melhor o ler.

Essa caligrafia  
De experiências longínquas  
-Aglhas de pinheiros  
E de vento.

Água clara de um continente  
A sua circulação  
Lenta, fluída, imperceptível  
-Signos antigos.

Dou a meus dedos a textura  
Desses signos.  
Braille subtil, decoro-os.

---

<sup>301[301]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 63).

<sup>302[302]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 64).

De olhos fechados, decoro-os.

Molham-se os dedos  
Nos sucos ténues  
Dessa circulação.

**«POESIA ABUSADA»** 303[303]

«A poesia abusada»: sob os meus olhos cai  
O título, num jornal antigo. Pra que conste  
Meu protesto solitário entre os cavadores  
Do alheio sangue seco: Enquanto outros  
Requisitam, fazem fichas: Enquanto,  
Quase bela, dela resta apenas  
Atenção e mão célere: ESCREVO PARA QUE CONSTE:

Foi na Biblioteca Nacional de Lisboa  
Um cochichar erudito, religioso  
Aí surgiu com seus tensos rubores  
O articulado libelo —o seu corpo-  
Com que contesta o mundo

«Poesia abusada»!

**FADO** 304[304]

Garganta, xaile, garganta  
O corpo molda-se em voz  
E a voz sem corpo no ar!

Candeeiros destacam rostos  
Mais rostos: os que pedem  
Os que troçam, os que imploram  
Os que ameaçam...

Faces diferentes do amor:  
De ancas largas, maternal,  
De pequenos seios castos  
Até o amor assexuado.

---

<sup>303[303]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 66).

<sup>304[304]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 68).

Da garganta às ancas  
-Mil faces do amor  
No movimento de um xaile-  
Canta-se o fado.

## **SE ESTE FOSSE O ÚLTIMO POEMA** <sup>305[305]</sup>

Se este fosse o último poema:  
Não esperar que o lessem  
Não esperar a sua destruição pelo sorriso  
De quem julga entendê-lo.

Como se fosse o último  
Este dia de primavera estienta  
Em que o ódio nos queima  
De que haja muros, tetos, chão

E não apenas

O Sol inteiro e nosso  
Que se não nega  
Nos não nega sua carícia terna  
Sobre os limites precisos dos corpos que habitamos

(Ardo em te pedir  
Que suspendas o estio).

## **ENGANO** <sup>306[306]</sup>

Era o mesmo sorriso  
Que supus fosse o que eu  
-Único no mundo-  
Receberia.

Era a mesma alegria  
Dos encontros que entendi  
Se não repetiriam  
Nem comigo.

---

<sup>305[305]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 70).

<sup>306[306]</sup> Publicado em *rosto de europa* (p. 72).

No entanto, tranquilo  
Noto o que —lei—  
Deixei esquecido:

Não foram apenas meus  
As manhãs que amei,  
A névoa, o Sol, o ciúme  
Com que quis me fossem exclusivos.

Dos homens, não é a imaginação  
Escassos dela. Sabem que ao Sol  
Se responde com um sorriso, ao amor  
Com o amor. Não é deles o engano.

### **DE ZERO A ZERO** <sup>307</sup>[307]

Fiz muitas vezes essa viagem:  
De Zero a Zero.  
Fiz essa viagem  
Cruzando, inalcançado, um Infinito.  
Força-me o Zero, ou quebra-me o Infinito?  
Sinto que a faço e faço. E uma vez mais  
A ideia me persegue: Destino humano  
É esse voo e o recomeço  
De Zero a Zero. (Idealmente os dedos  
Se estendendo)?  
Fiz muitas vezes essa viagem. Duvido:  
É de homem?

### **REGRESSO** <sup>308</sup>[308]

Regresso às tuas praias  
Na ressaca longuíssima do Tempo:  
Corpo rolado em mares-oceanos  
O descoberto, afinal, a descobrir-te.

Trago torturas, embustes, desenganos:  
Nos olhos, almas recusadas;

---

<sup>307</sup>[307] Publicado em *rosto de europa* (p. 74). Republicado nos *50 poemas* (p. 74).

<sup>308</sup>[308] Publicado em *rosto de europa* (p. 75). Republicado nos *50 poemas* (p. 78).

Na alma, o espanto dos olhares  
Que se não viram.

Mas este céu, esta terra são antigos  
-Um pressentimento confirmado:  
Circulando em meu sangue, respirando-o  
Esse mundo estava já comigo.

Comigo, tua face de espanto ao receberes  
A obra que não pensaste te voltasse  
À palma da mão tranquila:  
Corpo rolado de ti, a ti tornado!

## **POEMAS PUBLICADOS EM CORAÇÃO TRANSPLANTADO**

309[309]

Transplantado coração  
Nem só distância:  
Um mar ou outro  
A faz. Passaram mares  
E ares — contudo, noutros,  
A carapinha cresce  
Em novo tempo.  
Ei-las, crianças negras  
Cruzando a rua, em Londres.  
Ei-las correndo, como  
Eu barrocas: soltas.  
Não há distância entre  
Céu baixo e alto  
Arranha-céu, cubata.

310[310]

Onde cresce, a distância  
É interior. Não a mede  
O tempo — a dor é que.  
É um antigo exílio

---

<sup>309</sup>[309] Publicado em *coração transplantado* (p. 11), parte I.

<sup>310</sup>[310] Publicado em *coração transplantado* (p. 12), parte I. Republicado nos *50 poemas* (p. 61).

Este de um corpo  
Alheio ao coração,  
Ou coração alheio ao corpo.  
Transplantado de onde?  
Encarcerado em quê?  
Sangue de mais, de menos,  
Do coração ao corpo vai,  
Ou chega ao coração.  
A diferença, aperta  
Ou falta: é dor.

311[311]

Ah grande cabeça hippy  
Coroadada de cabeleira  
Encrespada e solta!  
Ei-la, como diquíxi:  
Raiz comum,  
Atmosfera outra.  
Eles aí estão  
Regressados os pés ao contacto  
Do Chão  
Buscando o inalcançável  
No que encontram  
Ao alcance da mão.  
Ingênuos. Criadores.  
Ingenuamente criadores.  
Criadora mente.

312[312]

O estrangeiro recuou  
Ante a agressão pela moeda.  
Chegaram dois, Homem  
Mulher, longos cabelos,  
Vestidas caídas. Eram  
Do tempo dos automóveis,  
Da alunagem? Súbito:  
«Não reconhecetes?»  
Também fugidos. Também  
Um traço a separá-los  
Da multidão. Tira a moeda

---

<sup>311[311]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 13), parte I.

<sup>312[312]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 14), parte I.



Um dar confuso. Sente  
Um alívio. Seriam eles?  
Falta um menino.

313[313]

Prostituta e fecunda  
Eis a Cidade.  
Passam os homens  
Que a querem deles:  
Orientais, setentrionais,  
Meridionais, ocidentais.  
Mongolóides, caucasóides  
E negróides. Espermatozóides  
Agitando a cauda  
No underground <sup>314[314]</sup>:  
Espesso meio  
De gente viva  
Buscando, infrene,  
O óvulo oculto.

315[315]

É sobrevida, isso:  
Dá-se-lhe um corpo,  
Muda-se o coração:  
Locatário e local  
Desencontrados.  
Foram buscá-lo, longe,  
O sangue que faltava  
Ao seu cansaço.  
Deitou-se ao chão  
A carne que sobrava.  
Sobrevivos sonham  
Uma última ilusão:  
Pensam mitologias,  
Seco o coração.

---

<sup>313[313]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 15), parte I. Republicado nos *50 poemas* (p. 59).

<sup>314[314]</sup> Em *coração transplantado* a palavra estava em itálico.

<sup>315[315]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 16), parte I.

316[316]

Olham para nós  
Mais vivos do que nós  
Deuses no exílio:  
Deuses egípcios  
No Museu Britânico.  
No limestone  
Ainda sopra o vento  
Do Sudão. Borbota o Nilo  
Nas inscrições. Ah, Terra  
E Vento: homens e deuses  
Estão marcados.  
A escala é uma:  
Ar, água, terra  
-Lama fecunda.

317[317]

É da criança franzina  
Ou do rapaz espigando?  
Sangue próximo da lágrima  
Sangue próximo do sal;  
De qualquer modo passado  
Ao corpo do homem actual;  
De repente repetindo  
Batimentos baptismais;  
Logo depois explodindo  
Pedaços de vida a mais;  
Já agora, ameaçando  
Concluir, não bater mais...  
Coração que já não tenho.  
Coração que tenho a mais.

318[318]

Talvez mereças, Londres,  
O nome de Babel — não o que usas.  
Não porque desencontres  
Ou reduzas, embora o pareças  
No rigor fisionómico  
Da fábrica que presumes.

---

<sup>316</sup>[316] Publicado em *coração transplantado* (p. 17), parte I.

<sup>317</sup>[317] Publicado em *coração transplantado* (p. 18), parte I.

<sup>318</sup>[318] Publicado em *coração transplantado* (p. 19), parte I.

Aqui a todos unes:  
Danças, coros hindús em Picadilly  
E o fogo surge, flébil,  
Da comunicação — e logo alastra.  
Tão igual o diferente!  
Tão diferente o igual!  
Marcou em ti encontro gente confusa:  
Babel conclusa.

319[319]

Ah, Cidade grande, longe!  
Não há distância, tempo  
Para soltares de mim  
Velhas, finas raízes.  
No quarto impessoal,  
Rodando o interruptor,  
Vem-me de longe a imagem.  
Dedos de fuligem apertam a torcida  
Da candeia de azeite:  
Um odor a palma no ar.  
Numa longínqua noite  
Como a de hoje, de insónia.  
Sou, concerteza, o mesmo.  
Não adormeço ou esqueço.

320[320]

Também eles me não querem  
Ver fugido. E quando  
A noite vem, tranquilizante,  
Eles desafivelam suas máscaras  
De mortos, para falar  
Comigo. Não têm medo já  
Não tenho medo eu  
Reconhecidos uns nos outros.  
Sabemos: nossa vida foi assim.  
Não lamentamos feridas sobre o corpo,  
Misérias, piolhos, cabiris carregados  
De carraças. Foi o nosso quinhão.  
Por isso nos é fácil dizermo-nos: «Irmão.»

---

<sup>319[319]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 20), parte I.

<sup>320[320]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 21), parte I.

321[321]

Sexta-feira Santa. Sexta-feira tonta.  
Não há Deuses nem Homens  
Há um homem e Deus.  
Sexta-feira Santa. Sexta-feira tonta.  
Deita fora o que és e também o que não.  
É só derrame — a terra espera —  
O que julgavas teu ser.  
Teu corpo liquefaz-se sobre o chão  
E o chão te é alheio.  
Não impeças a queda:  
Desamparo é teu destino.  
Desamparadamente desamparado  
Teu corpo — derrame puro.  
Sexta-feira tonta. Meu Deus! Sexta-feira Santa!

322[322]

São ossos, esqueleto  
Paredes da História  
A carne já ida  
Não se sabe quando.  
Mas ficou a página <sup>323[323]</sup>  
Sangue enegrecido  
De murders mordendo  
A carne da História:  
Não se sabe quando  
Mas havia bispos  
Mas havia sangue  
Mas havia reis  
Cavalos retesos  
-Protesto isolado!

324[324]

O homem e a cadeira.  
A cadeira do homem.  
O homem da cadeira.  
Tão alto! (para mostrar  
Que está de pé?)  
Cadeira ao lado.

---

<sup>321[321]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 22), parte I.

<sup>322[322]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 23), parte I. Republicado nos *50 poemas* (p. 58).

<sup>323[323]</sup> Em *coração transplantado* está "pátina".

<sup>324[324]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 24), parte I.

Ao lado da cadeira  
O homem. O homem  
Chamava-se Abraão.  
Ficou negro de imensa  
Solidão. De pé  
Pronto a deixar um enorme  
Cansaço. Mata-lo-ão  
Sentado, na cadeira, à traição.

325[325]

Vou na multidão  
Que descobriu que é um Zoo.  
Também me vejo nu  
The naked ape.  
A discriminação:  
O macho quer-se vestido  
A fêmea nua.  
Vou ver isso mesmo  
Em Witehall, rua.  
Polícias. Carros.  
De dentro de um  
Um adeus amigável  
Para mim. Ouço: Moon men.  
Homens da Lua. Munemenizei-me.

326[326]

Terra mãe escura  
Terra treva sepultura  
Madre estranha mãe  
Que ignoras de onde  
Partes onde chegas  
Terra mãe terra dor  
Grito também  
Lava escura  
Raiva clara  
(Da lava à raiva  
É que vai  
O protesto necessário)  
-Bate na terra, Mãe!  
Bate no chão por mim!

---

<sup>325[325]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 25), parte I.

<sup>326[326]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 26), parte I.

327[327]

Quem se apossou de mim?  
Quem de dentro de mim  
Me arrepanha os tendões  
Me puxa os nervos aos esticões?  
Quem penetrou no corpo  
Vulnerável, disponível  
E de dentro o tortura  
Como se fora seu?  
Quem me faz encolher  
-Bicho de garras, pássaro, morcego?  
Bicho que o tempo vence  
Persistente e submisso  
Bicho também eu, bicho  
Que, no entanto, nego.

328[328]

Não direi que puro. Puro  
É o alheio. A eles pertence  
O pálido monopólio.  
Porque este mundo é sujo  
-Como não seria?  
Excrementícia gente  
Sabem-no insectos, vermes:  
Voejam verdeléctricas  
Moscas à sua volta,  
Engordam matacanhas,  
Bactérias grassam  
Crescem, envoltas  
Em seu humano lodo. Não direi  
Que puro.

329[329]

Um sangue escuro  
Coágulo conformado  
À mão rude cavando  
À mão crosta da terra.  
Um sangue denso

---

<sup>327</sup>[327] Publicado em *coração transplantado* (p. 27), parte I.

<sup>328</sup>[328] Publicado em *coração transplantado* (p. 28), parte I.

<sup>329</sup>[329] Publicado em *coração transplantado* (p. 29), parte I.

Lento  
Circulado na forma  
Do movimento  
Da mão à terra  
-Grave queda  
Fecundante.  
Um sangue escuro  
Condensado  
No tamanho de um punho.

330[330]

Coração tocado de um vento  
Seco. Coração deserto.  
Sua pele  
Crosta estalada.  
Suor desidratado sobre  
O corpo: sal.  
Depósito de gritos  
Insofridos. Coração  
Calcificado,  
Em si mesmo a mensagem:  
Parada circulação  
Fixa memória  
Suspensa vida.  
Coágulo.

331[331]

Também eles O esperam  
Em Sua face adulta.  
Na indecisa bruma  
O Seu perfil avulta.  
Esperam para O oporem  
À compressão, à angústia  
-Árvore de liberdade  
Erecta como fuste. E a  
Liberdade é rigor,  
Sinais que dela têm:  
Um ponto, luz, fulgor.  
Uma estrela, o trajecto  
Do céu ao coração. Astro preciso,  
Número, ângulo recto.

---

<sup>330[330]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 30), parte I. Republicado nos *50 poemas* (p. 62).

<sup>331[331]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 31), parte I.

332[332]

Não tanto como Pessoa amei  
As cidades de hoje, no Norte.  
Mas sempre à beira-morte  
As conheci. Reconheci.  
Escuridão opressa  
Em outro continente.  
Au bout de la nuit <sup>333[333]</sup>  
Surgiu-me o seu olhar.  
Eu o segui então à beira  
De morrer, à beira de ser  
Logo escuridão compacta.  
Um grito ao longe. Exacta,  
Inflexível, a direcção tomada:  
É para lá da morte o próximo comboio.

334[334]

Catacumbas modernas.  
Levam-me escadas, ascensores.  
Descem-me degraus. Ternas,  
Quebram-se amarras. Dores  
Sobem da terra. «Europa!»  
-Grito. Responde o eco:  
«Àfrica!» E no escuro vou pa-  
ra o encontro, o sangue seco.  
Encontro dolorido, vassalagem  
Prestada à beira-morte. Vejo  
Esses olhos no fundo túnel, catacumba.  
Luz perdida bastante para que sucumba  
O que ainda é vida, à beira-mar, à beira-Tejo,  
À beira-Thames: É para nada a próxima viagem.

D. Maria da Conceição Abreu, que nunca pensou em fazer versos, é  
co-autora dos poemas que se seguem, acontecidos em meio de  
sessões de informação linguística que teve com o autor deste livro.  
Outra forma de transplantação cardíaca.

335[335]

---

<sup>332[332]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 32), parte I. Republicado nos *50 poemas* (p. 60).

<sup>333[333]</sup> Em *coração transplantado* o verso está em itálico.

<sup>334[334]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 33), parte I.



Aiué, muxima ua manhinga:  
Kikonda kia manhinga, jimbamba.  
Uabuila mukonda dia kukalakala. Kinga!  
O masoxi mé, imbamba.  
Em ngi mubika uokulu ua jikuku.

Aiué, jindanji jami jokute  
Ngana Nzambi muene ukutununa o ngoji.  
Aiué, muenhu uami uokute:  
O muxima ua mutu ki muxim'é ua hoji.  
Eme ngi mubika uokulu ua jikuku.

Aiué, o muxima uobuze ku mutu  
Muene uafikile kuma a-mu-jituna  
Manhí, kaná: uala bu ngoji: a-mu-kutu.  
O manhinga malenga kala jinguna.  
Eme ngi mubika uokulu ua jikuku.

Aiué, muxima uabuila, maji ukalakala  
Pala mukutu ua mukuenu! Pala  
Muenhu ua mukuenu! O mukutu ua mukuenu  
Lumbambu lué! Enu, di-xibienu!  
Eme gni mubika uokulu ua jikuku.

Ai, coração de sangue:  
A pele do sangue são crostas.  
Cansaste-te de trabalhar. Espera.  
As tuas lágrimas são fardos.  
Sou um velho escravo dos avós.

Ai, as minhas veias estão atadas,  
Só o próprio Deus desfaz o nó.  
Ai, a minha vida está presa:  
O coração de pessoa não é coração de leão  
Sou um velho escravo dos avós.

Ai, coração arrancado a uma pessoa,  
Ele julgou que tinha sido solto  
Mas não: ainda está atado, preso,  
O sangue foge como formigas de asas.  
Sou um velho escravos dos avós.

Ai, coração cansado, mas trabalhas  
Para o corpo de outrem! Para

A vida de outrem! Para  
A vida de outrem! O corpo de outrem  
É a tua prisão. Vós, calai-vos!  
Sou um velho escravo dos avós.

336[336]

Hoji iafu, mu ngongo mua-di-xala!  
Ng'-ambule nginue tukopo tuami  
Ni makamba mami!

Hoji iafu, mu ngongo mua-di-xala!  
Ng'-ambule ngitonoke ni makamba mami,  
M'usuku uami!

Hoji iafu, mu ngongo mua-di-xala!

O leão morreu o campo ficou livre!  
Deixem-me que beba os meus copinhos  
Com os meus amigos!

O leão morreu, o campo ficou livre!  
Deixem-me que brinque com os meus amigos  
Na minha noite!

O leão morreu, o campo ficou livre!  
Deixem-me que olhe a lua com os meus amigos  
Na minha estrada!

O leão morreu, o campo ficou livre!

337[337]

Aiué, pala'nhi uatalele mon'ami?  
O mesu mé, ki muanh'é!  
Aiué, pala'nhi uatalele mon'ami?

Aiué, o mon'ami uandalele muanha ua kidi,  
O mesu mé, ki muanh'é!  
Maji, Nzambi iami, Nzambi ia kidi.

---

<sup>336[336]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 40 e 41), parte II.

<sup>337[337]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 42 e 43), parte II.

Aiué, o mon'ami, muanha u uelela!  
O mesu mé, ki muanh'é!  
Aiué, mon'ami uondokuelela!

Ai, porque olhastes para a minha filha?  
Os teus olhos não são o sol!  
Ai, porque olhastes para a minha filha?

Ai, a minha filha queria um sol verdadeiro  
Os teus olhos não são o sol!  
Mas o meu Deus é um Deus de verdade!

Ai, a minha filha é o sol a rir!  
Os teus olhos não são o sol!  
Ai, a minha filha rir-se-á!

338[338]

Ngi-di-fangana kala mbua ia Kabidi:  
A-ngi-bana kisende ku mbunda:  
Ka-i! Ka-i! Ka-i!  
Mukila ubokuesa moxi ia inama!

Ngi-di-fangana kala mbua ia Kabidi:  
A-ngi-tala n'a-ngi-kaie: «Tunda»!  
Ka-i! Ka-i! Ka-i!  
Mukila ubokuesa moxi ia inama!

Ngi-di-fangana kala mbua ia Kabidi:  
Kioso ki ngibita, o mundu uolozoka jivunda.  
Ka-i! Ka-i! Ka-i!  
Mukila ubokuesa moxi ia inama!

Ngi-di-fangana kala mbua ia Kabidi!  
Mulenge u-ngi-busa ku dikunda:  
Ka-i! Ka-i! Ka-i!  
Mukila ubokuesa moxi ia inama!

Ngi-di-fangana kala mbua ia Kabidi: 339[339]

---

<sup>338[338]</sup> Publicado em *coração transplantado* (p. 44 e 45), parte II.

<sup>339[339]</sup> Termina com uma gralha. Na tradução está ponto de exclamação.

Pareço-me com um cão cabíri:  
Dão-me um pontapé na cauda.  
Ka-i! Ka-i! Ka-i!  
A cauda encolhe-se-me entre as pernas!

Pareço-me com um cão cabíri:  
Olham-me e enxotam-me: «Fora!»  
Ka-i! Ka-i! Ka-i!  
A cauda encolhe-se-me entre as pernas!

Pareço-me com um cão cabíri:  
Quando passo, as pessoas fazem barulho.  
Ka-i! Ka-i! Ka-i!  
A cauda encolhe-se-me entre as pernas!

Pareço-me com um cão cabíri:  
O vento sopra nas minhas costas  
Ka-i! Ka-i! Ka-i!  
A cauda encolhe-se-me entre as pernas!

Pareço-me com um cão cabíri:

## POEMAS PUBLICADOS EM *LUSÍADAS* <sup>340[340]</sup>

### 1. <sup>341[341]</sup>

Dos ladrilhos movediços de Vieira  
Onde o verde é azul, o mar ameaça,  
Je me rappelle as areias, a sucção, o beijo,  
O Rio, a cor é Tejo.  
Je me rappelle o vidro, o verde  
Umbroso, a água, a neve,  
O tufo, a erva.  
Vestido vegetal, o Corpo terra viva.  
Je me rappelle o dever e o derrube,  
A água independente.  
Tão alta a cabeleira dos pinheiros  
A recusa nos dentes! Bernard Buffet,  
O negro destas árvores, destes  
Troncos, persistente. Adiante, a Primavera!  
Dadas as mãos. Aqui o inverno, certo.

---

<sup>340[340]</sup> Todos os poemas do livro foram republicados nos *50 poemas* (pp. 83-93)

<sup>341[341]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 5).

**2.**<sup>342[342]</sup>

Je me rappelle a igreja metodista  
Mais j'aime mieux a de nome mais belo  
A Philafricaine  
Os bigodes do missionário  
O animatógrafo  
A ternura coxeante das cartas para a irmã  
Je me rappelle o rigor, a limpeza  
Lausanne a uma hora de distância  
O florido estival à volta do Léman  
A higiene, a construção,  
Os frisos, a lucidez urbana.  
Construir acaba neste chão  
Helena soberana sobre o chão.  
A princípio, o brique infantil  
Depois o zinco;  
O caminho missionário acaba aqui.  
Je me rappelle a ternura do poeta  
A longada epistolar, o seu francês luzente  
Intérmito, intrépido.  
Tu t'en souviens? O tecto umbroso  
O verde duplo — acariciante, acariciado —  
Um tecto vegetal, impositivo  
Não digamos não, pois não, à sua fala viva.

**3.**<sup>343[343]</sup>

Aqui, a primavera. Je me rappelle  
O corpo negro, atlético  
Senhor do carisma helvético  
Na praia dos miliardaires.<sup>344[344]</sup>  
Je me souviens da trincheira  
Inaparente em contas.  
Pois, como dizias, catorze anos,  
Catorze anos na mata  
Mais catorze na Europa  
Mais catorze na Ásia  
Catorze cursos, catorze missões diplomáticas, a Kalashnikov  
O ski, o sauna, as visagistes<sup>345[345]</sup> conservaram

---

<sup>342[342]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 6).

<sup>343[343]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 7).

<sup>344[344]</sup> Em itálico no original

<sup>345[345]</sup> «ski» e «visagistes» vinham em itálico no livro original.

De tantos catorze anos os catorze  
Que exhibes  
Perante o teu colega que, entretanto,  
Passou a ter o 4 antes do 1.

4. <sup>346</sup>[346]

Gostas do Arpad certamente  
Mais do que de Vieira: As  
Neves doces, a água puríssima  
Sem tratamento. Évian, à  
tua escolha óbvia.  
J'entends ton français, sem querereres  
A tua língua principal  
Como a de Vieira.  
Diferentemente, faltou-te  
Um Tejo, amor que não viste no  
Cuanza mas no Reno. <sup>347</sup>[347]  
Est-ce que tu t'en souviens?  
Os azulejos simplesmente coloniais,  
Guia-nos a geometria de Vieira  
O verde exacto  
A carícia de uma luva viva.  
Não se erguerão demais os caules  
Discriminantes. Envolvente de tudo,  
O remoinho. A Natureza  
Aprofunda-se conhecendo.

4. <sup>348</sup>[348]

A boca azul aberta suga a nuvem.  
O vácuo, o sorvedouro  
Pipocas sobre o tampo azul  
Tão claro, desaparecem mal nascidas.  
On regarde les mains. Toujours  
On les regarde, e já sabemos  
Entre as mãos e o vácuo  
O que se assemelha: no fundo  
Do seu fundo correm pipocas.  
C'est pour ça. Palavras gotejantes  
O peso gota a gota das palavras  
Vieira, não o sentes? Para que

---

<sup>346</sup>[346] Nos *50 poemas* estas duas partes estão colocadas em duas páginas diferentes.

<sup>347</sup>[347] No livro original estava separado do seguinte por um espaço branco.

<sup>348</sup>[348] Publicado em *LUSÍADAS* (p. 9).

Outros, dos teus, remoinhos  
De esferas se transponham.  
Preferes a ampulheta. Como  
A água. Cada molécula  
Tem arestas, fendas,  
Longitudes. Na Água, <sup>349[349]</sup>  
O Tempo.

**5.** <sup>350[350]</sup>

A luva veste o corpo vivo  
A azul-cinzento,  
Luva inconsútil, esquecidos  
Retalhos, lâ.  
Corpo explodido, preso.  
O braço tatuado a azul-cinzento  
Um nome e data: 12-12-72,  
Angola. *Grandes barcos*  
*Os levavam lentamente, após*  
*Nove meses esperando lua a lua* <sup>351[351]</sup>,  
A areia branca, a areia branca  
O corpo estendido ao beijo  
Lento e sábio das ondas  
Lentamente. Aqui, Lisboa,  
O corpo em luva,  
O braço, Vieira, a azul,  
Transposta a Terra inteira.  
Je voudrais vous dire, Sophia,  
La terra trema, o rosto  
De Ingrid, Stromboli, apenas  
O azul é incompleto sem Vieira.

**6.** <sup>352[352]</sup>

Outono aberto, Outono enxuto,  
Um ar cuja poalha alimenta  
Os sôfregos pássaros de Vieira.  
En Automne, gaivotas de Lisboa

---

<sup>349[349]</sup> Sem maiúscula em *LUSÍADAS*.

<sup>350[350]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 10).

<sup>351[351]</sup> Em nota de rodapé afirma-se: "Lembrança de Natércia, «Guerra»". A citação não se transcreve com itálico nos *50 poemas*. Decidimos, no entanto, manter aqui a opção inicial uma vez que ela dá desde logo uma indicação de leitura.

<sup>352[352]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 11).

Revoluteiam à superfície  
Negros sinais no outro subsidente,  
Perturbações da pele do mar  
Estuário. É Tejo onde foi  
Mar, mármore nas margens  
Que foram areia ou saibro.  
Sobre o branco,  
Milhares de sinais em queda  
Para o Rio. O Nada  
Absorve-nos com eles  
Para o limite longo do horizonte mudo.

7.<sup>353[353]</sup>

Os andaimes de Vieira em arquitectura subterrânea  
A água, o poço, Lisboa imorredora  
Branca-morena, judia e moira.  
Os corpos flectem-se sobre a História  
Que emerge, remoçada em corpos negros.  
Árvores inexistentes, entanto nuas,  
Ângulos agudos, entanto vivo  
O riso oculto de pássaros ausentes.  
No alto iluminado do cúmulo,  
O perfil do Monte Branco,  
Corpo intacto.  
Inúteis águas, bocas sedentas  
Daqui a mil anos olharei  
A súplica silenciosa do asfalto.  
A porta aberta a um espaço,  
A escada a outro. Castanho e cinza  
Apontam a idade.

Desce a primavera sobre as cabeças  
Escavando o metropolitano  
Sob a chuva esparsa e fêmea  
Da Lesbos insular  
Diluída a silhueta proletária.

8.<sup>354[354]</sup>

Camponeses da areia e do basalto

---

<sup>353[353]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 12).

<sup>354[354]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 13).



Encontram o pão apetecido no saibro  
Deste chão. E já a broa,  
O vinho co-natural, mediterrâneo  
De onde se soltaram as ilhas para o mar atlântico,  
Caravelas de retorno são os taipais  
Andaimes. A rota viageira  
Um traço longo azul de mar-oceano  
Os lenhos retornados  
Os castanhos breves.  
Mulher de carne ou mármore  
É a que espera o perdido viageiro  
Atrás de vidros, folhas,  
Seu nome, Mátria. Lusíadas <sup>355[355]</sup>  
Em cores, fragmentos,  
Restos de cordame e mar,  
O tempo incluso. Assina Camões  
A carta de marear  
Inesperadamente feminino,  
Penélope, pintando, Vieira,  
Lisboa, centro do mundo.

**9.** <sup>356[356]</sup>

Camões apostrofando no Intendente  
À gente silenciosa  
— Como a do metropolitano de Paris,  
A gente é clara e muda  
A única diferença nos seus olhos —  
O tronco nú, cicatrizado  
Cartões da tença havida  
Estendidos para se verem  
Lusíadas esquecidos.  
Os destroços das naves  
Acumulados oferecem-se aos bruços  
De Camões, nos castanhos multímodos de Vieira  
Que também chegou cá  
Do fim do mundo.

**10.** <sup>357[357]</sup>

---

<sup>355[355]</sup> No livro original a palavra estava grafada com maiúsculas e em itálico, sempre que aparecia (cf. poema seguinte).

<sup>356[356]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 14).

<sup>357[357]</sup> Publicado em *LUSÍADAS* (p. 15).

Vieira (Afonso Lopes), a lenha e o lenho  
São piras para a nova inquisição  
Próxima de S. Domingos?  
Vieira (P.e António), a lenha e o lenho  
Destroços de tanta navegação  
Oferecem-te as linhas de mais um sermão?  
Essas linhas, dechets, destroços  
Da condição lusíada  
Sugerem a montagem de mais espaço,  
A Vieira, a maga de Paris,  
Das Descobertas, para a pompa  
Lusíada da História.

Balançam-se em convés na rua adiante,  
Andaimes, cavernames sob a terra,  
Restos de caravelas  
Madeiras de D. Dinis  
Relançando o metropolitano  
Rumo à Europa!

## **POEMAS PUBLICADOS EM AFONSO, O AFRICANO**

**RENA** <sup>358[358]</sup>

*para Nucha*

Afonso, o africano, <sup>359[359]</sup> cansado da guerra,  
Transferiu suas cavalgadas para a Europa,  
Onde correu montes e planícies  
Vendo a mesma lua de Arzila e Tânger.

Alguma coisa, no entanto, o transtornou  
Que foi encontrar na Crimeia <sup>360[360]</sup> o olhar muçulmano de Florence,  
cuidando-o  
E tanto  
Que para novas cavalgadas partiu  
Em direcção a Norte  
Atravessando estepes, taigas  
Até que, em plena tundra, reconheceu  
A língua morna de Rena  
Buscando musgos, líquenes

---

<sup>358[358]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 3. Republicado nos *50 poemas* (p. 81).

<sup>359[359]</sup> Espa parte inicial do verso vinha em itálico na fonte.

<sup>360[360]</sup> No texto (2ª ed) está (p. 3) Crimeira, cremos que por gralha.

Um perfume intenso à sua volta <sup>361[361]</sup>  
Levando-o a deixar sua montada  
Seu cavalo árabe da Golegã  
Pelo dorso de Rena

Sobre o qual, como em Chagall,  
Fixaram os pintores seu voo alto  
Entre as luas de Arzila e Tânger.

## **NO VERÃO, A LESTE**

### **ESLOVÊNIA** <sup>362[362]</sup>

Ljubliana doméstica  
O castelo sem ameias e com persianas  
Onde o acto de beber  
Deve ser público,  
A parede do bar, que dá para a rua, uma vitrina.

Nos cafés, intelectuais entre bicas e fumo,  
Mulheres que não esperam  
Mas parece, os cumprimentos dos homens que lhes falam baixo, ao  
passarem.  
As barmaids de aspecto alemão  
Ou antes, austríaco  
(Dos governantes que habitaram  
O palácio que ainda se vê)  
Nos seus cabelos loiros e, sobretudo, pernas  
Não encontram correspondência  
No ruído de vozes no ar  
No passear de acaso  
Sem dúvida que é Trieste  
A Ilíria que ainda tem  
Seu monumento erguido  
Ao curso de Ajaccio  
Terra ocupada que quis com ela  
As cinzas do exército invasor  
La Grande Armée  
Que lhe restituiu a sua personalidade ilírica  
Contra o domínio do Norte.

---

<sup>361[361]</sup> No texto (2ª ed) está (p. 3) vota, por gralha.

<sup>362[362]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 5.

Candeeiros de gosto pendurados nos tectos  
Dos bares populares  
Trabalhadores que iniciam a semana  
Como se fossem para férias,  
Ao menos no vestuário.  
Ou será que a força do Verão  
Melhora a qualidade das pessoas?

### **MACEDÓNIA** <sup>363[363]</sup>

As raparigas jugoslavas da Macedónia  
Casam-se ao domingo  
Que não é o seu dia santo.  
Cortejos a pé e com bandeira à frente  
Os homens com barretes brancos  
Elas vestidas como pensava só as apresentasse o folclore de Belgrado;  
Filas de carros pobres, interrompidos  
Por um Mercedes (o do padrinho);  
Charretes lentas com toldos multicores...

As raparigas jugoslavas da Macedónia  
Casam-se ao domingo,  
O Islão presente  
Nos minaretes de pequenas mesquitas recentes  
Ausente a pobreza que nos seus países fere.

Casas com relvados  
E belas vacas trazendo vitelos  
À alimentação herbívora  
Enquanto jovens alexandres  
Experimentam jovens cavalos.

### **DALMÁCIA** <sup>364[364]</sup>

Grandes cabeças caninas pousadas sobre o mar  
De pedra cinzenta clara sobre o azul pacífico.  
Grandes cabeças de cães  
Cansados de passadas lutas

---

<sup>363[363]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 6.

<sup>364[364]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 7. Republicado nos *50 poemas* (p. 79).

Deitados sobre os tapetes-cidades  
Que delas resultaram.  
A Dalmácia.

**RAGUSA** 365[365]

A maravilhosa cidade que os mercadores  
Edificaram, com  
O gótico, o renascença, o barroco  
Sobrepostos,  
As antigas muralhas inexpugnáveis  
E afinal não,  
A que Napoleão acrescentou o seu pedaço  
No tempo de um amigo, depois traidor.

Aqui governador de boa memória  
Apresenta-se-nos com uma réstea de sol à entrada  
Para depois nos oferecer  
A sua intimidade, protegida  
Por gotas espessas de altos cúmulos.

No cinzento iluminado de relâmpagos  
Os seus dez mil amantes de uma tarde  
Refugiam-se nos cafés.

Esta a cidade onde gostaria de te trazer  
Enquanto reparo no rosto da mulher  
Das europas centrais ou de montanha  
Que pede para se sentar à minha mesa  
Naturalmente como naturalmente aceito  
Fazendo o esforço da naturalidade.

Chove  
Autocarros  
-os maxibombos do nosso amor adulto-  
A chuva afrouxa e já se não vê  
O único guarda-chuva há pouco aberto  
Junto à paragem.

Talvez no planalto onde vives  
 Tenhas a mesma vista  
 O mesmo curto pensamento  
 Sabes? Chamo-te com a voz que sei  
 Temendo a flecha do ódio me atinja aqui

Em meio à Juventude  
Desatenta de mim  
Com certeza que de ti  
Talvez de si  
(É preferível, no entanto, o ar de filosofia cômica  
Com que interminavelmente fala  
Interrrompendo-se apenas com risos  
Que é tão comum em frequentadores  
De café com o aborrecimento  
De um tempo, o seu, a que não puderam  
Ou não quiseram estar presentes)  
Aqui estaríamos  
A vela explicitando a filosofia  
De um rosto que me aprova  
Sem palavras, uma solidão menos ruidosa  
Mas teimosamente viva.

### **ISTAMBUL** 366[366]

Afinal, a História. Um monturo  
De pedras sobre pedras,  
Diversas escritas sobrepostas.  
Um persistente cheiro a suor.  
A magnificência dos Solimões, Maomé e Selins  
Evidenciada no serralho que foi a cidade das suas vidas.  
A pequena rua das habitações dos eunucos negros  
Com, dependurados, instrumentos, de tortura.  
Sublime Porta, monturo das idades que percorreste  
Sem a nenhuma ultrapassares,  
Por isso, os teus filhos,  
Infantes que comerciam,  
Têm olhos de velhos.  
  
A História vendida aos turistas  
A não-idade, a acronologia.  
Qualquer coisa suspensa (a tua alma?)  
Como a cúpula de Santa Sofia desafiando a estática.

## **BÓSFORO** <sup>367</sup>[367]

Da Outra Banda a Istambul  
Percorro o Bósforo:  
A mesma gente de cores apagadas  
Um ou outro par de jovens casados  
Ostentando o facto  
Uma que outra velha num isolamento que aumenta com o número de  
passageiros.

Qualquer quebra nessa uniformidade  
Identifica estrangeiros.

Descemos no Sodré, escrito Emirgan  
E só na rua nos identificámos:  
Ausentes  
O anúncio do Tofa  
E o Duque da Terceira.

## **ANATÓLIA** <sup>368</sup>[368]

A primeira paisagem turca que amei  
Foi a dos versos de Hikmet  
O «povoado da Anatólia  
Sobre as montanhas solitário.»  
Agora, na manhã brumosa,  
Atravessando Analod,  
A paisagem indefinida  
Entre girassol e milho  
Tabaco e oliveira,  
A mulher a quem o poeta fez os versos  
Não pode ser a única de que guardarei memória:  
Uma trouxa de roupa suja sobre o solo  
Os braços segurando uma enxada de cabo curto, à africana

Essa, para mim, a Anatólia  
Sem o fulgor solar de que o poeta  
Dourou a solidão de uma aldeia  
De que algumas vejo desaparecerem  
Nos dorsos dromedários de colinas.

---

<sup>367</sup>[367] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 10.

<sup>368</sup>[368] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 11.

## **DISCURSO SOBRE O REGIONALISMO** 369[369]

De Bursa para Esmira,  
Meia hora numa feira  
Oferece-me o discurso sobre o regionalismo.

Longa rua, rodeada de barracas,  
Com cestos pelo chão.  
Como no Xamavo, principalmente  
Panos e alimentos.

Arcos de massa, sem o açúcar  
dos micondos, sabendo a ginguba.  
Em pequenos montes,  
Quiabos, os hobiscos esculentos de Lineu,  
Deixam ver que parte importante  
Do que me liga à terra onde nasci  
— Os gostos da infância —  
Pertence também aos turcos.

## **ÉFESO** 370[370]

As feições do homem indicavam  
Que nele se continuava  
Uma das estirpes que não foram  
Senão a pedra, o saibro, a areia  
Da via real da Civilização de que falava.  
Do lugar onde pregou S. Paulo,  
No anfiteatro de Éfeso,  
Ilustrando a boa acústica  
Discreteava, a voz de nível médio,  
Sobre a informação dos antigos  
Frisando aos herdeiros daqueles de que falava,  
Humildemente: «como sabeis.»

---

<sup>369</sup>[369] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 11.

<sup>370</sup>[370] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 12.



## **PÉRGAMO — II** <sup>371[371]</sup>

Das portas do mar açoreadas  
Em vasto pântano, saídos da trirreme,  
Ricardo e Liz avançam pelo mármore  
Da longa rua, coroados de sol  
Atingidos por flores e jubilosos vivos  
Com o andar de quem sabe sobre que pisa.  
Lentamente, os ventos enfunando  
Suas vestes brancas, dirigem-se  
Para a biblioteca, com os duzentos mil rolos de papiro  
Que Ricardo vai oferecer a Liz,  
Para o próximo incêndio de Alexandria.  
Será que o amor degrada ou se degrada irreversivelmente?  
Tempos depois, quando a loucura  
Tomou a cabeça de Ricardo,  
Ele era visto por tugúrios,  
Vãos de escada, em Amesterdão,  
Nova Iorque ou Roma, à procura  
Do maior diamante para selar  
As pazes do seu amor por Liz.

## **EPITÁFIOS**

para Tomaz Vieira da Cruz <sup>372[372]</sup>

As filhas das tuas filhas  
Amaldiçoaram quem te amou.  
Não gostaram que descobrissem  
Sobre o corpo útil das mamas  
Um esplêndido requinte remoçado.  
O decadente a tocar o que emergia  
Os segredos para Hebo vindos desde a Grécia  
A graça do teu corpo nascendo em nacarada concha.  
O berço aqui  
Onde sofrias, com o paludismo,  
O temor de ser única, ser vista e descoberta  
Para além desse ruído verde  
Desse tamtam de espuma vestindo quiandas  
Para além do ruído mais fundo de kalungangombe

---

<sup>371[371]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 13. Republicado nos *50 poemas* (p. 82).

<sup>372[372]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 14.

A reclamá-lo, ali, mais que na Europa.

para Viriato da Cruz <sup>373</sup>[373]

A face lábil esperara o encontro prometido com a palavra.  
Mas encontrou o silêncio,  
Um ideograma por epitáfio.  
Não-situado o encontro, mas porque o houvera de ser em local preciso?

Ao Sul sempre ligara a Geórgia,  
Sem ser por ventos ou cavalos;  
Da Europa do Norte eram as porcelanas que amava;  
Belos olhos azuis deram-lhe ternura e eram de uma boer esquecida  
num trek;

Para quê o silêncio como choro  
Junto ao epitáfio?  
Para quê o Oriente, essa mulher  
De passo milenário e silêncio mais longo?  
A canção que pode instaurar o espaço vivo que foi  
Sobre a sepultura  
É a que tu, em surdina,  
Podes cantar,  
Requiem retirado das pautas europeias  
Que não contestaria.

para Garibaldi <sup>374</sup>[374]

A paisagem verde dos arredores do Lubango  
E a ponte — meio-romana, meio-republicana — sobre  
[o Sor  
A longínqua engenharia das estradas  
Corridas por caminhetas  
O dorso da lombaa, ausente a Cruz do Redentor,  
São a sua terra,  
Alentejano surdo, dependurado na Chela,  
Um sorriso sob a escrita à máquina  
Ponteadada da caligrafia quase doce  
Do professor primário.

---

<sup>373</sup>[373] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 14. Republicado nos *50 poemas* (p. 80).

<sup>374</sup>[374] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 15.

Ajusta e tersa a tua terra, que viagem o Lubango  
De verdes novos, águas iniciais  
Onde plantaste um imbondeiro contra a ecologia  
De onde cresceram mácuas  
Para o espanto dos teus correspondentes  
Tantos, tantos  
Do continente e de além-oceano,  
Num discurso ninguém diria que nocturno  
A assinatura sob a dactilografia  
Marcando um adejo calmo.

Aqui andaste e exercestes  
A escola no mar, a praia alta  
A peneplanície arborizada  
Que reencontrarias no sopé  
Da Chela, cansado dos homens,  
Professor alentejano de chapéu preto  
Abrindo a face dura  
Aos bisnetos infelizes  
Dos colonos da Madeira,  
Aos fracassados de um trek  
Que outro trek levaria,  
Perdidos no azul da serra dupla,  
Honónima de si.

A internacional da rataria  
Lá como aqui merecedora  
De que os outros não sejam gatos.  
Os número 4 dos Peugeot espalhados pelas ruas  
Barbas patriarcais  
Dizendo ter passado a revolução  
De que terias gostado  
Para o riso interior  
De que te edificavas, destruías,  
Professor compensando-se nas sanzalas  
Dos onze filhos em casa  
Mil alunos nas faldas  
Da serra muda e enorme  
Para o arbítrio do homem  
Ainda que tenaz, determinado  
Sob o chapéu alentejano de Riba-Sor  
A parte da tua dor crucificada  
Para o regresso morto desde a Chela.

para Ernesto Lara Filho <sup>375[375]</sup>

Lembro o amigo  
O pied-noir de Angola  
Como tal exercido em Moçambique  
Oferecido à Imprensa  
E à Revolução.

O pied-noir exaltante  
De <sup>376[376]</sup> República Popular  
Entusiasmado e desconfiado  
Dos que não beberam  
Com ele na Feira Popular.  
«Aqui todas as noites se embebeda  
Ernesto Lara Filho»  
O fígado — que órgão! condenando-o  
À terra do seu nascimento  
À sombra de seu pai  
À irmã perdida pelo peso de querer  
Mais um filho.

Mas se tinhas o Ernesto  
Poeta minha irmã,  
Que falta te fazia mais um outro?

para Aníbal Arquimedes <sup>377[377]</sup>

Marchava a Norte quando a Luz pedia,  
O intenso tropear dos elefantes de Aníbal,  
Sua sina irrecusável. A Norte, mais a Norte,  
Desde o Ngiva. Do Kwanza para Norte  
Andava. As vozes lhe pediam arquimedissem  
Os azimutes, inginhelo <sup>378[378]</sup>, antes de tudo  
O génio das estradas, Arquimedes. Por isso,  
Sem relógio, sem lunetas, o último  
Suor descendo da carapinha à barba rala.

Como iria cantar, se não podia?

---

<sup>375[375]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 17.

<sup>376[376]</sup> Na 1ª ed., "Da República Popular" (p. 19).

<sup>377[377]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 18.

<sup>378[378]</sup> "engenheiro", na 1ª ed. (p. 20).

## **HOMENAGEM A TAGORE**

**para Belli Bello**

1<sup>379</sup>[379]

Quebraste, Ranjana, a inocência  
Ao apresentares-me, rapada, a face negra  
Que sabias procurava nos teus lábios,  
Nos teus seios, nos teus cabelos lisos.

Sabes, Ranjana, falas mais do que quer  
O teu silêncio, o teu «eu não sei», não sabes  
Como falam os teus olhos brilhantes,  
A língua que ofereces ingenuamente móvel  
À morna lentidão da minha boca.

Não podias gostar de Tagore  
Insensível que és ao seu folclore:  
Há um folclore ideal, outro  
Que se abstrai e aprofunda  
E os seus limites são os da mesma aldeia.

Tu não tens folclore, o corpo liso,  
Estatueta feita em *limestone*  
Com a consciência de que a beleza está no perdurar:  
Amanhã, a pedra sobre que se adivinham  
Ideogramas e impressões digitais.

2<sup>380</sup>[380]

A face escanhoadada  
Os lábios negros, súplices,  
A língua amodorrada em beijo azul-lilás:  
Ranjana, onde aprendeste a virgindade  
Depois de tanto saberes, desde a palavra védica,  
Em ti, ainda agora, perpetuada?

Protestas contra as fitas indianas  
Acusadas de music-hall e pores-de-Sol.  
Preferes a manhã detrás dos caules  
Que separam da minha a tua propriedade.  
Esse Sol intenso é a Índia, o espesso

---

<sup>379</sup>[379] Publicado em AFONSO, *O AFRICANO* (2ª ed), p. 19.

<sup>380</sup>[380] Publicado em AFONSO, *O AFRICANO* (2ª ed), p. 20.

Leite de seus rios lentos, o leite  
Que se gera na quentura dos úberes silenciosos,  
Como fêmeas sob a vigília dos machos.

3<sup>381</sup>[381]

Acedes à modorra, ou, Ranjana,  
Porque foges à música estelar desta sombria  
Pátria de que tens a voz,  
Voz que exalta tremores e quenturas  
A que te não submetes? Tua violência  
É a do terceiro mundo na miséria.  
Há miséria e miséria em cada canto  
Em que as ervas reverdecem,  
Tanta miséria ainda e tanta pompa  
Na lenta opulência da tua língua  
Ó Ranjana, tão lenta a forma de ofereceres  
Saliva à boca sugadora que te quer!

4<sup>382</sup>[382]

A miséria estendida numa mesa: Banquete  
Dos sem-casta requerendo a aristocracia.  
Canas ao pé de canas limitando  
O teu do meu jardim, Ranjana.  
A púbere sensualidade de teus lábios  
A língua espessa que como um rio  
Atravessa os limites da tua propriedade  
Para a minha, Ranjana. O rio  
Anjana é o nosso Rio.

5<sup>383</sup>[383]

O silêncio dos teus olhos dados,  
A fala soterrada <sup>384</sup>[384] para o além  
— Onde os olhos se apagam e nasce o som:  
Om Himalana <sup>385</sup>[385] de vida recusada

---

<sup>381</sup>[381] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 20.

<sup>382</sup>[382] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 21.

<sup>383</sup>[383] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 21.

<sup>384</sup>[384] "enterrada" na 1ª ed. (p. 23).

Om fixado no silêncio dos teus olhos dados.

6<sup>386</sup>[386]

A harpa sintetiza o som e o silêncio,  
Os olhos e a língua espessos de Ranjana.  
Tão lento é o silêncio como a luz coada.  
Om Himalaia, limite, a morte pávida  
O leite espesso, a saliva, a língua tarda.  
É lento o olhar, Ranjana, que reveste  
Como cabelos e arbustos a doce encosta.  
Lentidão de lava a vaca pasce.  
Dos pés descalços nascem rodas e sapatos  
Sobre o leito do Ganges, as praias do Mandovi,  
Leite, língua, lama sobre a lâmina  
De que foram feitos os signos desta idade,  
Cidade muda e subterrânea, comunidades  
Erectas como relva desse chão erótico  
Da lama dos templos com seu relevo.  
Eram castos os seios, breve o sexo  
E silenciosa e sábia, sem complexo  
A aceitação do fuste  
Que o Ganges prolongou a outro rio.

7<sup>387</sup>[387]

Os pássaros, Ranjana, vindos do outro mar  
São pombas, são gaivotas e procuram  
A calma petrificada em terra  
À volta da qual revolteiem, revolteiem  
As pombas, as gaivotas poisam  
Nos dedos de Ranjana, antes dos do poeta.

8<sup>388</sup>[388]

Os pássaros voam rentes às estátuas, às torres  
Aos fustes por que se concretiza a explosão retida

---

<sup>385</sup>[385] Pode-se tratar de uma gralha (Himalaia).

<sup>386</sup>[386] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 21.

<sup>387</sup>[387] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 22.

<sup>388</sup>[388] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 22.

De lamas, rios, leites, bostas. Os coqueiros  
Que fizeram suspirar Ribeiro, Bocage preso  
À liberdade intacta em sua gorja,  
Explosão de matas espessas sobre o leito  
Dos rios milenários e pacíficos.  
Anjana é o Rio da tua aldeia,  
Mandovi doméstico da tua comunidade,  
Milhares de canas, Ranjana,  
Separem teu pudor do olhar que queima.

9<sup>389</sup>[389]

Era o tempo, Ranjana, das filigranas  
Dos baixos relevos sobre o loess  
Aí onde os teus homens, tuas mulheres, os membros  
Do teu corpo se fundiram à terra do  
Teu Chão. Onde chegaram cristãos  
Para o folclore católico-romano no templo  
Dos teus Deuses. Por isso o Vento cresce  
E cresce o Mandovi na tua voz serena.  
É o suflar do vento quando o peito cresce,  
Ranjana, como crescem as lágrimas  
Nos teus olhos. A voz é o Om grávido  
Da natureza pejada, o Om  
Em que se enfurecem e eternizam o sangue e o leite.

10<sup>390</sup>[390]

Om himalaia de sangue, bosta, lama  
O território onde és as comunidades  
As canas, as vacas, os homens, para o Sol  
De que sobraste sábia e intacta.  
Om himalaia e neve, a água  
Espessa, a opulenta miséria do excesso  
A gravidez explosiva ainda e sempre  
Om... Om... Om... Om... Om...

---

<sup>389</sup>[389] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 22.

<sup>390</sup>[390] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 23.



## AMÉRICA!

1<sup>391</sup>[391]

Sabias que transatlanticamente, um dia,  
Me debruçaria sobre a água  
E ver-te-ia, pai!

Haveria de encontrar  
Um lago de fartura  
E um bife em sangue  
Da espessura  
Da tua angústia e fome.

Ser-me-ia oferecido  
Um cruzeiro indefinido  
Para as ilhas desertas  
Da tua esperança,  
E um farol no horizonte  
Como a beata persistente  
Do teu Francês Um.

Havia de haver tudo isso  
E águas exaltadas  
Mariscos, maçarocas  
Para a tua fome crua.

A timidez protege o teu menino  
Junto à amurada  
No lento cacilheiro para a outra margem.

2<sup>392</sup>[392]

Tanto Potomac, tanta ponte,  
América excessiva,  
Potlach iridescente iluminado a néon!

Os grandes automóveis  
Conduzem jovens grandes  
Dos supermercados para os televisores.

Que faz correr as pessoas em Washington?  
A ameaça nuclear?

---

<sup>391</sup>[391] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 24.

<sup>392</sup>[392] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 25.

A cardiovascular?  
Ou a exibição contínua, no Museu do Ar,  
Dos passos da corrida para a Lua?

Os esquilidos, famélicos, desérticos  
Homens do petróleo  
Perfilam-se nas bombas exaustas.

3<sup>393</sup>[393]

A rainha dos Kwakyutl  
Vai passear  
Com o primeiro comandante da guerrilha.

Um negro anglo-saxónico fez a sua aparição: polícia e gentleman.

A cidadania constrói-se sobre cartões de crédito.

É infindo o terminal do aeroporto:  
Dos viadutos e pontes para as avenidas,  
Junto às torres de vidro.

Arrancam-se depois as unhas para ver New York.

4<sup>394</sup>[394]

Ao velho jazzbandista dos anos 30  
Faltou o tempo para investigar,  
Algum dinheiro, **facilities**.

Sobrado do tráfico,  
Voou de Casablanca,  
O bilhete marcado para La Guardia.

Em cada seis meses  
Ruas, avenidas aparecem, desaparecem  
Em Brasília.

O sorriso aberto de Ajayi  
Era um hino a Londres e à BP.

Lembras-te de Las Casas  
O coração dividido entre índios e colonos?

---

<sup>393</sup>[393] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 25.

<sup>394</sup>[394] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 26.

O professor de Paramaribo  
É um velho chefe Índio  
Apaziguado pela universidade e a investigação científica.

As Caraíbas falam do corpo do homem  
Em sua comunicação de bandas estridentes.

O coração da Negritude  
Jazze no solo sagrado do Haiti.

O holocausto máximo da História  
Não se encontra nos arquivos.

No Palácio da Ega, Calçada da Boa-Hora,  
Procurou inutilmente a Rainha Jinga.

A plataforma doce de cabelo africano  
Sobre o perfil andaluz.

Azul, esmeralda, verde para terreiro de vodu:  
Ai babá!

As jovens haitianas afastam as costelas  
Para absorverem o hálito das florestas.

A mobilidade interna das sociedades imóveis  
Seus fluxos produtores de criouldade.

A cambulagem inocente das crianças  
Para as primas vistosas e dançantes.

Um longamente boquiaberto «Aaaah!»  
Acorda a América desde a África.

5 395[395]

Fustes erguidos em manhãs brumosas  
Sobre o Manhattan e à beira do Tamisa  
Que força os alevanta ainda e sempre?

Corriam as quintas avenidas de Lisboa  
O metropolitano atravessando  
O Tejo desde Setúbal  
Perfurando aterros, leitões, regueirões.

Procuravam a força para cima

A montanha russa da Feira Popular  
O Empire State e a torre dos correios  
De Picoas a Entrecampos.

Encontravam a Liberdade numa gaiola  
Os seios oferecidos pela moda do verão  
As línguas procurando-se  
Entre o quinquagésimo e o infinito.

Sentiam ser o amor um vão, devão  
Entre a outra vida e esta coisa tonta  
Um silêncio infiltrado entre ruídos de máquinas de escrever  
Uma luz de serão ofuscando os olhos gastos.

Sentiam ser o amor a vida  
Toda <sup>396[396]</sup>  
Cópia da eternidade antes do original  
O por-escrever que é toda a escrita.

Sabiam que um verso com um eléctrico  
Mais que uma biblioteca lhes desvendara Lisboa  
A de Belém, das caravelas, mais os urros  
Que viriam de além-mar, ultramar, aquém do mar.

As donzelas <sup>397[397]</sup> africanas na amurada  
Não pensavam que a Pátria repressasse assim  
Ó Pátria mais aquém que além do mar,  
A fome exige a história, Camões ali.

## **MEMÓRIA DE GONZAGA** <sup>398[398]</sup>

1 <sup>399[399]</sup>

Trespasa a lâmina do Sol  
Silenciosamente o colete, a casaca  
Com que encobres no peito a saudade  
Distante de outro continente.

Tantos suspiros para a saudade longa

---

<sup>396[396]</sup> Na 1ª ed. este verso está junto ao anterior.

<sup>397[397]</sup> No texto está "donzeas", cremos que por gralha.

<sup>398[398]</sup> O poema não fazia parte da 1ª edição.

<sup>399[399]</sup> Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 29.

Da ilha a continente! Degredo.  
O riquexó canta um haikai esquecido  
Enquanto um negro o puxa.

Tua face macua não me esquece  
Vejo-a saída de um salão de beleza  
Em Nova Iorque. Macua excessiva  
Com a claridade espantada de ser negra.

2<sup>400</sup>[400]

Na espuma branca se inscreve o canto  
Do afogado desembargo. Tu permaneces  
Intacta nessa lauda: defunta Doroteia  
És só Marília. O orgulho reinol  
Dos bacharéis arde ao primeiro contrato  
Nupcial. Só não arde o verso que tu eras  
Nem com o protesto da amada sem amor.  
A volta pela ilha em riquexó,  
Um olho à escravaria, outro à herdeira,  
Tomaz não está mais só. Com ele  
A claridade feita de bruma índica  
Do dourado pó de minas abandonadas.  
Pano de fundo ainda e sempre a escravatura  
Sem a qual não há poemas nem memórias.  
Sequer a inconfidência. Sequer o amor.

3<sup>401</sup>[401]

Dedos pos pés colhendo pepitas  
No alvião americano.  
A barca de flutuadores trazida da Indonésia.  
Ou a ordem disso tudo, o que procura  
O ex-desembargador, inconfidente, confidente  
Ante o silêncio horizontal do Índico  
De onde emigrará para a eternidade?  
Tomaz e mar. António e mar. Gonzaga e mar.  
Amar silêncio. Amar a idade. E naufragar  
Nessa ilha de coral, agora ou nunca.

---

<sup>400</sup>[400] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 30.

<sup>401</sup>[401] Publicado em *AFONSO, O AFRICANO* (2ª ed), p. 30.

**POEMAS SAÍDOS NOS 50 POEMAS E ATÉ ENTÃO NÃO  
PUBLICADOS EM LIVRO.**

**CONTA** <sup>402[402]</sup>

PASSA. Passa. Passa. Eu não adiro.  
Não por vontade ou escolha:  
O estar à margem (Queima não se molha,  
nem das gotículas?) não é o que prefiro.

CONTUDO sou. O marginal, o  
Aberrante, o alheio. Contudo  
Já fui rio, já fui eco. Mudo,  
Hoje vejo só passar. Não falo. Calo.

MINHAS fontes, minhas margens que haveis sido,  
Ruíste-vos de mim: e era segura,  
Não água solta, e ainda dura,  
— nada — de mim, o leito ido.

PASSA. Atira-me um pouco  
Da tua vida gasta, do teu fumo  
Do teu álcool, teus orgasmos — rumo  
ao delirante sonho, puro e louco.

CAIAM por sobre mim tal como  
as pétalas por sobre os mortos, fitas  
sobre as estátuas. Parado (Porque evitas  
olhar-me? morto, já não calculo: somo.

E mais. E mais. E mais. Caixa registadora  
De minhas dores, contabiliza  
O coração estreme (Este passa. Este pisa.  
Outro fere. Outro afaga) e já não chora.

---

<sup>402[402]</sup> Primeiro dos *50 poemas* (p. 17), assinado por "Mário António" e datado de 1958. Não fez parte de nenhum dos livros anteriores.

É para além do fundo a tua queda  
Em plena estação seca.  
A sedução de um rosto que  
Pensaste sobreposto ao que vias em reflexo,  
Na água se concretiza e é doce a luz,  
Com gelosia e música coada,  
Que sobre o corpo intacto põe um beijo.

# ÍNDICE

## **NÃO ERAM PALAVRAS**

**POEMAS ESCRITOS E PUBLICADOS EM LIVRO ATÉ À ANTOLOGIA  
100 POEMAS (inclusivamente)**

**POEMAS ESCRITOS E PUBLICADOS EM LIVRO ENTRE OS 100  
POEMAS E ATÉ À ANTOLOGIA 50 POEMAS (inclusivamente)**

POEMAS DE *ERA*, *TEMPO DE POESIA*

POEMA-LIVRO *NOSSA SENHORA DA VITÓRIA*

POEMAS PUBLICADOS EM *ROSTO DE EUROPA*

POEMAS PUBLICADOS EM *CORAÇÃO TRANSPLANTADO*

POEMAS PUBLICADOS EM *LUSÍADAS*

POEMAS PUBLICADOS EM *AFONSO, O AFRICANO*

**POEMAS SAÍDOS NOS 50 POEMAS E ATÉ ENTÃO NÃO  
PUBLICADOS EM LIVRO.**

---

<sup>403[403]</sup> Último dos *50 poemas* (p. 94). Não vem datado e apresenta, no início o número 12, pelo que se pressupõe que pertença a uma série escrita sob esse título.

